

CONFÚCIO A EXPANSÃO DO CHINÊS NO MUNDO QUE FALA PORTUGUÊS

Macau

澳門



MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

FRUTOS DA COOPERAÇÃO

Graças a um acordo entre Moçambique e o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong e Macau, as técnicas de um saber milenar chegam agora a milhares de moçambicanos



FAMÍLIAS MACAENSES
AS ORIGENS DE MAIS DE
500 CLÃS TRADICIONAIS



POPULAÇÃO MARÍTIMA
A HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS
QUE FAZEM DO MAR CASA



Coleccione Selos
de Macau

澳門郵票收藏

Collect
Macao's Stamps



同善濟世125載
Tung Sin Tong - 125 Anos de Solidariedade Social

澳門郵電 CTT



集郵發售QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau



Macau 澳門

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITORA EXECUTIVA

Maria João Oliveira

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIREÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda [CLL Design]

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORADORES

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Catarina Domingues,
Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes,
João Paulo Menezes (Portugal), Juvenal Rodrigues (São Tomé e Príncipe),
José Simões Morais, Hélder Beja (Portugal), Luciana Leitão,
Mónica Menezes (Portugal), Pedro Cativelos (Moçambique),
Sandra Lobo Pimentel

TRADUÇÃO

Sin lok I

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Ricardo Franco (Moçambique), Tatiana Lages, Tiago Alcântara

ILUSTRAÇÃO

Rodrigo de Matos

FOTOGRAFIA DA CAPA

Gabinete de Comunicação Social da RAEM

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Comercial de Macau, 251A-301
AIA Tower, 20.º andar, Sala 63
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



“A Medicina Tradicional China oferece técnicas básicas de tratamento que podem ser desenvolvidas em qualquer unidade de saúde, desde que haja pessoal capacitado”, bem como algumas terapêuticas de reabilitação “que se fossem levadas a cabo pelas técnicas da medicina moderna sairiam demasiado onerosas ao Estado”.

Estas palavras são da ministra da Saúde de Moçambique, Nazira Abdula, numa entrevista concedida em exclusivo à MACAU, a propósito de uma acção de formação em Maputo, em colaboração com o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional China para a Cooperação entre Guangdong e Macau.

O ponto da situação da cooperação neste campo entre a China – tendo a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) como plataforma – e Moçambique é um tema que destacamos nesta edição.

O trabalho jornalístico que apresentamos, escrito a partir da capital moçambicana, insere esta acção de formação no contexto mais lato da cooperação entre a República Popular da China e o país africano, que não é de agora, uma vez que remonta aos tempos da independência de Moçambique, que se concretizou no dia 25 de Junho de 1975.

A actual estratégia de interacção e cooperação da China com o mundo processa-se por diversas vertentes, incluindo a cultural e linguística. É aqui que se insere a política de abertura de institutos Confúcio em diversos países, incluindo os que compõem o mundo lusófono. A MACAU apresenta, nesta edição, um levantamento do que está a ser feito neste campo nos diversos países de língua portuguesa.

Ainda na vertente cultural é possível ler nesta edição uma interessante visita ao Museu da Rota Marítima da Seda da ilha de Hailing, na Província de Guangdong, construído na sequência da inesperada descoberta, em 1987, dos destroços de um junco da Dinastia Song, naufragado na foz do Rio das Pérolas. No que diz respeito à cultura tradicional chinesa recuperamos a festividade das Raparigas Solteiras ou das Sete Irmãs.

Luís Ortet





6 ACONTECEU
As notícias que marcam a actualidade da RAEM

12 A GRANDE BAÍA DO SUL DA CHINA
Novo projecto de integração regional quer aproveitar o melhor destas regiões e tornar-se numa “zona metropolitana de nível mundial”

16 MOÇAMBIQUE, MACAU E A MEDICINA TRADICIONAL CHINESA
Acordo de cooperação leva profissionais da medicina tradicional chinesa a Maputo

26 INSTITUTOS CONFÚCIOS EXPANDEM PRESENÇA NO UNIVERSO LUSÓFONO
No universo de língua portuguesa já abriram 17 Institutos Confúcio, cuja missão principal é o ensino do idioma chinês

36 RADAR LUSÓFONO
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa

42 FAMÍLIAS MACAENSES REVISITADAS
Segunda edição da obra de Jorge Forjaz inclui novos elementos-chave para a história da genealogia das famílias macaenses

50 A POPULAÇÃO MARÍTIMA DE MACAU
A pesca foi uma importante actividade económica em Macau e ainda hoje há famílias que fazem do mar a sua casa

58 UMA NOVA CASA PARA OS LIVROS
Sete edifícios no Porto Interior dão lugar à Biblioteca do Patane e continuam a contar uma parte importante da história da cidade

64 MUSEU DA ROTA MARÍTIMA DA SEDA
Uma viagem aos tempos áureos do comércio pelos mares num museu único na província de Guangdong

72 A FESTA DAS RAPARIGAS SOLTEIRAS
O clássico dia dos namorados chinês calha neste ano no dia 28 de Agosto do calendário gregoriano

78 ÁTRIO: LEI IENG WAI
O perfil do artista plástico Sylviye Lei, o mais recente vencedor do Prémio Fundação Oriente/Artes Plásticas

84 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS
Novidades e sugestões para os próximos meses

90 MEMÓRIAS: TEMPLO DE KUN IAN
A história e as estórias deste espaço icónico

PROCISSÃO DO CORPUS CHRISTI VOLTA ÀS RUAS DA CIDADE

Depois de uma ausência de 44 anos, a procissão do Corpus Christi voltou a sair às ruas de Macau. O cortejo tinha-se realizado pela última vez em 1973, mas a tradição foi este ano reactivada pelo Bispo Stephen Lee. O percurso começou na Sé Catedral, com a presença de centenas de fiéis e seguiu pela Rua da Sé, Travessa do Roquete e Largo do Senado, até chegar à Igreja de São Domingos. “No interior da igreja de São Domingos a custódia foi colocada no altar, em frente à imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos e ao lado de uma representação de Nossa Senhora. Após ser rezada uma oração, D. Stephen Lee traçou a cruz com a custódia e abençoou os fiéis que se encontravam ajoelhados. De seguida, o cortejo prosseguiu pela Rua de São Domingos até à Sé Catedral, tendo a custódia voltado a ser colocada no altar da igreja matriz”, descreveu o semanário católico de Macau *O Clarim*.





Macau celebra Mês de Portugal com mais de 20 actividades

A 10 de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas realizou-se pela manhã o habitual hastear da bandeira e a romaria à Gruta de Camões. A programação do dia de Portugal voltou este ano a estar integrada no Mês de Portugal, com a organização de cerca de 20 actividades culturais, incluindo música e teatro. O cantor português João Caetano subiu ao palco do Centro Cultural de Macau e André Gago, Carlos Barreto, António de Castro Caeiro e José Anjos levaram ao Teatro D. Pedro V a peça “No Precipício Era o Verbo”. Nos Estaleiros Navais foi inaugurada uma exposição de Vhils, que deixou ainda quatro trabalhos estampados nas paredes do território. Durante estes dias foi lançado também o CD infantil “Castelos no Ar”, trabalho dos colaboradores da Casa de Portugal em Macau. Numa recepção na residência consular, a 10 de Junho, o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, realçou que os portugueses são “parte integrante e fundamental” da sociedade. “Os portugueses aqui residentes e os macaenses têm demonstrado o seu esforço e contribuído largamente para o desenvolvimento socioeconómico de Macau”, referiu o responsável.



NOVO ESPAÇO CULTURAL ABRE PORTAS EM COLOANE

A “Casa do Povo”, uma nova galeria de arte, é um projecto cultural do fotógrafo Mica Costa-Grande, da jornalista Sofia Salgado e do escultor Eloi Scarva. O espaço, situado na vila de Coloane, abriu portas em Julho com o lançamento da obra poética *Pedaços de Espelhos e Anúbis*, de Carlos Santos, e a mostra fotográfica “Trabalhos Recentes”, de Carlos Malvas. Um dos objectivos do espaço, localizado na Travessa da Pipa, é levar mais arte para a vila de Coloane.

IPOR CRIA BALCÃO PARA APOIAR CHINESES QUE QUEREM ESTUDAR EM PORTUGAL

O Instituto Português do Oriente (IPOR) em Macau abriu um balcão para dar apoio aos estudantes chineses que estejam interessados em ingressar em instituições de ensino superior em Portugal. A iniciativa, levada a cabo em parceria com universidades portuguesas, o Gabinete de Apoio ao Ensino Superior de Macau e o Consulado-Geral de Portugal, vai funcionar durante todo o ano e disponibiliza informações sobre programas de estudo e vistos, dá apoio no processo de matrícula nas universidades e esclarece dúvidas sobre custos e qualidade de vida em Portugal.

ENCONTRADAS OITO NOVAS ESPÉCIES DE AVES

Em 2016, foram encontradas oito novas espécies de aves em Macau entre as 126 que vivem ou passaram pela cidade nesse ano. Desde 2007 Macau conta com mais de uma centena de espécies de aves. Dados facultados à agência Lusa pelo Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais dão conta de que nesse ano foram identificadas 124 aves. Em 2009 foram registadas 87, o número mais baixo, que subiu até 139 espécies em 2015. Entre as 126 espécies observadas no ano passado estão cinco espécies raras, com destaque para o colhereiro-de-cara-preta. Dos 3941 espécimes existentes no mundo, 44 foram encontrados em Macau em 2016.



GOVERNO AUMENTA SUBSÍDIOS ESCOLARES

O Executivo anunciou aumentos de 0,5 e 0,7 por cento para os subsídios de propinas e de escolaridade gratuita a conceder a alunos e escolas no ano escolar de 2017-2018. Um despacho publicado no Boletim Oficial dá conta dos aumentos, que terão efeito a partir de Setembro, do valor que é pago às escolas particulares associadas ao programa de escolaridade gratuita, desde o ensino infantil até ao secundário, bem como os subsídios de propinas pagos aos alunos do ensino particular não integrado na via gratuita.





RAEHK celebra 20 anos com visita de Xi Jinping

O Presidente Xi Jinping esteve em Hong Kong por ocasião do 20.º aniversário da transferência de administração do Reino Unido para a China. Ao longo da visita, o Presidente empossou a nova Chefe do Executivo de Hong Kong, Carrie Lam, que se tornou na primeira mulher a exercer o cargo. No dia 1 de Julho decorreu a cerimónia do hastear das bandeiras da China e da Região Administrativa Especial de Hong Kong na praça Bauhinia, no centro da cidade. Xi Jinping, que esteve três dias na região vizinha, testemunhou ainda a assinatura de um acordo-quadro para o desenvolvimento da estratégia da “Grande Baía” Guangdong-Hong Kong-Macau que aspira tornar-se uma região metropolitana de nível mundial.



Leonel Alves deixa AL

O advogado macaense, Leonel Alves, vai deixar a Assembleia Legislativa (AL) após 33 anos de trabalho como deputado. Em declarações à Rádio Macau, Leonel Alves explicou que chegou a hora de dar lugar a “novo sangue”: “A única razão é porque já estou na AL há 33 anos. Acho que é lugar para novo sangue, para outras pessoas com outras ideias assumirem essas funções, o que também seria benéfico para Macau”, disse o deputado eleito em 2013 por sufrágio indirecto. Alves tem 60 anos e vai manter-se como membro do Conselho Executivo, com mandato até 2019.

Macau envia apoio financeiro às vítimas de Pedrogão Grande

A Santa Casa da Misericórdia de Macau anunciou o envio de 200 mil euros para a União das Misericórdias Portuguesas, com o objectivo de apoiar as vítimas dos incêndios que afectaram Portugal durante o mês de Junho. A iniciativa junta-se à da Diocese de Macau, que organizou uma colecta para apoiar as vítimas e também à da Casa de Portugal em Macau que abriu uma conta solidária para recolher donativos destinados a ajudar as vítimas do incêndio que fez 64 mortos. O Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, enviou uma carta ao Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, endereçando condolências pelo incêndio. “Sob a sua liderança, senhor Presidente, o povo português conseguirá enfrentar este momento particularmente duro e ultrapassar esta situação dramática”, escreveu o responsável.



DIA INTERNACIONAL DO YOGA CELEBRADO EM COLOANE

A Pousada de Coloane foi palco de várias actividades organizadas por ocasião do Dia Internacional do Yoga, que se celebra a 21 de Junho. Ao longo de um sábado, o Yoga Loft juntou cerca de 100 pessoas de várias idades, incluindo crianças, para um programa que se estendeu até ao fim da tarde. Nesta segunda edição do evento houve aulas dedicadas à família, yoga na piscina, meditação, relaxamento, dança de Bollywood, entre outros. As actividades terminaram ao pôr-do-sol com música.



MORREU O ADVOGADO RUI AFONSO

O advogado e antigo deputado de Macau Rui Afonso passou grande parte da sua vida em Macau. Foi director dos Serviços de Administração e Função Pública na década de 1980, deputado entre 1984 e 1997, tendo ainda feito parte do Conselho Consultivo da Lei Básica e do Conselho Superior de Justiça de Macau. Em 2006, o português recebeu uma medalha de mérito profissional do governo de Macau. Morreu aos 70 anos, vítima de doença prolongada.



AIPIM COMEMORA ANIVERSÁRIO COM PALESTRA E JANTAR

A Associação de Imprensa em Português e Inglês de Macau (AIPIM) celebrou o seu 12.º aniversário a 8 de Julho com uma palestra e um jantar organizados no Clube Militar de Macau. João Guedes, jornalista e sócio fundador da associação, foi o orador convidado para a partilha “Um olhar sobre a história da imprensa portuguesa em Macau”. Seguiu-se um jantar para os sócios.



APOIOS ÀS PME E AOS JOVENS EMPRESÁRIOS AUMENTOU 21%

O Governo concedeu em Junho um total de 41,8 milhões de patacas em subsídios destinados a apoiar as pequenas e médias empresas (PME) e os jovens empresários da RAEM, segundo dados da Direcção dos Serviços de Economia. O montante global concedido em Junho representa um aumento de 21 por cento, em termos anuais, e de 119 por cento face a Maio. O valor refere-se a três programas de apoio às PME – o Plano de Garantia de Créditos a PME, o Plano de Garantia de Créditos a PME Destinados a Projecto Específico e ao Plano de Apoio a PME – e ainda ao Plano de Apoio a Jovens Empreendedores.



YANG CHONGWEI À FRENTE DO GPDP

Yang Chongwei tomou posse no Gabinete de Protecção dos Dados Pessoais sucedendo a Vasco Fong. Yang Chongwei começou a trabalhar na Administração Pública em 1999 e ocupou cargos de técnico superior no Instituto de Acção Social, tornando-se mais tarde coordenador-adjunto do gabinete que agora coordena. O responsável é licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de Macau e mestre em Serviço Social pela Universidade de Hong Kong. Frequenta neste momento o Doutoramento em Relações Internacionais pela Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau.

Benfica de Macau conquista “dobradinha”

O Benfica de Macau sagrou-se tetracampeão da Liga de Elite, após vencer o Sporting de Macau por 7-1. Desde que as águias de Macau subiram à primeira divisão, só não venceram o título no primeiro ano, que na altura foi conquistado pelo Monte Carlo, segundo lugar esta época. Em terceiro ficou o Chao Pak Kei, equipa também há poucos anos na primeira divisão. Esta foi uma temporada em cheio para equipa de Henrique Nunes, que conquistou ainda a Taça de Macau. Os encarnados derrotaram o Monte Carlo por 8-1.



Concluída estrutura principal da ponte que liga Hong Kong, Zhuhai e Macau

A estrutura principal da maior ponte do mundo, que vai ligar Hong Kong, Zhuhai e Macau está concluída, anunciou o gabinete de gestão da ponte. A construção demorou sete anos, prevendo-se que a ponte seja aberta à circulação no final do ano, afirmou Zhu Yongling, citado pela agência oficial chinesa Xinhua. A estrutura principal tem 29,6 quilómetros de comprimento (22,9 quilómetros é a secção principal e 6,7 quilómetros o túnel submarino). Ao todo, o comprimento da ponte é de 55 quilómetros. “A ponte passou todos os testes de riscos e vamos prepará-la para o público dentro de alguns meses”, acrescentou.



NÚMEROS

10,3%

ESTIMATIVA DE CRESCIMENTO DO PIB DE MACAU PARA ESTE ANO, SEGUNDO A ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT

MOP 3,96 MIL MILHÕES

NOVOS EMPRÉSTIMOS PARA ACTIVIDADES IMOBILIÁRIAS EM ABRIL (+76,7%)



CARLOS ANDRÉ DEIXA COORDENAÇÃO DE CENTRO DO IPM EM 2018

Carlos André vai deixar no próximo ano a coordenação do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa do Instituto Politécnico de Macau (IPM), por atingir o limite de idade. Em declarações transmitidas pelo TDM – Canal Macau, o investigador garante que não vai cortar a ligação com a RAEM e promete avançar com novos projectos no âmbito do centro ainda antes de deixar a coordenação do mesmo. O académico deixou a direcção da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra para vir coordenar, em 2013, o então recém-criado Centro do IPM.



EMPRESÁRIOS DE MACAU COM ACESSO FACILITADO ATRAVÉS DO CEPA

O Ministério do Comércio da RPC decidiu simplificar o sistema de apreciação e autorização do exercício de actividades no interior do País, aos investidores. A medida visa tornar mais fácil o acesso por parte de prestadores de serviços de Macau. A partir de agora, já não é necessária a autenticação notarial dos documentos de identificação dos residentes permanentes de Macau que se candidatem à qualificação profissional jurídica. A medida consta do Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o interior da China e Macau – também conhecido por acordo CEPA – e entrou em vigor a 1 de Julho.

Voos extras para o Verão

A Autoridade de Aviação Civil de Macau autorizou a realização de 142 voos comerciais durante o período de 4 de Julho a 31 de Agosto, para o Interior do País, Taiwan, Tailândia, Coreia do Sul e Japão, como forma de colmatar a alta procura no período de férias. Segundo um comunicado, a Air Macau vai operar mais 57 voos para Taipé e 26 para Kaohsiung, em Taiwan. Até finais de Agosto contam-se ainda mais 30 ligações com Banguécoque, na Tailândia, e outras 17 para Jeju na Coreia do Sul. Quanto ao Japão, a Air Macau vai oferecer mais quatro ligações para Okinawa. Há ainda oito voos extra para Ningbo, na China.



Air Macau e Capital Airlines parceiras na rota para Lisboa

A Air Macau e a Capital Airlines estabeleceram um acordo de parceria para a nova oferta comercial que serve o voo directo que a companhia área chinesa começou a operar em 25 de julho entre Pequim e Lisboa. Isso quer dizer que já é possível comprar um único bilhete e realizar um único check-in em Macau com destino a Lisboa, no voo que sai de Hangzhou e recolhe mais passageiros em Pequim antes de seguir para Portugal. Numa fase inicial a venda dos bilhetes está a ser feita através apenas de agências de viagens, mas a Air Macau admite que mais tarde possa estar acessível online.

MAIS ENERGIA LIMPA NA REDE DE MACAU

O Gabinete para o Desenvolvimento do Sector Energético e a China Southern Power Grid Corporation assinaram um suplemento ao Protocolo de Cooperação no Âmbito da Electricidade, que vigora entre 2010 e 2020. As duas partes acordaram promover o desenvolvimento e a cooperação sustentável. Neste suplemento é definido que a proporção de energia eléctrica limpa vendida pela empresa chinesa vai ser superior a 40 por cento. Um comunicado do Gabinete para o Desenvolvimento do Sector Energético indica que esta é uma forma de o Governo de Macau assumir um “compromisso” de combate às alterações climáticas.



3346 PESSOAS

MULTADAS ESTE ANO ATÉ 31 DE MAIO POR VIOLAREM LEI DE PREVENÇÃO E CONTROLO DO TABAGISMO

5736 CANDIDATOS

REQUERERAM ENTRE 15 DE FEVEREIRO E 30 DE JUNHO APOIO FINANCEIRO DO GOVERNO DE MACAU PARA ABATE DE MOTOCICLOS ALTAMENTE POLUENTES

MOP 19.994 MILHÕES

RECEITAS DOS CASINOS DE MACAU EM JUNHO (+25,9%)

* comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos



Festival de Cinema com novo director e mais filmes

O Festival Internacional de Cinema de Macau, lançado no ano passado, vai ter como director artístico o britânico Mike Goodridge, um estreante nestas funções com passado no jornalismo e na indústria cinematográfica, que pretende filmes “artísticos, mas acessíveis” na programação do certame. A segunda edição do evento decorre entre 8 e 14 de Dezembro e conta com um orçamento igual ao de 2016, 55 milhões de patacas, dos quais 20 milhões são suportados pelo Governo e o restante pela Associação de Cultura e Produção de Filmes e Televisão de Macau. De acordo com Mike Goodridge, a secção de competição internacional, na qual o principal prémio será de 60 mil dólares norte-americanos, vai agora centrar-se em realizadores menos experientes, com um ou dois filmes no currículo. O britânico terá a contribuição de uma equipa de consultores internacionais composta por Huang Jianxin, realizador e produtor chinês, Michael J. Werner, produtor norte-americano, Oh Jung-wan, produtora da Coreia do Sul, Nansun Shi, de Hong Kong, produtora e especialista na distribuição de filmes, e Luís Urbano, produtor português.

Macau formaliza candidatura a Cidade da Gastronomia da UNESCO

O Governo da RAEM já submeteu a candidatura de Macau à Rede de Cidades Criativas da UNESCO na categoria de gastronomia, segundo indicou a directora dos Serviços de Turismo, Helena de Senna Fernandes. Em declarações aos jornalistas, Senna Fernandes adiantou o resultado deverá ser conhecido em Outubro. A Rede de Cidades Criativas da UNESCO conta com mais de uma centena de cidades nas categorias de Artesanato e Arte Popular, Design, Cinema, Gastronomia, Literatura, Artes Multimédia e Música. A ideia de Macau avançar com uma candidatura tinha sido anunciada em Dezembro do ano passado, na Assembleia Legislativa, pelo secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Alexis Tam.

PREÇO DO METRO QUADRADO SOBE 48%

Em Maio, o preço médio do metro quadrado de Macau fixou-se em 114.463 patacas, segundo os Serviços de Finanças. O valor corresponde a um aumento anual de 48,2 por cento. Trata-se da primeira vez, este ano, que os valores ultrapassam a barreira das 100 mil patacas. A Taipa é a zona mais cara, com o preço médio do metro quadrado a totalizar 132.516 patacas. Em Coloane o preço é de 107.468, enquanto que na Península de Macau o metro quadrado custava em Maio em média 95.312 patacas.



UNIVERSIDADE DE MACAU NO 501.º LUGAR EM RANKING INTERNACIONAL

A Universidade de Macau mantém este ano a 501.º posição no *ranking* da “QS World University”, que elege as melhores instituições de ensino superior do mundo. Este *ranking* é liderado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) e inclui cinco universidades de Hong Kong: a primeira das quais é a Universidade de Hong Kong, que ocupa o 27.º lugar a nível mundial.

SUBSÍDIO PARA TORNAR MACAU “CIDADE INTELIGENTE”

O Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico de Macau vai atribuir subsídios de 500 mil patacas a projectos que visem tornar a região numa “cidade inteligente”. As candidaturas prolongam-se até 15 de Setembro. Transportes, turismo, medicina e políticas públicas são algumas das áreas abrangidas pelos subsídios. A execução dos projectos apresentados não pode exceder 18 meses.

‘EMBAIXADORES DAS CONVENÇÕES’ PROMOVEM RAEM

O Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) lançou em Julho o programa “Embaixadores das Convenções”, com o objectivo de promover o sector e atrair um maior número de eventos regionais e internacionais para Macau. A ideia consiste em convidar especialistas de diferentes áreas a utilizarem a influência profissional que têm no interior do País e no estrangeiro para divulgar as vantagens de Macau para a realização de grandes eventos. Para já, o IPIM avançou com seis Embaixadores: o português Orlando Monteiro da Silva, ex-presidente da Federação Dentária Internacional; Zhu Lilan, ex-ministra da Ciência e Tecnologia da China; He Jingtang, membro da Academia Chinesa de Engenharia; Li Ning, antigo atleta da selecção chinesa de ginástica; Tsui Lap-Chee, conceituado especialista em genética molecular; e Liu Chung Laung, membro do Conselho Consultivo do Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico de Macau.

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tablets disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.





GRANDE BAÍA GUANGDONG-HONG-KONG-MACAU

Uma zona metropolitana de nível mundial

A Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, projecto piloto de integração económica do Sul da China, quer aproveitar o melhor destas regiões e tornar-se numa “zona metropolitana de nível mundial”

T CATARINA DOMINGUES

MACAU, HONG Kong e Província de Guangdong transformadas numa área metropolitana tão competitiva quanto Los Angeles, Nova Iorque ou Tóquio. Este é um dos grandes objectivos do projecto “Área da Grande Baía”. A ambição poderá materializar-se já na próxima década, de acordo com o Centro Chinês para o Intercâmbio Económico Internacional, que está a dar apoio ao desenvolvimento do plano. “Até 2030, a área [da Grande Baía] deverá ter o maior PIB entre todas as áreas de baía mundiais e tornar-se num centro de manufactura avançada, assim como num centro global importante de inovação, finanças, transporte e comércio”, disse Zhang Xiaoqiang, vice-chefe-executivo desse centro. Citado pela agência oficial chinesa Xinhua, Zhang salientou

que o PIB regional da “Grande Baía” deverá alcançar 4,62 biliões de dólares americanos até 2030, ultrapassando então as grandes áreas que envolvem Tóquio, Nova Iorque ou São Francisco. “A área verá melhorias substanciais na capacidade de cooperação e concorrência globais e ascenderá ao topo dos agrupamentos de cidades mais conhecidas do mundo até 2030”, afirmou Zhang Xiaoqiang.

A “Área da Grande Baía” inclui as duas regiões administrativas de Macau e Hong Kong e nove cidades da Província de Guangdong, nomeadamente Dongguan, Foshan, Cantão, Huizhou, Jiangmen, Shenzhen, Zhaoqing, Zhongshan e Zhuhai.

Foi no início de Julho deste ano que este conceito da “Grande Baía” começou definitivamente a ganhar forma. Nesse mês, em Hong Kong, os representantes máximos das três regiões chinesas assinaram o acordo-quadro para o desenvolvimento da estratégia. O momento foi testemunhado pelo Presidente Xi Jinping, que se deslocou à região vizinha para participar nas comemorações do 20.º aniversário da transferência de administração de Hong Kong.

Em 2008, as três regiões tinham iniciado um debate sobre a possível criação de uma área metropolitana de nível mundial. Mas o conceito “Grande Baía” só apareceria



pela primeira vez alguns anos mais tarde, em 2015, num documento do Governo Central sobre a criação da “Rota da Seda e da Rota Marítima da Seda para o Século XXI”, projecto chinês que pretende reactivar o trajecto milenar que uniu o Oriente ao Ocidente. Em 2016, a ideia de integração económica destas regiões voltava a ser referida, dessa vez nas Linhas Gerais do 13.º Plano Quinquenal da China. Já este ano, o relatório de trabalho do Governo Central, aprovado durante o Congresso da Assembleia Popular Nacional, sublinhava a importância de “incrementar a cooperação aprofundada entre o Interior da China e Hong Kong/Macau, analisando a forma de elaborar um plano de desenvolvimento para a região metropolitana da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”.

De acordo com um comunicado do Gabinete do Porta-voz do Governo da RAEM, “a construção conjunta da Grande Baía criará uma região económica dotada de ainda mais vitalidade, desdobrando-se num ambiente com óptimas condições para viver, trabalhar e viajar, além de constituir-se numa zona-modelo para cooperação em profundidade entre a China Interior e as duas regiões especiais”. Esta região económica, continua o documento, deverá tornar-se numa “baía de primeira linha no plano internacional e uma zona metropolitana de nível mundial”.

Ainda segundo o gabinete, cabe a Macau incentivar a execução do princípio “Um País, Dois Sistemas” e reforçar a cooperação para servir o desenvolvimento de “Uma Faixa, Uma Rota”.

Já para o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, a Área da Grande Baía será pioneira na criação de uma zona dinâmica, competitiva e de excelência internacional. Durante a cerimónia de assinatura do “Acordo-Quadro para o reforço da cooperação Guangdong-Hong Kong-Macau e promoção

MACAU NA “GRANDE BAÍA”

Papel:

- Impulsionar o princípio “Um País, Dois Sistemas”;
- Estabelecer laços de cooperação para servirem o desenvolvimento da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”.

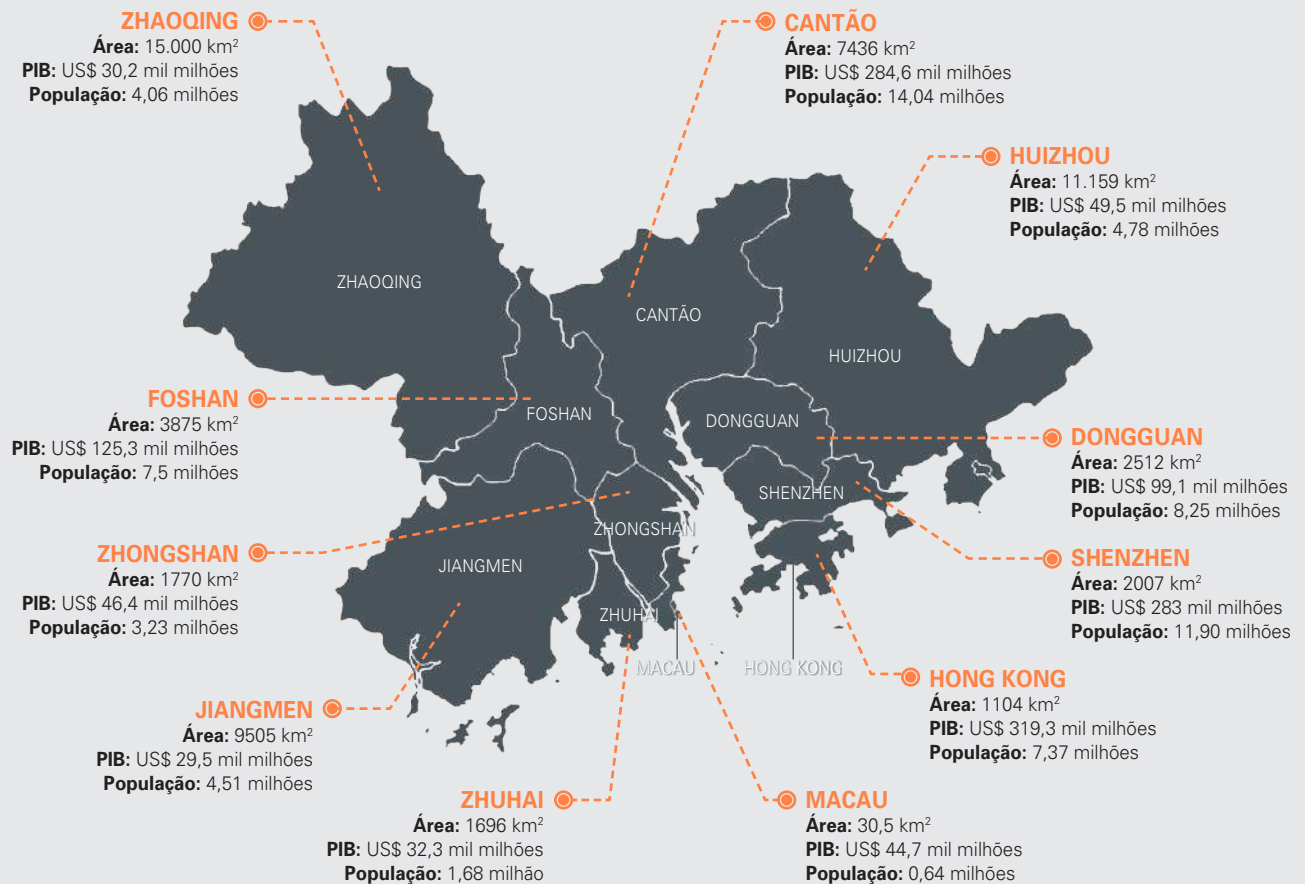
Função:

- Centro mundial de turismo e lazer com a criação de uma base de formação de recursos humanos em educação turística;
- Plataforma de serviços na cooperação entre a China e os países de língua portuguesa;
- Base de cooperação e diálogo, promovendo a coexistência de diversas culturas.

da construção da Grande Baía”, no dia 1 de Julho deste ano em Hong Kong, Chui Sai On apontou quatro áreas prioritárias a desenvolver por Macau na participação deste projecto, de que destacou a necessidade de uma melhor integração de Macau no desenvolvimento da China no âmbito do princípio “um país, dois sistemas”. “No futuro, Macau irá tomar a iniciativa de visar o reforço da comunicação com o Governo Central, empenhar-se na construção de Macau, aprofundar a integração do território no desenvolvimento de Guangdong e de Hong Kong e ainda utilizar de forma activa os recursos de todas as partes, com o objectivo de impulsionar da melhor maneira o desenvolvimento desta Área da Grande Baía e com um ritmo mais acelerado”, referiu. ■

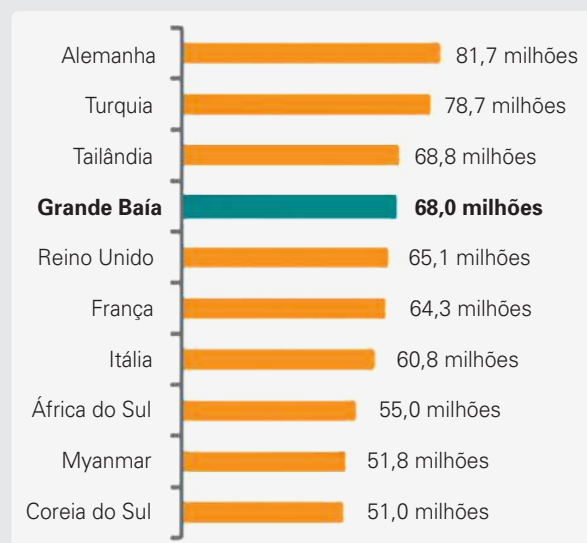
RAIO-X DA GRANDE BAÍA GUANGDONG - HONG KONG - MACAU

CIDADES ENLOBADAS NO PROJECTO DA GRANDE BAÍA



A GRANDE BAÍA EM COMPARAÇÃO COM OUTROS PAÍSES

POPULAÇÃO



TOP 10 PORTOS DE CONTENTORES DO MUNDO (2016)

1	Xangai	37.133
2	Singapura	30.904
3	Shenzhen	23.979
4	Ningbo-Zhoushan	21.561
5	Hong Kong	19.813
6	Busan	19.455
7	Cantão	18.850
8	Qingdao	18.050
9	Dubai	14.772
10	Tianjin	14.519

*Unidade equivalente a 20 pés (TEU)

TOP 15 MAIORES PIB DO MUNDO

Posição	País	US\$ Mil Milhões (2015)
1	Estados Unidos	18.037
2	China	11.226
3	Japão	4.382
4	Alemanha	3.365
5	Reino Unido	2.863
6	França	2.420
7	Índia	2.088
8	Itália	1.826
9	Brasil	1.801
10	Canadá	1.553
11	Coreia do Sul	1.383
12	Rússia	1.366
	Grande Baía	1.300
13	Austrália	1.230
14	Espanha	1.194
15	México	1.151

A GRANDE BAÍA X MAIORES ÁREAS METROPOLITANAS DO MUNDO

<p>Grande Baía</p> <p>Área: 56.000 km²</p> <p>PIB: US\$ 1,3 bilião</p> <p>População: 66,72 milhões</p> <p>Unidades administrativas: 9 cidades + 2 RAE</p>	<p>Baía de São Francisco</p> <p>Área: 17.900 km²</p> <p>PIB: US\$ 0,8 bilião</p> <p>População: 7,6 milhões</p> <p>Unidades administrativas: 9 condados</p>
<p>Grande Tóquio</p> <p>Área: 36.800 km²</p> <p>PIB: US\$ 1,8 bilião</p> <p>População: 43,84 milhões</p> <p>Unidades administrativas: 1 capital + 7 municípios</p>	<p>Cidade de Nova Iorque</p> <p>Área: 56.000 km²</p> <p>PIB: US\$ 1,7 bilião</p> <p>População: 8,6 milhões</p> <p>Unidades administrativas: 5 condados</p>

Fontes: FMI, Serviços de Estatísticas da RPC, Livro do Ano da RPC, Estatísticas Anuais da Província de Guangdong, Departamento de Censos e Estatísticas de Hong Kong, Direcção dos Serviços de Estatística e Censo de Macau



MOÇAMBIQUE

Saúde ancestral com um bem presente

T PEDRO CATIVELOS F RICARDO FRANCO
Em Moçambique

Graças a um acordo de cooperação entre Moçambique e o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong e Macau, as técnicas milenares de cuidado de saúde são hoje um conhecimento novo para centenas de técnicos moçambicanos que as vão passar a aplicar em milhares de pacientes, por todo o Moçambique



AS MÃOS de João percorrem os meridianos cardeais do corpo de Vanessa, a voluntária. Ao mesmo tempo, ele explica o movimento dos dedos. Empurram, seguram, deslizam com técnicas de massagem tui-na recém-aprendidas. Esta é uma das mais antigas técnicas da Medicina Tradicional Chinesa, uma espécie de medicamento natural para fazer circular a energia do sangue, com registos de utilização na China de há mais de 4000 anos. Mas, aqui e agora, este jovem faz renascer a tradição na ponta dos dedos em Moçambique. E explica, fazendo entender o que ali se pretende, e quais os seus benefícios. Os colegas observam-no, atentos. Os formadores chineses acenam, como alguém faz sempre que partilha algo que sente bem apreendido.

Este é um fragmento apenas de um dos muitos episódios que ocorreram ao longo das duas semanas da segunda formação em Medicina Tradicional Chinesa, que decorreu em Maputo,

capital de Moçambique. Numa acção promovida pelo Ministério da Saúde de Moçambique, o Instituto de Medicina Tradicional e o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong e Macau, com o apoio da embaixada da China em Moçambique, 43 jovens receberam uma formação de iniciação a três técnicas da Medicina Tradicional Chinesa. As menos invasivas, por enquanto, mas é só o começo: para além da massagem, também aprendem sobre moxabustão e ventosaterapia. Quanto à formação em acupunctura, ela acontecerá dentro em breve. “Moçambique pretende que todo este saber milenar, hoje já cientificamente comprovado da Medicina Tradicional Chinesa e utilizado em sistemas de saúde por esse mundo fora, seja também aplicado no Sistema Nacional de Saúde moçambicano”, explica Felisbela Gaspar, do Instituto de Medicina Tradicional.

Se na China, por exemplo, a medicina ocidental conquista espaço em muitos dos hospitais, que possibilitam aos utentes a possibilidade de optarem entre a medicina ocidental (ou moderna) e a tradicional, do outro lado do planeta o caminho percorre-se ao contrário. Em Inglaterra algumas terapias alternativas já fazem parte do sistema nacional de saúde há alguns anos e em Portugal, por exemplo, a medicina convencional aproxima-se cada vez mais das suas parceiras alternativas. Exemplo prático dessa realidade torna-se facilmente observável em algumas clínicas que as emparceiram no leque de serviços a prestar aos consumidores. Tal e qual como agora acontece em Moçambique, onde começa a deixar de ser inusual encontrar num mesmo local médicos, psiquiatras, naturopatas, homeopatas e todo o tipo de terapeutas de várias disciplinas naturais.

Nesse sentido, Moçambique tem vindo a legislar acerca da legalização



das medicinas tradicionais com um projecto de lei que assume como legais as práticas da Medicina Tradicional, como forma de impor disciplina na actividade de saúde. “Nós, como Ministério da Saúde (MISAU), gostaríamos que houvesse reconhecimento de que os praticantes da medicina tradicional são a primeira porta que a população encontra antes de recorrer à medicina moderna”, dizia Graça Cumbe, do Ministério de Saúde, no ano passado, acerca da matéria, antes da aprovação da legislação. Mas um quadro legal direccionado à Medicina Tradicional ainda está por chegar. No entanto, as evidências práticas mostram que as práticas da mais antiga escola de tratamento médico da história da humanidade começa a ser assimilada pelo sistema de saúde. Mas já lá vamos.

Parceria total

Nesta viagem, entre um saber do corpo baseado numa filosofia da mente comprovada ao longo de milénios, e um presente de contextos e dimensões tão diferentes da sua raiz original, importa perceber porquê este destino.

A China e Moçambique não são estranhos; as relações entre ambos os países vêm de longe [ver caixa]. Claro que hoje a parceria tem uma dimensão mais forte, que tem vindo a reforçar-se desde o início do século, aquando da primeira Cimeira Ministerial China-África, quando foi criado o Fórum de Cooperação China-África. Três anos depois, nascia o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (mais conhecido como Fórum de Macau).

Se olharmos a um dos momentos marcantes da história recente que liga ambos os países, ele aconteceu com a visita do Presidente chinês Hu Jintao a Maputo, em Fevereiro de 2007. Segundo o Centro de Promoção de Investimentos de Moçambique, o impacto dessa visita oficial foi tão grande que o investimento chinês em Moçambique, entre outras, passou de cerca de um milhão de dólares norte-america-



nos em 2006, para 61 milhões em 2007. Hoje, o investimento directo chinês na economia moçambicana chegou aos 5,7 mil milhões de dólares, de acordo com dados oficiais da Embaixada da China em Moçambique.

O enquadramento económico é o pano de fundo para entender o que significa hoje a China para a Pérola do Índico. Mas não é um passo maior que a perna passar à ideia seguinte. A parceria efectiva entre China e Moçambique não tem apenas a ver com investimento e trocas comerciais. O apoio do Governo de Pequim a uma das economias emergentes mais entusiasmante – não só pela dimensão das suas riquezas naturais, mas por ser, ainda hoje, uma das dez economias com mais reduzido PIB per capita a nível mundial (525 dólares, de acordo com o Banco Mundial) – materializa-se, entre outras, em áreas tão diversas como a agricultura, infra-estruturas, assistência técnica e empréstimos sem juros ou com juros bonificados. E também, claro, estende-se à educação, e principalmente à saúde.

Em 2006, um funcionário do Depar-

tamento de Saúde da província de Sichuan, Zhao Xinjie, sublinhava a um jornal chinês a importância da boa aplicação dos programas de cooperação entre a China e os países africanos de língua portuguesa no sector de saúde pública. “A China enviou em 1976 a primeira equipa de assistência médica a Moçambique. Até então, 250 médicos chineses em têm trabalhado no país.” E, de então para cá, esse número aumentou ainda mais. Para se perceber o impacto do auxílio chinês ao sistema de saúde moçambicano basta referir que, de acordo com estatísticas oficiais, só nos últimos 40 anos os médicos chineses presentes no país terão atendido cerca de 1,5 milhões de moçambicanos.

Ainda hoje no Hospital Central de Maputo, maior unidade de saúde de um país com 27 milhões de habitantes, está uma equipa residente de médicos chineses, que apoiam os seus colegas moçambicanos. “Desde a chegada da primeira equipa médica chinesa ao país o governo moçambicano sempre nos apoiou. Os funcionários do governo local visitaram-nos em hos-



pitais, conhecendo as condições de vida e trabalho, o que nos emociona. E a população moçambicana agradece as ajudas dos médicos chineses. Eles consideram que os médicos chineses são simpáticos e diligentes”, diz-nos um médico, com quem nos cruzamos num dos corredores do Hospital.

“A China continuará a enviar equipas médicas para os países africanos para ajudá-los a desenvolver os serviços de saúde”, assinala o conselheiro da embaixada chinesa em Maputo, Yu Xuan. “Já enviámos mais de 20 mil médicos para África. É um trabalho que fazemos, de partilhar o nosso conhecimento milenar, com países amigos. Aprofundando as relações económicas, políticas, e sociais, deste modo. Iremos continuar a fazê-lo”, diz à MACAU.

Desde que a primeira equipa médica chinesa desembarcou na Argélia, em 1963, as múltiplas missões de médicos chineses já actuaram em cerca de 50 países africanos, atendendo cerca de 200 milhões de pessoas. Já passaram por todos os países de língua portuguesa, de Cabo Verde à Guiné, de Angola a São Tomé, e passando (e ficando) por Moçambique. Ainda hoje estima-se em mais de mil o número de médicos chineses que continuam em África. E esse número tem tendência para aumentar.

Um novo velho mundo

“Relaxe... Isso... Esvazie a cabeça, deixe-se ir.” A atmosfera preenche-se de aromas tranquilizantes. Em cima da mesa fósforos aquecem-se em fricção, perto do moxabustão. Um tubo de artemísia incensada que será passada a poucos centímetros da flor da pele, soltando calor terapêutico, em fios que rumam sem lugar marcado nas ligeiras correntes de ar que se pressentem, e se dissipam, nas ondas sonoras, serenas, que tranquilizam o ambiente e as primeiras dores de quem por ali passa, procurando afugentar o sofrimento. A descrição tenta fazer jus ao processo. Não é simples, mas até é. E sereno. Humano. E tenta servir o propósito. Até para fazer face ao movimento rápi-

do de uma sociedade em que as drogas medicamentosas, como lhes chamam os técnicos de medicina chamada moderna, dominam e predominam, sobre a descrição do momento e a prescrição da sua urgente importância.

Voltamos à sala de aulas. E ao momento da entrega dos diplomas aos 43 jovens moçambicanos, agora prestes a serem oficialmente iniciados em Medicina Tradicional Chinesa. Vêm de todos os cantos do país. De Cabo Delgado, a quase 2700 quilómetros a nor-

te de Maputo, a Tete, zona áspere e quente onde do chão brota carvão. A maioria destes jovens é fisioterapeuta, mas também há enfermeiros e técnicos de saúde. Estiveram ao longo das últimas duas semanas a receber formação em técnicas de Medicina Tradicional, ministradas pelo MISAU, em parceria com o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong e Macau, que cumpre assim o seu desígnio de plataforma interna-

cional de intercâmbio da indústria de saúde. O Parque é uma base industrial internacional de Medicina Tradicional Chinesa que inclui tratamentos médicos, cuidados de saúde, transformação tecnológica, pesquisa e desenvolvimento de produtos de saúde, logística, convenções e exposições, e ao mesmo tempo, uma plataforma internacional de comércio de matérias-primas amigas do ambiente e de produtos de saúde de elevada qualidade. O Parque irá estabelecer no futuro, com base no Acordo-Quadro de Cooperação Guangdong-Macau e nos demais acordos entre as duas partes, cooperações estreitas em diversas áreas. E em vários países.

Como de há um ano para cá acontece em Moçambique. Este não é, de resto, o primeiro curso leccionado. Já no ano passado aconteceu uma acção similar, com aulas no Hospital Central de Maputo e no Hospital Mavalane, e de onde saíram 27 clínicos de hospitais públicos com um novo saber, que agora estão a aplicar em unidades de saúde de todo o país. “São cursos que visam capacitar os técnicos de saúde do Ministério de Saúde de Moçambique em algumas técnicas que possam coadjuvar o que já fazem para, nas suas ferramentas de trabalho, poderem incluir algumas práticas da Medicina Tradicional Chinesa que possam ser úteis nos cuidados de saúde primários à população”, explica a médica Xu Zhanghuan, uma das formadoras que acompanhou o grupo de alunos. “Eles são muito dedicados, muito atentos. Esperamos que tenham aprendido o máximo e que continuem interessados em querer aprender mais. E até quem sabe visitarem-nos em Macau, como alunos bolsseiros, para que possam prosseguir a sua formação.”

Eles, os meninos e meninas, já adultos, sorriem-lhe enquanto ouvem a conversa pelo mecanismo de tradução simultânea que lhes chega através dos auscultadores. Aprenderam que saber antigo não ocupa lugar... do mais novo. E que ambos podem até ser complementares. “Vamos sair daqui com novas ferramentas para poder fa-



UMA LONGA HISTÓRIA DE AMIZADE

Foi no século XIX que os primeiros imigrantes chineses desembarcaram em Moçambique. Eram apenas 30 técnicos, vinham da província de Guangdong e tiveram um papel predominante na construção das linhas de caminho-de-ferro que ligaram Moçambique ao Zimbabué e à África do Sul. Com comunidades cada vez mais enraizadas, a China começou a penetrar progressivamente no tecido social moçambicano. Diversos restaurantes, templos, clubes, escolas e clínicas terapêuticas surgiram no início do século XX, destacando-se, na Beira, em 1922, o Clube Chinês – também conhecido por Grémio – e a Escola Chinesa, onde, em 1950, se ensinava mandarim. Na capital do país, o Pagode Chinês abriu portas em 1903 e daria origem a uma Escola Chinesa. Já o restaurante Dragão de Ouro, situado onde hoje se ergue o Hotel Southern Sun, era tão renomado que a própria praia era mais conhecida pelo título do espaço comercial. A amizade com Moçambique seria reforçada também pelo apoio à luta pela independência nos anos 1960. A Embaixada da China foi das primeiras a abrir no Moçambique independente em 1975.

zer melhor o nosso trabalho. Temos limitações de material, de medicamentos, mas com estas técnicas a verdade é que se pode por vezes fazer tanto mais pelos pacientes com tão pouco. Mãos, conhecimento antigo, e algumas plantas. Nunca imaginei que isto fosse possível”, diz-nos Sandra Bila, uma das alunas.

Na cerimónia de atribuição dos diplomas, no último dia de formação, o vice-presidente do Parque, Yves Xie é uma visita tão ilustre quanto simpática a quem se lhe dirige. Depois de falar aos alunos sobre o programa de bolsas de estudo, incentivando-os a prosseguir o seu caminho, explica ainda a ideia subjacente a esta missão. “Queremos tornar a Medicina Tradicional Chinesa um conteúdo transmissível ao Sistema de Saúde Pública de Moçambique. Temos uma série de áreas de actuação no Parque Científico e Industrial, e pretendemos expandir os nossos conhecimentos por todo o mundo, funcionando como um pólo agregador de uma corrente de saber, mas, por outro lado, formar médicos e pessoas da área da saúde de todo o mundo que queiram partilhar dos nossos conhecimentos.” O vice-presidente do Parque considera ainda que o “sucesso” do curso demonstra que a cooperação com Moçambique “entra numa nova fase” e garantiu que o Parque irá trabalhar para fortalecer a cooperação com outros países de língua portuguesa.



Já o director nacional de Assistência Médica, Ussene Isse, que discursou dias antes na abertura do curso de formação, dizia algo parecido, esperando que os conhecimentos a serem adquiridos sejam aplicados por todo o território nacional. “As técnicas da Medicina Tradicional Chinesa têm sido praticadas em algumas unidades sanitárias a nível do Serviço Nacional de Saúde, tanto por especialistas chineses, coreanos e vietnamitas, como por colegas formados no primeiro curso desta medicina. Esta formação vai dotar os beneficiários de conhecimentos na área da

medicina chinesa com práticas simples, extremamente úteis nos locais onde existe défice de material para uso na medicina física e reabilitação”, disse.

Mas como viajar por um saber milenar em apenas duas semanas? Tobias, que tenta encontrar a distância correcta para aplicar o moxabustão, diz-nos, sem desviar o olhar e a atenção da ponta dos dedos. “É só um começo! Agora quero ir aprender mais! É uma coisa muito boa esta. Se muda a minha vida? Sim, sempre que a partir de agora eu conseguir melhorar a vida de alguém.”



AS TÉCNICAS

SÃO QUATRO AS TÉCNICAS BASILARES DA MEDICINA TRADICIONAL CHINESA QUE TÊM SIDO LECCIONADAS NAS ACÇÕES DE FORMAÇÃO EM MOÇAMBIQUE:



ACUPUNCTURA

A acupunctura é uma terapia milenar originária da China que consiste na aplicação de agulhas em pontos específicos do corpo para tratar doenças e promover a boa saúde. Estas agulhas, quando aplicadas sobre algumas regiões específicas, são capazes de tratar diversas doenças físicas ou emocionais como sinusite, asma, enxaqueca ou artrite, por exemplo, além de melhorar o sistema imunitário.



MASSAGEM TUI-NA

A massagem tui-na é um instrumento da Medicina Tradicional Chinesa que tem como objectivo dispersar, tonificar e harmonizar a energia e o sangue de um meridiano, órgão ou região, desbloqueando, retirando tensões, relaxando e reequilibrando as energias *yin* e *yang* do corpo. É executada depois de um diagnóstico que identifica e avalia os desequilíbrios energéticos a corrigir. Apesar de poder ser aplicada numa zona abrangente do corpo, a massagem tui-na deve ser executada nos mesmos pontos e meridianos como se uma sessão de acupunctura se tratasse, conferindo-lhe assim a sua vocação de massagem terapêutica.



MOXABUSTÃO

Originário do norte da China, moxabustão – ou jiuú, que significa, literalmente, “longo tempo de aplicação do fogo” – é considerada uma espécie de acupunctura térmica, feita pela combustão de um canudo de artemísia. É uma técnica terapêutica que se baseia nos mesmos princípios e conhecimentos dos meridianos de energia utilizados na acupunctura, sendo amplamente utilizada em outros sistemas de Medicina Oriental tradicionais como Japão, Coreia, Vietname, Tibete e Mongólia.



VENTOSATERAPIA

O uso de ventosas no Oriente foi desenvolvido com base na acupunctura, sendo que a aplicação de ventosas foi originalmente conhecida como Método Chifre. Os chifres dos animais eram aquecidos, criando-se um vácuo quando eram colocados sobre a pele. O propósito era tratar doenças e retirar o pus. A ventosa tem a propriedade de limpar o sangue das toxinas acumuladas no organismo produzida pelos alimentos e outras fontes poluentes.

Uma parceria saudável

Em exclusivo à MACAU, Nazira Abdula, ministra da Saúde de Moçambique, fala da parceria que aproxima dois países e duas culturas distantes, mas unidas cada vez mais pela cooperação conjunta em várias áreas. E a saúde é uma das grandes apostas de ambos os governos

Qual é a importância desta parceria entre Moçambique e a China ao nível da saúde?

A parceria que o Ministério da Saúde (MISAU) tem com o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chi-

nesa para a Cooperação entre Guangdong e Macau é muito importante para Moçambique, porque vem apoiar aquilo que é um dos principais pilares do nosso Plano Estratégico do sector da Saúde, que aponta para a necessidade de mais e melhores serviços. A nossa cobertura sanitária está a crescer e, por isso, precisamos de ampliar o leque de serviços das nossas unidades de saúde. A Medicina Tradicional Chinesa oferece técnicas básicas de tratamento que podem ser desenvolvidas em qualquer unidade de saúde, desde que haja pessoal capacitado. É isso que estamos a fazer.

Em que fase de desenvolvimento se encontra a Medicina Tradicional Chinesa em Moçambique? É uma área

que desperta o interesse dos utentes moçambicanos?

Temos uma relação de cooperação com a China desde a independência, e a vinda de médicos chineses faz parte desse pacote de cooperação, daí que sempre tenhamos tido grupos de médicos especializados em Medicina Tradicional Chinesa. Posso dizer que as pessoas também conhecem o valor desta medicina e podemos observar que a sua utilização tem ganho evidência nas grandes cidades de Moçambique, através do aumento do número de clínicas chinesas ou dos produtos medicinais chineses à venda no mercado. Isto mesmo apesar de, da nossa parte, ainda termos de aprovar regulamentos em relação a estas práticas. As técnicas da Medicina Tradicional Chinesa que estamos a implementar vêm melhorar as técnicas de reabilitação de algumas condições neurológicas, ortopédicas, cirúrgicas, musculares que se fossem levadas a cabo pelas técnicas da medicina moderna sairiam demasiado onerosas ao Estado.

Quantos medicamentos tradicionais chineses já têm utilização aprovada em Moçambique?

Temos oficialmente sete empresas que importam cerca de 50 produtos autorizados.

E quantos técnicos moçambicanos já exercem recorrendo a técnicas da Medicina Tradicional Chinesa?

Neste momento 61 e destes quatro estão neste momento em cursos avançados de aprofundamento de conhecimentos, dois deles na China. Temos ainda dez especialistas chineses conosco que estão cá a fazer o curso avançado que se iniciou a 17 de Junho, e que irá perdurar até Setembro.

De que forma a Medicina Tradicional Chinesa pode ser integrada no Sistema Nacional de Saúde?



ESTE ANO VAMOS INICIAR O DESENHO DA PLANTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO NO HOSPITAL CENTRAL DE MAPUTO [O MAIOR DO PAÍS] PARA QUE TENHAMOS ATÉ AO PRÓXIMO ANO UMA CLÍNICA DE MEDICINA TRADICIONAL CHINESA A FUNCIONAR

Através da formação de técnicos de saúde, que irão aplicar o que estão a aprender nos serviços de Hospital Central, Medicina Geral, e Hospitais Provinciais e Distritais, até às unidades de medicina física e reabilitação de todo o país.

Esta parceria com o Parque Científico e Industrial é para continuar?

Sem dúvida. E inclusivamente estamos a planificar as actividades que devem continuar este e no próximo ano. Este ano vamos iniciar o desenho da planta para a construção de um espaço no Hospital Central de Maputo [o maior do país] para que tenhamos até ao próximo ano uma Clínica de Medicina Tradicional Chinesa a funcionar. Estamos também a estudar a melhor forma de orientação para a prática de medicinas alternativas no país e, porventura, incluir a obrigatoriedade de

AS PESSOAS CONHECEM O VALOR DESTA MEDICINA E PODEMOS OBSERVAR QUE A SUA UTILIZAÇÃO TEM GANHO EVIDÊNCIA NAS GRANDES CIDADES DE MOÇAMBIQUE, ATRAVÉS DO AUMENTO DO NÚMERO DE CLÍNICAS CHINESES OU DOS PRODUTOS MEDICINAIS CHINESES À VENDA NO MERCADO

formação nestas técnicas em todos os cursos relacionados com medicina física e reabilitação. No próximo ano, iremos continuar com a formação dos nossos técnicos nestas práticas, para além de iniciar o projecto de controlo de qualidade do Instituto de Medicina Tradicional.

Quantos alunos foram formados nos últimos dois anos?

No ano passado foram 24 profissio-

nais, este ano já temos 76. E em Setembro, no curso avançado, teremos mais 12 jovens com formação.

Como é feita a selecção dos participantes nestes cursos?

É feita com base na formação prévia dos candidatos. São técnicos médios ou superiores de medicina física e de reabilitação, fisiatras, pediatras, fisioterapeutas e enfermeiros do nível superior. ■



COOPERAÇÃO 

Como a língua chinesa está a cativar o mundo lusófono



A dimensão universal alcançada pela China, motivada por razões de foro económico e comercial, despertou o interesse do mundo para a aprendizagem do mandarim. No universo de língua portuguesa já abriram 17 institutos Confúcio, cuja missão principal é o ensino do idioma chinês. A MACAU falou com Portugal, Brasil, Angola e Cabo Verde. A Confúcio deve-se também uma aproximação cultural entre estes parceiros comerciais



BRAGA. FOI aqui que abriu há 11 anos o primeiro Instituto Confúcio (IC) de Portugal e do todo o universo de língua portuguesa. Ano de fundação: 2006. Na altura, a Universidade do Minho (UM) contava já com uma licenciatura em Estudos Orientais – entretanto reestruturada com a designação de Línguas e Culturas Orientais. O IC nascia para dar apoio a esta oferta formativa do departamento de Estudos Asiáticos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da UM. Mas desde logo quis olhar outros horizontes e hoje mantém ainda diferentes níveis de língua chinesa e de chinês comercial e turístico.

Se nesse início o estabelecimento de ensino estava mais direccionado para apoiar estudantes universitários, actualmente está também presente em 15 escolas do ensino básico e secundário da região norte de Portugal, incluindo nas cidades do Porto, Guimarães e Santo Tirso.

Integrada no projecto está cerca de uma dezena de professores, na maioria chineses, como explica António Lázaro, director do IC de Braga. “É no fundo essa equipa que consegue sustentar o ensino do mandarim a diferentes níveis, também ao nível do ensino básico ou secundário, para além de eventualmente podermos dar apoio a alunos chineses que estão em algumas destas escolas e a quem podem ser úteis algumas sugestões ou apoio para um maior enquadramento local”, diz o responsável, acrescentando que “existe uma grande receptividade dos pais e dos alunos”.

Ainda de acordo com o director, já passaram pelas aulas do instituto “uns milhares de alunos”. O futuro profissional é um dos factores que pesa na escolha dos estudantes de língua chinesa. “Desde logo o fascínio pela China que, entre outras coisas, decorre do lugar que [o país] ocupa no mundo desde há muito, hoje cada vez mais, e a constatação de que o mandarim é a língua mais falada do mundo. Creio que estão incluídas razões de natureza profissional, muito práticas, como é a questão do interesse de uma formação na área para o mercado de trabalho.”

Além dos cursos de língua, e à semelhança dos outros IC espalhados pelo mundo, Braga promove também acções de divulgação da cultura chinesa, que incluem *workshops* em bibliotecas e escolas, colóquios, conferências e espectáculos.

Apoio empresarial

A Braga, seguiu-se Lisboa. O Instituto Confúcio da capital portuguesa, sediado na Faculdade de Letras da Universi-



JÁ PASSARAM PELO IC DE BRAGA MILHARES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES DE LÍNGUA CHINESA. O FUTURO PROFISSIONAL É UM DOS FACTORES QUE MAIS PESA NA ESCOLHA PELO MANDARIM

dade de Lisboa, abriu as portas em 2008. “Uma das primeiras coisas que fizemos foi dar apoio ao Comité Olímpico que iria para os Jogos Olímpicos de Pequim”, diz em entrevista à MACAU a directora do Instituto Confúcio em Lisboa, Teresa Cid.

Nove anos após este arranque, além do apoio que é dado ao curso de Estudos Asiáticos, “aquele que tem mais procura e notas mais elevadas de entrada na Faculdade de Letras”, o Instituto Confúcio chega também à generalidade da população, oferecendo cursos que vão desde o nível básico ao mais avançado. “Há muitas pes-

BRAGA, PORTUGAL
Universidade
do Minho
 JULHO DE 2006

Instituto parceiro:
Universidade
Nankai de Tianjin



soas interessadas na China”, assegura Teresa Cid, sublinhando que, mesmo em Lisboa, “a presença chinesa aumentou, existindo hoje uma comunidade muito mais alargada e diversificada”.

Segundo a direcção do estabelecimento de ensino, ao longo destes quase dez anos de existência, já terão frequentado as aulas do IC entre 1500 e 2000 alunos. São vários os grupos interessados na aprendizagem do chinês: desde universitários, passando por reformados até trabalhadores, com ou sem experiência profissional ligada à China. Os estudantes mais jovens são, também aqui, movidos por perspectivas profissionais. “Claro que são pessoas que têm algum interesse por essa cultura, porque ninguém aprende chinês se não tiver interesse, não é uma língua fácil.”

Há cerca de dois anos, Lisboa juntou-se, além disso, a outras zonas de Portugal, como é o caso de Braga, para integrar o projecto-piloto de ensino de mandarim a alunos dos cursos Científico-Humanísticos do ciclo secundário, resultante de um protocolo assinado pelo Ministério de Educação português e a sede do Instituto Confúcio, na China. “Não estamos numa fase de grande capacidade financeira e, por isso, temos de ver [como corre]. O ministério, e penso eu que muito bem, resolveu iniciar isto como um projecto-piloto que será avaliado no final deste ano lectivo. Penso que será para continuar, dadas as informações que tenho.”

Um dos focos da instituição passa também por dar apoio ao mundo empresarial, com cursos de língua e cultura chinesa direccionados a bancos ou empresas “que passaram a ter capital chinês”. A missão do IC, explica ainda Teresa Cid, vai mais longe: funciona como “uma plataforma de cooperação entre Portugal e a China, mais concretamente entre a zona de Lisboa e a China”. Nesta lista de contactos são dinamizadas parcerias e realizadas actividades com especialistas de várias áreas, como na Medicina Tradicional Chinesa.

Formação de professores

O IC de Lisboa tem como instituto parceiro a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin. É de lá que chega grande parte dos docentes para trabalhar no centro. Neste momento estão colocados sete professores a tempo inteiro, todos de nacionalidade chinesa, apesar de es-

INSTITUTOS CONFÚCIO QUEREM TRABALHAR COM MACAU

O Instituto Confúcio da Universidade Estadual Paulista (UNESP) quer “incrementar o contacto com Macau”, nomeadamente na divulgação das relações históricas entre a cidade e o Brasil, diz Luís António Paulino, director do centro da UNESP. “Tenho recebido a Revista de Cultura, produzida pelo Instituto Cultural da RAEM, que tem sempre bons artigos, mas raramente se centra sobre essas relações com o Brasil. Penso que esse é um ponto que poderia ser melhor explorado, já que um dos aspectos importantes da nossa actividade é essa questão do intercâmbio intercultural.” Em entrevista, o responsável relembra que Macau foi no passado um “elo importante de comunicação” entre o Brasil e a China e que “a própria formação social do Brasil”, está ligada ao Oriente. “Temos um sociólogo brasileiro, Gilberto Freire, já falecido há muitos anos, que destacava no seu trabalho o quanto a cultura oriental e também africana foi importante na formação social do Brasil, e isso é perceptível em aspectos exteriores, como na arquitectura, nos modos de vestir, sobretudo dos séculos XVII, XVIII e XIX, como também em aspectos sociais como a questão da formação da família e hábitos de alimentação.”

Também o Confúcio de Braga, na Universidade do Minho, em Portugal, gostaria de “estabelecer relações mais próximas” com a RAEM. António Lázaro, director do IC bracarense, revelou que têm sido feitos alguns contactos com instituições sediadas em Macau no sentido de colaborarem. “No meu horizonte, para além do crescimento sustentado, talvez distinguisse na missão que cabe ao Instituto Confúcio o aprofundamento da relação com a comunidade chinesa instalada em Portugal e, por outro lado, o estabelecimento de relações mais próximas com Macau.”

tar nos planos da instituição a contratação e formação de professores portugueses, que terá igualmente de ser aprovada pelo Hanban, sede do Instituto Confúcio na China. “Este ano já começámos, no fundo, a criar esse espaço de apoio à certificação dos professores que estão na





zona de Lisboa, mesmo que não sejam os nossos professores. Acharmos também que devemos avançar para esse processo essencial, para que depois haja uma oferta de ensino de chinês que seja validada até pelo Ministério de Educação”, refere ainda a coordenadora do pólo lisboeta.

Tian Shiyuan tem 30 anos, é natural de Xuan'en, província de Hubei. Formada em Ensino de Chinês como Língua Estrangeira, esta professora está a trabalhar há cerca de um ano no IC de Lisboa. A jovem docente, que lecciona quatro turmas – três de nível inicial e uma de nível intermédio – tem-se apercebido de um interesse crescente na língua chinesa. “Abrem cada vez mais cursos nas escolas secundárias, assiste-se a um reforço das relações económicas entre a China e Portugal, por isso, existe uma maior necessidade de encontrar pessoas fluentes em mandarim e que conheçam ambas as culturas”, refere à MACAU, realçando que o maior desafio para os alunos portugueses na aprendizagem do chinês é a pronúncia. “O mandarim é uma língua tonal e é difícil pronunciar naturalmente, depois temos os caracteres chineses que é [outra parte] muito difícil.” Antes de chegar a Lisboa, Tian Shiyuan trabalhou durante três anos no Instituto Confúcio da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em São Paulo, Brasil, onde iniciou a carreira no ensino de língua chinesa a estrangeiros.

Luís António Paulino, director do IC da UNESP, chama a atenção, por outro lado, para a dificuldade na contratação de professores de língua chinesa no Brasil. Uma das apostas deste centro, sublinha, incide na formação de docentes. No caso da UNESP, entre os 22 professores desta escola de São Paulo, trabalha uma especialista brasileira, que completou a licenciatura em língua chinesa e que, numa clara aposta do IC paulista, foi enviada por três anos para fazer o mestrado na Universidade de Hubei, estabelecimento parceiro da entidade brasileira.

À semelhança do IC de São Paulo, a formação de professores locais é também uma das missões prioritárias dos Institutos Confúcio em geral. “Temos alunos já com uma competência linguística muito superior ao que tínhamos há meia dúzia de anos, por isso, realizam o exame HSK 6 [nível máximo do exame de proficiência] com sucesso. Esses alunos estão já a preparar-se para ser professores, porque têm interesse no ensino. Alguns até já dão aulas em escolas privadas”, refere Teresa Cid do IC de Lisboa.

Centro de tradução

Luís António Paulino, director do IC da UNESP, foi quem sugeriu à faculdade o estabelecimento do Instituto Confúcio. Professor de Economia Internacional naquele estabe-

LISBOA, PORTUGAL
Universidade de Lisboa
 ABRIL DE 2008

Instituto parceiro:
Universidade de Estudos
Estrangeiros de Tianjin





À FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA CHINESA É UMA DAS MISSÕES PRIORITÁRIAS DOS INSTITUTOS CONFÚCIOS EM GERAL. NO BRASIL, A ORGANIZAÇÃO AINDA PARTICIPA EM PRODUÇÕES EDITORIAIS

lecimento de ensino superior brasileiro, trabalhou na Presidência da República entre 2003 e 2005 e no Ministério do Desporto entre 2012 e 2014, mantendo uma relação próxima com a China. “Tive muitos contactos naquele período, na época da primeira visita do presidente Lula da Silva à China, em 2005, depois do Presidente Hu Jintao ao Brasil no mesmo ano.”

Em entrevista à MACAU, Luís António Paulino refere que, devido à crescente importância económica e política da China no panorama mundial, também o interesse pela cultura e língua chinesas tem vindo a aumentar. Actualmente, considera o professor, a China deixou de ser vista como “algo exótico e estranho”, tornando-se “muito presente no dia-a-dia das pessoas”.

Luís António Paulino exemplifica: “No caso do Brasil, já é o nosso principal parceiro comercial, principal destino das exportações brasileiras, principal origem da importação. Existem hoje aqui no Brasil aproximadamente 100 empresas chinesas actuando nos diversos ramos, que inclusive demandam frequentemente mão-de-obra especializada que tenha conhecimento da língua chinesa.”

O IC da UNESP foi o primeiro a abrir as portas no Brasil, em Novembro de 2008, e é aquele que geograficamente tem um maior alcance universitário, com salas de aulas espalhadas por 11 cidades do interior de São Paulo, onde se encontram vários campus da universidade. Cerca de mil estudantes frequentam actualmente as aulas destes vários pólos do IC da UNESP.

A produção da revista bimestral em língua portuguesa do IC, através de uma equipa de brasileiros e chineses, é uma das missões deste centro, que tem desenvolvido também trabalho na tradução de clássicos da língua chinesa para o português. Os *Analectos* de Confúcio e o *Dao De Jing*, colecção de provérbios chineses de Laozi, são alguns dos exemplos. O apoio à investigação científica também é assegurado pelo IC brasileiro. “Temos um centro de estudos sobre a China que funciona junto com o instituto, temos várias pessoas desenvolvendo trabalho de pesquisa nas diversas áreas, o



instituto tem sido uma ferramenta de apoio importante também para o desenvolvimento da pesquisa académica.”

Único instituto “construído de raiz” em África

Luanda. Foi na capital angolana que abriu o mais recente de todos os Institutos Confúcio dos países de língua portuguesa. Estabelecido na Universidade Agostinho Neto, em Setembro de 2016 – as aulas começaram quatro meses antes –, o IC de Angola resulta de uma parceria entre a Universidade Agostinho Neto, o Hanban, a Universidade Normal de Harbin, instituição de ensino superior parceira, e a CITIC, empresa chinesa que actua na área da construção, finanças, energia e sector imobiliário. “Em África é o único Instituto Confúcio construído de raiz, todos os outros trabalham em espaços arrendados ou provisoriamente oferecidos”, começa por dizer Jesus Tomé, director do pólo em Luanda.

No primeiro ano de actividade, este IC recebeu cerca de 600 candidaturas, acabando por admitir apenas 160 estudantes para frequentar os cursos de língua e cultura. Este ano, a escola optou por fazer pela primeira vez um exame de acesso – dos 300 candidatos vão ser escolhidos 200, divididos em dez turmas de nível básico, coordenadas por quatro professores chineses.

Outros dados: a média de idade dos estudantes que frequentam as aulas de chinês do IC Luanda é de 20 anos; cerca de 90 por cento pertence à comunidade universitária, entre estudantes, docentes e trabalhadores não docentes; entre 80 e 85 por cento frequenta cursos de Engenharia e Ciências – a Universidade Agostinho Neto funciona geograficamente dispersa e o IC encontra-se no campus onde está instalada esta faculdade, a cerca de 40 quilómetros do cen-



tro de Luanda. “Há aqui dificuldades de mobilidade rodoviária, as pessoas podem ter muita vontade [de aprender chinês], mas depois não podem, o que obriga também a que a meio do ano, às vezes, tenhamos algumas desistências”, explica o coordenador.

Jesus Tomé realça ainda o facto de este ano se terem inscrito nos cursos de mandarim cerca de duas dezenas de agentes da polícia, de áreas como os serviços de migração, corpo de bombeiros, investigação criminal e serviços penitenciários. “Temos polícias e funcionários do Ministério do Interior que, do ponto de vista migratório e da regularização da situação migratória dos estrangeiros, lidam muito com cidadãos chineses, portanto, estão a aprender também connosco.”

Numa primeira fase, este instituto está vocacionado para “o ensino da língua chinesa na sua vertente básica”, com-



SÃO PAULO, BRASIL
Universal Estadual Paulista (UNESP)
 NOVEMBRO DE 2008

Instituto Parceiro:
Universidade de Hubei





plementando a oferta com actividades extracurriculares de tai-chi e ténis de mesa, mas segundo Jesus Tomé, o grande plano futuro passa por transformar o centro num departamento de ensino e investigação. “A nossa pretensão é mais ambiciosa [que apoiar um departamento da universidade]. Queremos transformar o curso de língua e cultura chinesas numa licenciatura e quem sabe num mestrado.”

Papel social de Cabo Verde

Cidade da Praia, Cabo Verde. No futuro, o objectivo é estender o ensino do mandarim a todas as ilhas do arquipélago mas, por enquanto, é na capital cabo-verdiana que funciona o único Instituto Confúcio do país. Integrado na Universidade de Cabo Verde, o estabelecimento abriu as portas a 18 de Dezembro de 2015 com o objectivo de levar o manda-

rim ao cabo-verdiano. É que, segundo a directora Ermelinda Tavares, a comunidade chinesa no arquipélago está a crescer, os negócios entre a China e Cabo Verde também, mas há ainda “um certo desconhecimento” em relação ao país, língua e cultura chinesas. “É uma coisa nova”, diz a responsável, admitindo que a procura de cursos de mandarim tem sido elevada, principalmente por parte de finalistas do ensino secundário que pretendem seguir os estudos universitários na China.

Além dos cursos oferecidos pelo IC, os professores contratados deslocam-se ainda a uma escola semi-pública na Ilha de Santiago, onde coordenam duas aulas de mandarim. Ermelinda Tavares destaca ainda o papel social que este instituto tem desenvolvido no seio da comunidade de Castelão, bairro da Cidade da Praia. “Como é um bairro problemático, os responsáveis resolveram ocupar os jovens que não estudam e que não estão ocupados com o ensino das línguas. Aprendem ali mandarim, russo, inglês, portanto é mesmo um objectivo do comunitário.”

Ainda segundo Ermelinda Tavares, no ano lectivo passado, o IC acompanhou cerca de 150 alunos nas instalações do estabelecimento, na universidade, escolas e na comunidade de Castelão. Mas quer ir mais longe: “Temos esse grande projecto com o Ministério de Educação, que é abrir as escolas-piloto de mandarim e temos também um outro grande projecto: assinámos na China um protocolo no sentido de aplicarmos o HSK, o teste de proficiência do mandarim”. A formação de professores, em cooperação com o Hanban, é outro dos objectivos deste centro. “Há muitos interessados, sobretudo cabo-verdianos que estiveram na China e têm o domínio da língua.” ■

LUANDA, ANGOLA

Universidade Agostinho Neto
MAIO DE 2016

Parceiros:

Universidade Normal de Harbin e CITIC



CIDADE DA PRAIA, CABO VERDE

Universidade de Cabo Verde
DEZEMBRO DE 2015

Instituto parceiro:

Universidade de Estudos Estrangeiros de Cantão



17 INSTITUTOS CONFÚCIO NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA



PORTUGAL (4)	LISBOA BRAGA COIMBRA AVEIRO	CABO VERDE (1)	CIDADE DA PRAIA	MOÇAMBIQUE (1)	MAPUTO	ANGOLA (1)	LUANDA
BRASIL (10)	SÃO PAULO (2) BELO HORIZONTE RECIFE PORTO ALEGRE BRASÍLIA RIO DE JANEIRO CAMPINAS BELÉM FORTALEZA						



CONFÚCIO PELO MUNDO AFORA

O primeiro Instituto Confúcio abriu em **Seul**, Coreia do Sul, em 2004. Ao todo existem **500** Institutos Confúcio no mundo em **155 países/regiões**.

CONTINENTE	INSTITUTOS	PAÍSES OU REGIÕES
ÁSIA	110	33
ÁFRICA	46	38
AMÉRICA	157	22
EUROPA	169	42
OCEÂNIA	18	5

Fonte: Hanban, sede do Instituto Confúcio



中國—葡語國家經貿合作及人才信息網

Portal para a Cooperação na Área Económica, Comercial e de Recursos Humanos entre a China e os Países de Língua Portuguesa

www.platformchinapl.mo

平台網站現已開通
O portal já se encontra disponível

微信 WECHAT: platformchinapl

歡迎通過社交平台關注我們
SEJA BEM-VINDO A UTILIZAR AS PLATAFORMAS
SOCIAIS PARA NOS SEGUIR

一個經貿人才信息共享平台 · 共創中國及葡語系國家市場商機

Uma Plataforma de Partilha de Informação Económica, Comercial e Recursos Humanos, juntando Esforços na Criação de Oportunidades de Negócios nos Mercados da China e dos Países de Língua Portuguesa

中葡經貿合作會展中心

Centro de Convenções e Exposições para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa

葡語國家食品集散中心 網上貿易平台

Plataforma de Comércio Electrónico Online para o Centro de Distribuição de Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa

中葡中小企業商貿服務中心

Centro de Serviços Comerciais para as Pequenas e Médias Empresas da China e dos Países de Língua Portuguesa

主辦單位
Entidades Organizadoras

中華人民共和國商務部
Ministério do Comércio da República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司
Secretaria para a Economia e Finanças da RAEM

承辦單位
Entidade Coordenadora

澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute



EMPRESÁRIO LOCAL ASSINA ACORDO PARA ABRIR BANCO EM CABO VERDE

O empresário de Macau David Chow assinou um acordo com o governo de Cabo Verde para a abertura de um banco naquele país, onde já tem em construção um empreendimento turístico com casino, hotéis, restauração e outras áreas de entretenimento. O acordo, assinado pela embaixadora de Cabo Verde em Pequim, Tania Romualdo, e David Chow, visa estabelecer na cidade da Praia a instituição de crédito Banco Sino-Atlântico. Este novo banco tem como objectivo “contribuir para o desenvolvimento do sistema financeiro da República de Cabo Verde, dar apoio às pequenas e médias empresas do país, facilitar os pagamentos locais e internacionais e, de modo geral, apoiar a política monetária definida pelo Governo” de Cabo Verde.

CHINA SOUTHERN AIRLINES VAI VOAR PARA O BRASIL

A China Southern Airlines, companhia aérea estatal chinesa, tem planos para operar voos entre o Brasil e a China. Wu Guoxiang, director-geral de marketing da China Southern Airlines, falou à imprensa sobre os planos de expansão da empresa, revelando que a companhia vai passar a contar com mais três a cinco novos itinerários na América do Sul e África. Após inaugurar em 2015 voos para Nairobi, no Quênia, a China Southern Airlines quer também voar para Joanesburgo, na África do Sul. “Como contamos com um enorme volume de passageiros domésticos, temos a capacidade e a oportunidade de lançar novas rotas”, afirmou o responsável. Wu revelou ainda um pouco da estratégia da companhia. “Passámos dez anos a desenvolver a nossa rota internacional. Para muitos novos destinos, somos principiantes, por isso, temos de deixar o mercado conhecer-nos. A forma mais simples de o fazer é praticar preços baixos”, apontou.



BANCO DE MOÇAMBIQUE APOSTA EM TRANSAÇÕES EM MOEDA CHINESA

O Millennium bim, detido maioritariamente pelo grupo Banco Comercial Português, lançou um serviço de transacções cambiais em moeda chinesa. “Esta medida visa facilitar a concretização de negócios e o processo de trocas comerciais entre as empresas clientes do Millennium bim e os seus fornecedores chineses, numa altura em que a China se assume como um dos principais parceiros económicos de Moçambique”, revelou o banco, sublinhando que o serviço foi criado no âmbito do Sistema de Pagamentos Internacionais da China (CIPS) e que os clientes que beneficiam do serviço devem cumprir os requisitos exigidos pelas autoridades chinesas. “Esta transação não têm limite de transferência bastando apenas que as empresas beneficiárias tenham contas sediadas em território chinês”, indica a instituição num comunicado.

PROFISSIONAIS DOS MÉDIA DE CABO VERDE NA CHINA PARA FORMAÇÃO

Um grupo de 17 jornalistas e assessores de comunicação cabo-verdianos esteve na China para participar numa formação para profissionais da imprensa. O evento, organizado pelo Ministério do Comércio chinês e com duração de 19 dias, foi noticiado pelo jornal cabo-verdiano *A Nação*, que escreveu que o objectivo é “conhecer o desenvolvimento da sociedade e a economia da China, bem como políticas e medidas chinesas, especialmente,

os bons resultados e as lições retiradas depois da Reforma e Abertura da China”. Ao longo desta formação realizaram-se palestras, debates e visitas. Este é um evento destinado a países em desenvolvimento, com apoio do governo da China. “Aliás, dizem os seus organizadores, este tipo de evento constitui uma ponte de amizade e cooperação entre aquele país asiático e os países beneficiários”, concluiu o periódico.



CHINA ANUNCIA PERDÃO PARCIAL DA DÍVIDA DE ANGOLA

O Governo Central concedeu um perdão parcial da dívida angolana. No total são 97,37 milhões de yuans e representam metade do valor de dois empréstimos que estavam por liquidar. O total da dívida deveria ter sido amortizado até 2015, o que não aconteceu. O acordo foi assinado no início de Junho, em Luanda, durante conversações oficiais realizadas no Ministério das Relações Exteriores de Angola, na sequência da visita do conselheiro de Estado do Conselho da República Popular da China, Wang Yong, ao país. Segundo os representantes chineses, o objectivo do acordo passa por continuar a apoiar o desenvolvimento da economia angolana e aliviar o encargo de dívida.



MAIS DE 60 EMPRESÁRIOS LOCAIS EM CABO VERDE E PORTUGAL PARA FÓRUMS SINO-LUSÓFONOS

Mais de 60 empresários de Macau participaram em Junho, em Cabo Verde e Portugal, em fóruns subordinados à cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa. Em Cabo Verde, a delegação esteve na Cidade da Praia, onde participou no Encontro de Empresários e assistiu a uma sessão de apresentação do fundo chinês de mil milhões de dólares norte-americanos, destinado a investimentos de e para os países de língua portuguesa. Depois de Cabo Verde, a delegação partiu para Portugal, onde o Instituto de Promoção e Comércio de Macau (IPIM) organizou, em Lisboa, em conjunto com o Conselho para a Promoção do Comércio Internacional da China e a Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, uma sessão de apresentação da situação económica e ambiente de investimento em Macau e na China. A comitiva visitou também a Feira & Fórum Internacional de Negócios China-Países de Língua Portuguesa e Espanhola (FIN2017), que se realizou na Exponor, no Porto.



UCCLA EM MACAU PARA DINAMIZAR PLATAFORMA ENTRE A CHINA E PLP

Uma delegação da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA) esteve em Macau entre 11 e 14 de Junho, onde se reuniu com membros do governo e entidades empresariais. Macau “faz parte da UCCLA desde o princípio e a partir da altura em que a República Popular da China passou a considerar esta Região Administrativa Especial como plataforma de relacionamento com os países de língua oficial portuguesa, obviamente que o interesse – quer de Macau, quer das demais cidades – cresceu na proporção dos objectivos”, afirmou à Lusa o secretário-geral da UCCLA, Vítor Ramalho. Neste sentido, “é natural que o governo de Macau tenha feito este convite para a UCCLA vir cá oficialmente”, realçou à Lusa, apontando que, na perspectiva da organização, tal justifica-se com o “objectivo que a Região Administrativa Especial tem de dinamizar, quer o Fórum de Macau, quer o fundo criado para apoiar os países de língua portuguesa”. Vítor Ramalho referia-se ao fundo chinês de mil milhões de dólares norte-americanos destinado a investimentos de e para os países lusófonos, criado em 2013. Neste âmbito, o secretário-geral da UCCLA sustentou ser “do interesse das cidades e dos países” perceber o enquadramento das condições em que as candidaturas ao fundo podem ser apresentadas e, “por intermédio” da sua concretização, “dinamizar as relações de natureza económica e cultural”.



LITERATURA ESTREITA RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL E CHINA

“São muito antigas as pontes culturais entre Portugal e a China, graças, em muito, ao papel que Macau desempenha. Macau é um lugar privilegiado de cruzamento entre Portugal e China, entre o Ocidente e o Oriente”, disse o ministro português da Cultura Luís Castro Mendes no encerramento do 1.º Fórum Literário Portugal-China, que se realizou em Junho, em Lisboa. O ministro destacou o património cultural da literatura clássica e sublinhou que a literatura chinesa contemporânea constitui um território de descobrimento. “É para começar a colmatar e a combater esta carência que se fez este fórum. Espero que tenha contribuído para estreitar relações e espero que tais pontes nos aproximem cada vez mais uns dos outros”, disse. O fórum reuniu escritores portugueses e chineses, que debateram os temas da literatura, sociedade e inclusão. O debate abriu com a escritora portuguesa Dulce Maria Cardoso, que, como disse a presidente da Associação Chinesa de Escritores, Tie Ning, “não está publicada na China, mas vai ser”. O escritor Zhan Wei, vice-presidente da Associação Chinesa de escritores, centrou a sua atenção na Internet e na forma como esta põe em risco o individualismo e a apreciação da arte. Já Chi Zijian disse considerar que a literatura, como criação individual, não se pode separar da sociedade e defendeu que um escritor deve conseguir integrar-se na sociedade para observar e exteriorizar-se, para conseguir dar vida à história que quer contar. A realização do Fórum Literário Portugal-China resulta de um memorando de entendimento assinado entre Portugal e a China, em 2015, em Pequim.

LISBOA ALBERGA CENTRO PARA EMPRESAS CHINESES

A RAEM deverá abrir ainda este ano um espaço em Lisboa, que servirá de porta de entrada no mercado europeu para duas dezenas de empresas de Macau e do interior do País, segundo informações avançadas pelo secretário de Estado da Indústria português, que adiantou ainda que espera ver abrir, também este ano, um centro em Macau para empreendedores portugueses, estando já há procura de um local na região. João Vasconcelos – que participou em Junho no 8.º Fórum Internacional sobre o Investimento e a Construção de Infra-estruturas – esteve em Macau com uma delegação de representantes de 20 entidades portuguesas, numa missão empresarial voltada para as áreas da tecnologia, informática e electrónica. A comitiva lusa passou primeiro por Shenzhen e por Zhuhai. “A RAEM, através dos seus Serviços de Economia, vai ter um espaço em Lisboa para 20 empresas da China e de Macau poderem, quando quiserem ir para a Europa, utilizar Lisboa como porta de entrada na Europa. E nós também vamos ter um espaço aqui para os nossos empreendedores virem para cá e terem um ‘soft landing’”, explicou o responsável aos jornalistas de Macau. João Vasconcelos acrescentou que a iniciativa bilateral surge na sequência da passagem por Portugal, em Dezembro de 2016, do secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong Vai Tac: “Isto é tudo fruto do acordo entre os dois governos, é resultado da visita do secretário Lionel Leong a Lisboa, onde avançamos com esse acordo. Tanto que toda esta visita foi organizada pelos Serviços de Economia da RAEM”, esclareceu. A abertura de um espaço na capital portuguesa, perspectiva o secretário de Estado, deverá efectivar-se ainda em 2017. “Ainda este ano. Gostávamos que pelo momento da Web Summit [em Novembro], daquela grande conferência de tecnologia, que possamos apresentar ao mundo essa parceria. Seremos o primeiro país da Europa com uma parceria destas com a China. E que permite a qualquer empreendedor de ambos os sítios ter um contexto mais amigável para se basear aqui, ou os daqui lá”, explica.



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE NOMEIA DELEGADO AO FÓRUM DE MACAU

São Tomé e Príncipe nomeou Gualter Vera Cruz para delegado junto do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, anunciou Xu Yingzhen, secretária-geral da instituição. Com a nomeação de Vera Cruz, assessor do ministro das Finanças, Comércio e Economia de São Tomé e Príncipe, que deverá assumir funções durante a próxima reunião ordinária do Secretariado Permanente do organismo, o Fórum de Macau passa a contar com delegados dos oito países de língua portuguesa: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. São Tomé e Príncipe foi admitido no Fórum de Macau em Março de 2017 depois de ter restabelecido relações diplomáticas com a República Popular da China em Dezembro de 2016. O Fórum de Macau está a atravessar uma fase de ajustamento e reestruturação interna para dar respostas mais céleres e eficazes ao seu papel de ligação da China com os países de língua portuguesa. Além da nomeação em 2016 da nova secretária-geral Xu Yingzhen, indicada pela China, o Ministério do Comércio nomeou este ano Ding Tian como secretário-geral adjunto, que se juntou a Echo Chan, também secretária-geral adjunta mas nomeada pelo governo de Macau. Ainda no âmbito da reestruturação do Fórum de Macau o governo de Macau nomeou Teresa Mok como coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente. A estrutura de coordenação do Fórum de Macau inclui igualmente Hu Huajun, como coordenador do Gabinete de Administração e o delegado de Timor-Leste Danilo Henriques na qualidade de coordenador do Gabinete de Ligação em representação dos países de língua portuguesa.



CABO VERDE TEM NOVO DELEGADO NO FÓRUM DE MACAU

O actual delegado de Cabo Verde junto do Fórum Macau, Mário Vicente, está de saída e vai ser substituído em Agosto por Nuno Furtado, segundo notícia confirmada ao diário *Ponto Final* pelo Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Numa altura em que se acerca o momento da mudança, o organismo revelou esperar que as relações entre os dois países se continuem a desenvolver de forma positiva, deixando elogios ao trabalho desenvolvido por Mário Vicente. "O actual delegado tem uma experiência de trabalho muito rica e um profundo conhecimento da situação da China e dos países de língua portuguesa. Durante o seu trabalho junto do Secretariado Permanente teve contribuições muito positivas na construção do mecanismo de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa", explicou fonte oficial do Fórum Macau. "Acreditamos que o novo representante fará, como sempre tem acontecido, os melhores esforços", frisou. Nuno Furtado tem 41 anos e é formado em Política Internacional pela Universidade do Povo em Pequim, instituição onde ingressou no ano de 1997. Uma das grandes vantagens para Nuno Furtado no desempenho do cargo que vai passar a ocupar é o facto de falar fluentemente mandarim, idioma que aprendeu durante o período em que estudou na capital chinesa.



RITA SANTOS ESCOLHIDA COMO REPRESENTANTE DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE SERVIÇOS DO BRASIL

Rita Santos, presidente da mesa da assembleia geral da Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau (ATFPM) e Conselheira das Comunidades Portuguesas, foi nomeada em Junho representante oficial da Confederação Nacional de Serviços do Brasil (CNS) na RAEM. A entidade privada congrega seis federações e 60 sindicatos de vários sectores de serviços, representando mais de 400 mil empresas no Brasil. "Estamos nomeando a nossa amiga Rita Santos como representante da CNS em Macau mas, principalmente, e, também, na China Continental. Temos a certeza que fizemos uma escolha certa", referiu o presidente fundador da CNS, Luigi Nese, numa conferência de imprensa sobre o tema. A nomeação e o certificado atribuídos a Rita Santos surgem na sequência do trabalho realizado pelo organismo brasileiro desde 2012 e da assinatura de um memorando de entendimento no sector de serviços com a República Popular da China em Outubro do ano passado, na 5.ª Conferência Ministerial do Fórum Macau. A CNS espera, "através de Macau, trazer empresas brasileiras para actuar no mercado chinês e levar empresas chinesas a actuar no mercado brasileiro", disse Dacio Gomyde Pretoni, Conselheiro Internacional da Confederação Nacional de Serviços.



MACAU 2016 LIVRO DO ANO

EDIÇÃO ESPECIAL EM CD

Seja bem-vindo à consulta do **MACAU - LIVRO DO ANO**, dos últimos anos, através da seguinte página electrónica, ou descarregando as aplicações:

Página electrónica:
<http://yearbook.gcs.gov.mo>

Aplicações:

iOS



Android



As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2016 – LIVRO DO ANO** em versão CD (edição especial) já se encontram à venda. O anuário regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos aqueles que desejem estudar e compreender melhor Macau.

A partir deste ano, o **LIVRO DO ANO** deixa de ser publicado em suporte papel, mas ganha uma versão digital mais abrangente, com fotografias e vídeos que também podem ser consultados online (arquivo disponível desde o anuário de 2002) ou através de aplicativos para telemóveis e tablets.

FAMÍLIAS
MACAENSES

FAMÍLIAS
MACAENSES

FAMÍLIAS
MACAENSES

FAMÍLIAS
MACAENSES

FAMÍLIAS
MACAENSES



JORGE FORJAZ
DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

FAMÍLIAS MACAENSES

Volume VI
Índices

ALBERGUE SOM
MACAU 2016

FAMÍLIAS MACAENSES

O retrato de uma comunidade no tempo

T DIANA DO MAR

Jorge Forjaz desenhou uma árvore que pensava ter dado todos os frutos há 20 anos. Mas as famílias macaenses foram como um romance que se desenrolava à medida que puxava mais um fio. Uma segunda edição da obra, revista e actualizada, nasceu, oferecendo um “retrato refrescado” de quase cinco centenas de famílias desde o século XIX até aos nossos dias

FORAM ANOS dedicados à investigação para tentar juntar os ramos dispersos por todo o mundo de uma imensa árvore genealógica, com raízes em Macau, como descreveu Jorge Forjaz, quando apresentou publicamente, em Novembro, a segunda edição, revista e actualizada, de *Famílias Macaenses*, exactamente 20 anos depois de ter lançado a primeira. Macau era “assunto encerrado” após a primeira edição, em 1996, na vida de um homem que escrutinou famílias em Portugal, em Moçambique ou na Índia, e prova disso é que oferecera toda a documentação que reunira a um arquivo de uma universidade de Los Angeles para ser colocada ao serviço de outras ciências.

Contudo, durante uma visita a Macau, aquando dos 15 anos da publicação de *Famílias Macaenses*, foi-lhe lançado o desafio de se aventurar por uma edição mais alargada. A primeira reacção foi a de que não se justificava, devido à ausência de novas informações, além de que era preciso pensar do ponto de vista comercial. Jorge Forjaz ainda foi “reflectir” sobre o assunto, mas a resposta não tardaria: “Soube entretanto que tinha dado entrada no Arquivo Histórico de Macau documentação muito interessante que poderia ser útil e depois joguei com um novo dado que não existia quando publiquei a primeira edição: a Internet”.

“HÁ 20 ANOS FIZ AQUELE LIVRO COMO TERIAM FEITO OS MEUS AVÓS! ESCREVI MILHARES DE CARTAS E TIVE QUE VIAJAR PELO MUNDO INTEIRO PARA IR AO ENCONTRO DAS PESSOAS”, DIZ FORJAZ



“Há 20 anos fiz aquele livro como teriam feito os meus avós! Escrevi milhares de cartas e tive que viajar pelo mundo inteiro para ir ao encontro das pessoas. Percorri todos os países onde havia comunidades... as respostas, quando chegavam, vinham com três a cinco meses de distância, pelo que hoje, quando olho para trás, até me parece impossível aquilo que fiz”, afirma, entre risos, ao telefone, a partir dos Açores, donde é natural.

A publicação em 1996 foi importante porque “fez-se na hora certa”. “Estávamos à beira do fim da administração portuguesa em Macau e, como todos sabemos, o macaense é um produto da história e de uma certa circunstância, pelo que se ambas se alteram a própria sobrevivência do conceito de macaense fica posta em causa”, explica. “Apesar de haver, na altura, um responsável político que dizia, naqueles discursos patrióticos, que os macaenses iam durar para sempre”, a publicação “no momento mais crítico foi talvez a afirmação de uma determinada comunidade num determinado tempo histórico”, argumenta Jorge Forjaz.

Dado que “sempre procurou fazer a ligação das famílias de Macau com o tronco português”, ou seja, “saber de quem descendiam em Portugal”, o historiador teve de correr os arquivos pelo país inteiro, algo que não sucedeu na segunda edição, pois “esse tipo de documentação está hoje em dia praticamente toda online”, o que lhe permitiu fazer essa parte da investigação sem abandonar a sua secretária, algo fundamental para quem “já não tinha a juventude de há 25 anos” e acumulava “um cansaço natural”.

Quando iniciou a segunda empreitada, a primeira coisa que fez foi comunicar com todas as Casas de Macau espalhadas pelo mundo para tentar obter os contactos dos respectivos sócios. Durante essa etapa, houve quem lhe oferecesse “listas”, mas também quem mostrasse “reservas meio estranhas” em facultar um simples endereço de e-mail de alguém – “isto curiosamente numa altura em que tudo está na Internet e no Facebook”. O passo seguinte foi ir à primeira edição de *Famílias Macaenses*, “tirar aquele pedacinho que dizia respeito à pessoa em causa e enviar”, esperando na volta do correio – desta vez electrónico – informações que pudessem ser acrescentadas relativamente ao que fora dado à estampa há 20 anos.

O que há de novo?

A segunda edição de *Famílias Macaenses* é, portanto, um “refrescado retrato” da comunidade, fruto de um segundo fôlego, que reúne “cerca de 500 famílias, sabendo-se que o mesmo apelido se desdobra em múltiplas outras sem qualquer parentesco entre si”, como faz questão de explicar o genealogista. Integralmente revista e corrigida, a obra não só actualiza o que se passou nas últimas duas décadas nas vidas daqueles que estavam já catalogados, desvendando muitíssimos outros ramos, como traz novas famílias à comunidade, distribuindo-se ao longo de cinco volumes, a somar a um sexto de índices, que junta todos os nomes ci-



tados ao longo da obra, contra os três que compunham a primeira.

Não obstante as “centenas ou milhares de actualizações” e dos “80 novos capítulos” que se abriram, o mais “interessante” e “impressionante” da segunda edição é, para o autor, a iconografia. “Graficamente ficou mil vezes melhor”, sublinha o historiador. Isto porque são mais de 3500 fotografias, por oposição às “poucas centenas” que constavam da primeira, o que permite a quem folheia a extensa obra conhecer “a face do macaense”.

“Devo dizer que foram dois anos de trabalho intenso, durante os quais não fiz outra coisa de manhã à noite. Sem férias, feriados ou fins-de-semana, sem nada”, salienta, sem esconder, porém, o orgulho do seu produto final, uma obra de edição limitada, do Albergue SCM, da qual foram mandados imprimir 200 exemplares após subscrições, com um

preço de capa de 3500 patacas.

Para Jorge Forjaz, o conjunto possibilita, em suma, “fazer uma comparação entre o que eram os macaenses há 20 anos e o que são hoje”. Embora esse seja talvez trabalho para outros domínios do saber, como a sociologia ou a antropologia, a distância temporal entre as duas publicações permite “notar a diferença”, observa.

Mas, antes de mais, convém compreender o que é o macaense. Como constata, “há muita prosa escrita” sobre o significado do conceito, tanto por historiadores como por ilustres figuras da comunidade que reflectiram sobre o assunto, e “provavelmente todos têm razão”. A seu ver, de um ângulo mais pragmático, pode-se dizer que o macaense é, “primeiro de tudo, alguém que foi para Macau e ali se radicou”. Não por meia dúzia de anos, mas antes por meia centena, como o padre Manuel Teixeira ou tantos outros vistos



como “macaenses de alma e coração”. Contudo, na ciência a que se dedica, “o sangue é fundamental”, pelo que quem não se cruzou e deixou descendência escapou à linha genealógica que foi traçada ao longo das páginas das *Famílias Macaenses*.

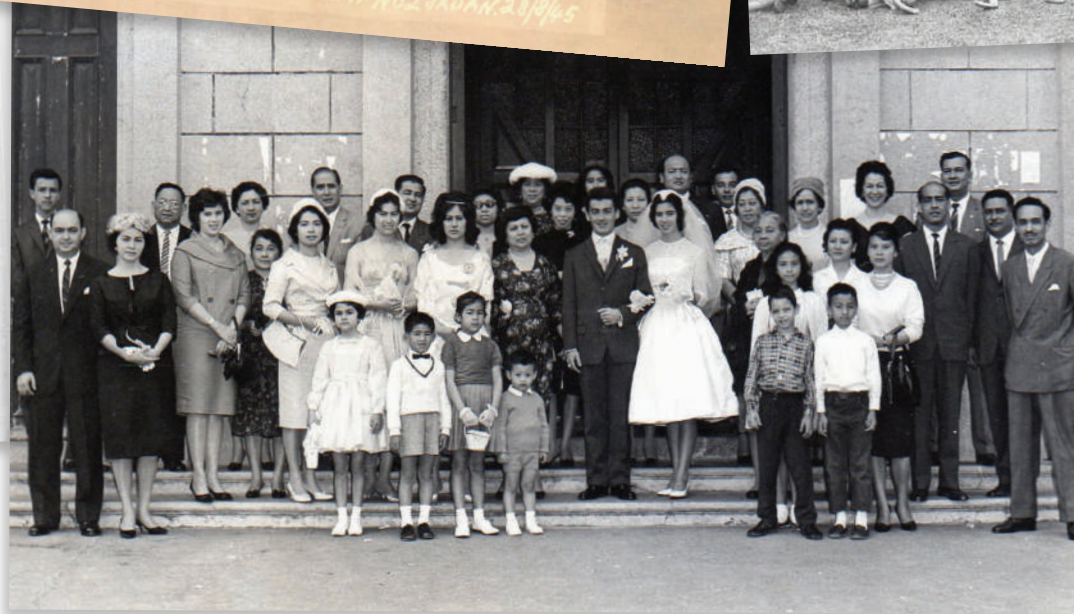
Na obra de Jorge Forjaz, as famílias encontram-se retratadas maioritariamente a partir do século XVIII, porque um genealogista vai até onde a documentação o deixa ir e “pára no momento em que não existe mais que o permita recuar”: “Foi praticamente impossível reconstituir” laços antes desse período apesar de a presença portuguesa remontar ao século XVI. “Sabe-se da existência de pessoas em Macau e há imensa documentação entre o século XVI e o século XVIII, mas são peças soltas. O *puzzle* que é a genealogia, a trama familiar, não conhecemos, porque não há dados suficientes. Há um caso ou outro em que é possível estabelecer relação entre pais e filhos mas não passa disso, não se conseguindo fazer uma sequência de gerações”, salienta.

Jorge Forjaz lembra, a este propósito, o vasto acervo

que se perdeu quando o tufão de 1874 originou um incêndio na Igreja de Santo António que se alastrou ao cartório. Resultado: “Perderam-se todos os registos de nascimento, casamento e óbito anteriores a essa data naquela que era uma das mais antigas freguesias”.

Não obstante as dificuldades, “a maior parte das famílias macaenses tratadas na obra tem o ‘número um’ identificado, ou seja, a pessoa mais antiga, como alguém que foi de Portugal ou de Moçambique ou da Índia para Ma-

À SEGUNDA EDIÇÃO É UM “REFRESCADO RETRATO” DA COMUNIDADE, FRUTO DE UM SEGUNDO FÔLEGO, QUE REÚNE “CERCA DE 500 FAMÍLIAS, SABENDO-SE QUE O MESMO APELIDO SE DESDOBRA EM MÚLTIPLAS OUTRAS SEM PARENTESCO ENTRE SI”



cau, que chega, casa e tem um filho, o qual vem então marcar o “princípio”, ao figurar como “o ‘número um’ da família macaense”, explica o historiador.

Trilhos comuns

Como descreve Jorge Forjaz, esse filho normalmente ficava na terra, onde crescia, arranjava emprego e casava, preferencialmente com alguém do meio a que pertencia, o católico – que caracteriza a esmagadora maioria da comunidade – se bem que tenha havido também protestantes, por exemplo. Basicamente, continua, os macaenses iam casando entre si, até que, de vez em quando, chegava um novo português de Portugal, normalmente um jovem solteiro e “muito cobiçado” atendendo a que “a comunidade era pequena e não havia muitas alternativas”. Regra geral, vinha em comissão de serviço e, ao contrário dos tempos de hoje, “naque-

la época, dizia-se adeus à família quando se partia para Macau”: “À exceção de uma vaga carta que se escrevia, não havia correspondência para trás e para diante do cidadão comum”.

A “grande renovação” da comunidade macaense fazia-se sobremaneira com a guarnição militar que levava para Macau desde o soldado ao coronel, em síntese, “gente de diferentes níveis e estratos sociais”. A título de exemplo, descreve Jorge Forjaz, um soldado normalmente cumpria a

sua carreira, passava à disponibilidade e à vida civil e depois casava localmente; enquanto um coronel, por norma, trazia a família consigo, pelo que eram os seus filhos que iam cruzar-se, por via do matrimónio com uma chinesa ou com uma filha de uma família macaense, “refrescando o sangue”.

Neste contexto, não é, portanto, de estranhar que o 25 de Abril de 1974, que ditou o fim da ida de guarnições militares para Macau, marque o que qualifica como “o início de uma grande crise da comunidade macaense, com a saída e não entrada de mais gente para manter o [seu] nível demográfico”. O segundo momento, como é sabido, foi o da transferência de administração de Macau, de Portugal para a China, em 1999, não fosse “o macaense essencialmente português”, embora haja famílias das mais distintas origens, como americana, francesa, inglesa ou alemã”, sublinha Jor-

ge Forjaz, explicando a razão de ser de muitos apelidos estrangeiros no extenso índice de nomes.

A sua importância não é menor, tanto que o historiador abre um parêntesis: “Essa gente, curiosamente, casava numa família macaense e integrava-a, ou seja, não levava consigo a tradição alemã ou dinamarquesa ou inglesa para dentro da família, optando antes por incorporar a parte macaense, indo às suas festas, participando nas suas tradições, comendo a sua gastronomia. Integravam-se no espírito macaense e, portanto, possibilitando também um refrescamento ao longo de gerações”.

Pétalas ao vento

Em Macau a comunidade foi sempre relativamente reduzida, mas o mesmo não se pode dizer da diáspora. Encontrar os descendentes foi, aliás, um dos principais desafios de Jorge Forjaz aquando da feitura da segunda edição. “Há 20 anos houve famílias que ficaram completíssimas – até àquela criança que nasceu na véspera de enviar o livro para a máquina! Mas também houve outras que não estavam atualizadas pela simples razão de que eu não conseguira encontrar os descendentes. Era muito difícil, porque se espalharam pelo mundo inteiro. Imagine uma série de pétalas na mão para as quais se sopra, fazendo-as voar, em que cada uma cai para um lado. Assim foram os macaenses”, metáforiza o historiador.

“Os macaenses viveram concentrados em Macau inicialmente, mas depois espalharam-se por Hong Kong, Cantão e toda a costa da China, até Xangai, até chegar lá cima, próximo à fronteira com a Mongólia e a Sibéria. Foram para o Japão, Singapura, Tailândia, havendo, nestes últimos dois casos, famílias muito antigas, cujas origens remontam ao século XIX”, explica.

Depois, “a revolução na China, que culminou em 1949, foi um outro período particularmente importante [na migração], dado que os estrangeiros, incluindo obviamente os portugueses, tiveram 24 horas para sair do país. Muitos regressaram a Macau, mas voltaram a partir, foram para Lisboa, para os Estados Unidos, para o Canadá, para a Austrália...”, sublinha. Por essa razão, complementa, havia muitas famílias na primeira edição em que a informação respectiva parava na década de 1950, pois tinham saído para “parte incerta”. Ora, na segunda edição, com acesso que não tivera antes à documentação dos chamados refugiados de Xangai, o historiador pôde “apanhar”

o rasto de muitos descendentes e depois houve muitos desses que lhe escreveram ao tomar conhecimento de que ficaram fora do catálogo. “Esses descendentes deram-me informações desde então, pelo que já estamos a falar de mais duas ou três gerações que faltavam, além de uma série de famílias novas”, explica.

Mais do que uma árvore de costados

A genealogia pode “fazer-se de muita maneira”, mas é mais do que “uma árvore de costados” para Jorge Forjaz. A genealogia pode ter só o “esqueleto” – “só com os nomes e a maior parte das pessoas contenta-se com isso” –, também ter “carne” – com datas de nascimento, casamento e óbito – e ainda “sangue” – ao incluir profissões, habilitações literárias, cargos ou distinções importantes. Mais completa fica com “alma” e, essa, chega por via das fotografias, pelo que Jorge Forjaz quis dar às suas *Famílias Macaenses* tudo o que podia: “ossos, carne, sangue e alma”.

“Quando digo que fulano de tal se casou na Sé Catedral dou-lhe uma ideia muito vaga. Mas quando mostro uma fotografia de casamento quase pode tirar as conclusões



“HÁ 20 ANOS HOUE FAMILÍAS QUE FICARAM COMPLETÍSSIMAS — ATÉ ÀQUELA CRIANÇA QUE NASCEU NA VÉSPERA DE ENVIAR O LIVRO PARA A MÁQUINA! MAS TAMBÉM HOUE OUTRAS QUE NÃO ESTAVAM ACTUALIZADAS PELA SIMPLES RAZÃO DE QUE EU NÃO CONSEGUIRA ENCONTRAR OS DESCENDENTES. ERA MUITO DIFÍCIL”

sobre quem é aquela gente, seja pelo modo como veste, pelo tipo de convidados que o rodeia, se é da classe média ou de origem abastada...” Para Jorge Forjaz, as fotografias de casamento são mesmo uma preciosidade: “É muito interessante porque encontrei em Macau e entre os macaenses espalhados pelo mundo inteiro mais fotografias de casamento do que as que se encontram na Ilha Terceira, onde vivo. Dos meus avós não tenho uma única e eram pessoas que tinham todas as possibilidades para tirar as que quisessem, mas não tenho. De famílias macaenses, tenho fotografias do século XIX e absolutamente fantásticas!”

Explicação? O historiador arrisca uma: “Não sei se não terá sido mesmo o facto de eles andarem sempre em peregrinação e de, no fundo, Macau já começar a ficar longe e de as raízes se estarem a perder que os levou a ter esse cuidado de deixar tudo registado... é uma interpretação”.

Analisando a evolução das famílias macaenses no fio do tempo, Jorge Forjaz considera também “muito interessante” ver como antigamente eram “muito prolíferas” – era vulgar ter dez a 12 filhos –, continuando “numerosíssimas nas décadas de 1950/60” até que a prática dos nossos dias é a de ter um ou dois filhos. “A mortalidade infantil era enorme e, hoje graças a Deus, caiu quase para zero, pelo que a sensação é a de que antigamente tinham dez filhos para ficar com cinco”, sublinha, indicando que se cruzou com o facto “absolutamente extraordinário” de haver famílias em que nenhum filho chegou a adulto.

A forma como encaravam o luto naquela época é, aliás, um mistério que a “escadaria do sangue”, ou seja, a genealogia não permite desvendar: “Hoje quando um filho morre às vezes há um luto que nunca acaba. O que seria quando iam morrendo consecutivamente? Será que as pessoas sofriam tanto como hoje ou haveria uma espécie de pré-disposição de que eram elevadas as probabilidades de não resistirem? Seria a única maneira, talvez o único mecanismo de defesa, daqueles sucessivos desgostos.”

Para Jorge Forjaz, ficam igualmente por se conhecer os cheiros daquela gente, que correspondem também a padrões de higiene que evoluem com o tempo, e são, por vezes, característicos de um povo; assim como era viver em Macau, com o seu calor e elevada humidade, com indumentária dos séculos XVIII ou XIX. “Não posso imaginar como esses antepassados macaenses viviam no dia-a-dia.”

Jorge Forjaz orgulha-se de poder dizer que, neste momento, “será rara a pessoa que tenha passado por Macau que

não saiba dizer quem é”, além de que fotografou as sepulturas de todos os portugueses no cemitério de Macau, no de Hong Kong e até o de Singapura, porque nas campas jaz “imensa informação”, sobretudo para quem se dedica a estabelecer ligações de sangue.

O sangue é um componente vital, mas não basta para ditar a continuidade da comunidade macaense. “Há três maneiras de a manter viva: a língua, a religião e a culinária. Estes três elementos são o cimento que faz a ligação de uma comunidade entre si. Se alguém perde as três coisas deixa de pertencer definitivamente a essa comunidade”, sublinha Jorge Forjaz.

Em contrapartida, “há casos interessantíssimos” na comunidade na diáspora, sendo o da Califórnia, um exemplo de “vitalidade” sem par. “Há centenas de pessoas à volta das Casas de Macau, com uma actividade permanente, que mantém a chama acesa através das suas festividades, contactos com a terra, etc.”, especifica o historiador, para quem é também “muito curioso” ver por exemplo americanos que casam com mulheres macaenses e adotam os seus costumes, participando nas iniciativas. Neste sentido, arrisca dizer que “a sobrevivência do espírito macaense é mais forte hoje na Califórnia do que em Lisboa, porque nos Estados Unidos estão num meio diferente, no qual não se fala a sua língua por exemplo”.

Famílias famosas

Como acontece em todo o mundo, há famílias que se destacam, pelos mais variados motivos, na sociedade em que se inserem, e as macaenses não são excepção à regra. “Há famílias que, de facto, atravessam um bocadinho a própria história de Macau, mas o conceito de ‘família famosa’ também evolui com o tempo. As de hoje podem não ter sido as mais prestigiadas há 50 ou 100 anos”, observa Jorge Forjaz. Apesar das ressalvas, o historiador elenca apelidos bem conhecidos e até singulares como “Nolasco da Silva”, uma família antiga de Macau, cujo ‘grosso’ se encontra actualmente espalhado pelo mundo; a “muito grande” “Senna Fernandes”, ou a “muito antiga” “Rodrigues”. Umas ficaram “famosas” pelos “acazos do destino e estiveram sempre na crista da onda, outras porque foram interventivas no meio sócio-económico de Macau, tendo tido sempre um papel mais ou menos importante no desenvolvimento da sociedade”.

“Claro que tudo isto foi mais forte até 1974 e 1999 e vai ter tendência a diminuir com os anos ou a diluir-se naturalmente”, vaticinou. ■

Entre a terra e o mar

T CATARINA DOMINGUES

No Porto Interior, existe uma família de pescadores que experimentou viver em terra, mas acabou por voltar ao barco; um homem que passa mais de 200 dias em alto-mar a pescar camarão; e um casal que vendeu a embarcação, comprou um apartamento e procura agora o mar em passeios matinais. A pesca foi uma importante actividade económica em Macau. Hoje é um sector sem futuro e grande parte da população marítima foi forçada a ir para terra. Houve, porém, quem se mantivesse ancorado aos cais





AO LONGE, barcos a passar, e aqui, um ligeiro, lento tremor. A família Kuan mantém-se indiferente a tudo isso. Pai, mãe e um dos filhos estão sentados no chão, na sala de estar. É uma sala como outra qualquer: a um canto, um globo terrestre, a Oceânia virada para nós; um relógio de parede adiantado 15 minutos; calendário que ficou preso a 10 de Abril; deuses para trazer sorte em cima de uma cómoda de madeira escura; e fotografias de Kuan Sok Mui, uma das filhas do casal, medalha de ouro em ciclismo acrobático nos Jogos da Ásia Oriental de 2009. Pouca coisa nesta sala nos faz lembrar que estamos no barco ZhuXiang 2913, fundeado no cais do Porto Interior. Só mesmo este novo tremor, uma embarcação que volta a passar aqui perto.

A família Kuan deixou o mar em 1998, foi para terra. Havia falta de peixe, era difícil contratar quem quisesse trabalhar como pescador. Chan Fui, a mulher, ficava então em casa a tratar dos filhos e o marido, Kuan Peng, saía para trabalhar. Ganhava 15 patacas por dia, não chegava para sustentar uma família de seis filhos. E por isso, dois anos mais tarde, voltaram para alto-mar. Quatro milhões foi quanto

custou o novo barco: três andares (incluindo a cave), quatro quartos, uma sala, 34 metros de comprimento, equipamento moderno.

- “Estamos sempre no barco, deixamos a casa em terra para os nossos netos e netas”, começa por dizer Chan Fui. É ela que vai responder à maioria das perguntas.

- “Só saímos para ir ao *yam cha*”, completa o marido, referindo-se à tradicional refeição do sul da China.

- “Por ano, quantos dias vivem no barco?”, pergunto.

É a mulher que volta a falar:

- “365 dias, o ano inteiro.”

Mudanças na actividade

Ao longo destes dias de pesquisa, não encontramos outros casos como o da família Kuan que, apesar de ter um apartamento em terra, escolheu viver no barco. O caminho que se tem feito nos últimos anos é em direcção à terra.

Números oficiais revelam que a população marítima de Macau em 2016 era composta por 1020 pessoas, sendo constituída principalmente por não residentes a trabalhar nas embarcações. Já dados de 1996 referem que a popula-



CONÇALO LOBO PINHEIRO

ção marítima alcançava nesse ano 2995 pessoas, representando 0,7 por cento da população local.

Se no passado a comunidade vivia exclusivamente no barco e não tinha casa em terra, hoje em dia observa-se uma vivência partilhada entre as embarcações e o apartamento, entre a vida profissional e pessoal. Antigamente, a pesca era uma actividade familiar, em que as três gerações de uma família chegavam a partilhar o mesmo barco. Mas hoje a geração mais nova dos filhos do mar estudou, foi à universidade, ficou em terra. Quem se mantém no negócio tem de contratar trabalhadores de fora do círculo familiar. Na maioria dos casos vêm do Interior do País.

Kuan e Chan são novamente uma excepção. Quando se segue para alto-mar, este barco onde nos encontramos transporta 11 pessoas, incluindo seis trabalhadores e três dos filhos do casal. Kuan e Chan tiveram seis filhos, três rapazes e três raparigas. Eles terminaram o ensino básico e, a partir dos 14 anos, foram para a pesca com os pais; elas fizeram universidade, ficaram em terra. “Os miúdos não estavam bem na escola, tínhamos medo que seguissem maus exemplos e, por isso, vieram viver connosco no barco”, lembra agora a mãe.

Se pudessem voltar atrás, os Kuan escolheriam ser pescadores, ter a mesma rotina: acordar às quatro da manhã, lançar as redes ao mar, depois recolher o peixe, o camarão, as redes por volta das dez da noite.

Estranhos em terra

A terra não serviu, e por várias razões:

- “Não tenho educação, não sei fazer nada além de pescar”, diz Kuan Peng.

- “Não há empresas que nos queiram contratar em terra e não conseguimos ganhar tanto dinheiro como no barco”, acrescenta a mulher, referindo que, por mês, chegam a lucrar com a venda de peixe entre 50 a 60 mil patacas.

Kuan Peng nasceu num barco, é filho de pescadores, tem 68 anos. Chan Fui, originária de Zhongshan, Província de Guangdong, nasceu no seio de uma família de agricultores. Tem 65 anos. Foram apresentados por um casamenteiro. Era essa a tradição.

- “Um regulamento na China dizia que os pescadores podiam casar com raparigas chinesas do Interior do País”, diz agora o filho, Kuan Pui Hong, 37 anos. Kuan, o pai, permaneceu em silêncio, olha para o chão, como se não fosse nada com ele. O filho continua:

- “Naquela altura, os pescadores raramente casavam com pessoas de terra [de Macau], mas com filhas de pescadores ou mulheres do Interior da China.”

A nossa conversa é entretanto interrompida por visitas. Fazem a manutenção do barco. Por momentos, as luzes apagam-se. Chan Fui é quem permanece na sala. Fala sobre o primeiro encontro:

- “Ele [Kuan Peng] costumava pagar os impostos ou levar o peixe para Xiangzhou. Fui lá com os meus amigos, foi uma oportunidade de nos conhecermos.”



TIAGO ALCANTARA

PRESERVAR UMA CULTURA

Nos tempos passados, a pesca era um negócio de família, mas hoje vive à base de trabalhadores do Interior do País. Os juncos tradicionais, construídos por mestres em Macau, deram lugar a embarcações maiores e modernas. Com a queda da actividade piscatória e a ida dos pescadores para terra, indústrias relacionadas com actividade e práticas culturais ou religiosas associadas aos pescadores foram pouco a pouco desaparecendo. Para tentar manter viva a cultura da pesca local, Chan Yat Fung, um dos filhos do pescador Chan Meng Kam, criou a Associação da História e Cultura Portuária. O objectivo é divulgar a actividade piscatória através de visitas guiadas, exposições, passeios de barcos e investigação. O pai, Chan Meng Kam, também vice-presidente da Associação de Auxílio Mútuo dos Pescadores, deixou, além disso, registadas mais de quatro décadas de vida no mar no livro *Esta Geração de Pescadores*, uma obra que tem como base diários que escreveu a partir dos anos 1970.

Até ao início do século XX, na China, os pescadores não podiam casar-se fora da comunidade marítima. O documentário *Gente Sobre a Água*, do realizador português Rui Nunes, que retrata a vida da comunidade piscatória de Macau, refere que no final do século prevalecia, ainda assim, o casamento entre descendentes de pescadores.

No filme, Rui Nunes fala ainda sobre uma comunidade que, durante séculos, era discriminada pela restante população. Na China imperial, os pescadores pertenciam à classe mais baixa da população e uma lenda descrevia-os como sendo descendentes de uma minoria étnica ví-

TIAGO ALCÁNTARA



tima de uma maldição e condenada a viver longe de terra firme. Mas actualmente historiadores acreditam que os pescadores tradicionais são descendentes de pessoas que foram forçadas a refugiar-se junto à orla marítima por razões políticas, económicas e sociais. Encontraram na pesca um modo de subsistência, nota ainda o documentário.

“Em meados do século XVIII, um édito imperial autorizava os pescadores a construir casas em terra e apelava à restante população para que não os afugentasse. No entanto, só em 1911, quando a revolução chinesa transforma o Império do Meio em república é que as gentes do mar passam a ser consideradas em termos legais em pé de igualdade com os demais cidadãos. Na prática, a discriminação face a esta comunidade continuou até aos dias de hoje”, refere o documentário, filmado entre 1997 e 1998.

Por dinheiro

O sinal de tufão baixou a meio do dia. É fim de tarde, no Porto Interior não há sinais de inundações, sentem-se ainda fortes rajadas de vento. O tufão trouxe de volta os pescadores a terra. Chan Meng Kam também regressou, tem hoje tempo para falar connosco, antes de voltar a partir. Subimos até ao barco, ancorado entre outros barcos. É como percorrer a casa, a privacidade de outras pessoas até, finalmente, chegar ao espaço de Chan. Subimos até à ponte de comando, ao primeiro andar, onde também está o quarto do capitão-pescador. Televisão, computador, uma pequena secretária, pouco mais. À porta, fotografias de família.

Quando voltarmos a descer, vamos encontrar alguns dos trabalhadores deste barco, vamos tirar fotografias uns aos outros, enquanto o sol se põe, tons rosa. Ao fundo, embarcações já vão estar a deixar de novo Macau.

Mas ainda cá em cima, Chan Meng Kam pousa para a fotografia, ao volante, de rádio na mão. Nos anos 1960, explica, as mensagens chegavam a terra pela boca dos outros. Os pescadores que regressavam a Macau eram os fiéis depositários dos que permaneciam no mar. Já na década seguinte, os pescadores comunicavam entre si através de rádios. Chan ainda instalou um em casa, mas o sinal não sobrevivia à distância do amor. Durante muitos anos, foi também a estação de rádio local que levou mensagens importantes até às embarcações. “Todos os dias, a determinada hora, a rádio fazia a previsão meteorológica e, se houvesse mensagens urgentes para os pescadores, como a morte de um familiar, também transmitiam isso”, refere o capitão-pescador.

Chan Meng Kam tem 58 anos, esteve sempre ligado ao mar. Filho de pescadores, nasceu num hospital, em terra, mas viveu sempre à beira-mar. Enquanto foi à escola, vivia num ‘barco-casa’, uma pequena embarcação estacionada perto do porto. “Não servia para a pesca, apenas para viver”, completa, referindo ainda que, em 1983, a passagem de um tufão destruiu grande parte destes ‘barcos-casa’. “O Gover-

no também queria que estas pessoas se registassem e muitos dos pescadores foram para terra”, refere.

A partir dos 14 anos, logo após terminar o ensino básico, Chan começou a trabalhar com os pais na pesca. Aos 30, já casado, mandou construir o primeiro barco e foi por essa altura que comprou também uma casa, onde vive hoje a família e para onde vai quando está em Macau.

Chan Meng Kam dedica-se sobretudo à pesca de camarão. A rede é lançada três vezes por dia, o camarão vendido a outro barco que, por sua vez, vai fazer negócio no Interior do País ou em Hong Kong. Neste processo, o capitão vem a casa apenas um ou dois dias por mês. “Eu diria que passo entre 220 a 250 dias por ano no barco, e ao longo de 100 dias, o barco está ancorado no porto, incluindo na época de defeso.”

O pescador admite que sempre pensou viver em terra, mudar de ramo de actividade, mas que para financiar a educação dos três filhos, que terminaram o ensino superior, teve de se manter ligado à pesca. “Quando ponho os pés em terra, sinto-me em casa.”

Indústria a desaparecer

Neste cais, onde hoje entrevistamos a família Kuan e o pescador Chan Meng Kam, viveu no passado uma numerosa comunidade de pescadores. Habitavam juncos, não tinham casa em terra. Testemunha desses dias, Rui Nunes, realizador do documentário *Gente Sobre a Água*, acompanhou ao longo de cerca de dois anos a vida a bordo de uma família que acabaria por se mudar para terra.



TAGO ALCANTARA



No documentário, são apontadas várias razões para a queda da indústria da pesca, em tempos “uma das principais actividades económicas de Macau”. A crescente poluição das águas e a conquista de terrenos ao mar através da construção de aterros foram determinantes para inviabilizar a pesca costeira, forçando a ida da população marítima para terra. A migração viria a intensificar-se a partir dos anos 1980.

“Era incontornável”, salienta Rui Nunes à MACAU. “A partir do momento em que os bancos de peixe abandonaram a zona da costa de Macau, as condições desse tipo de pesca tornaram-se absolutamente impossíveis e, portanto, as pessoas ou investiam em embarcações maiores e, nessa altura, já não viviam nelas. Iam largos meses fazer pesca à distância e já não ia a família toda, mas os homens da família, ou pelo menos os mais activos. Havia sempre que ficar alguém a fazer a retaguarda”, refere.

Mas mesmo quem continua hoje a trabalhar no ramo, como é o caso da família Kuan, diz que há cada vez mais limitações à actividade:

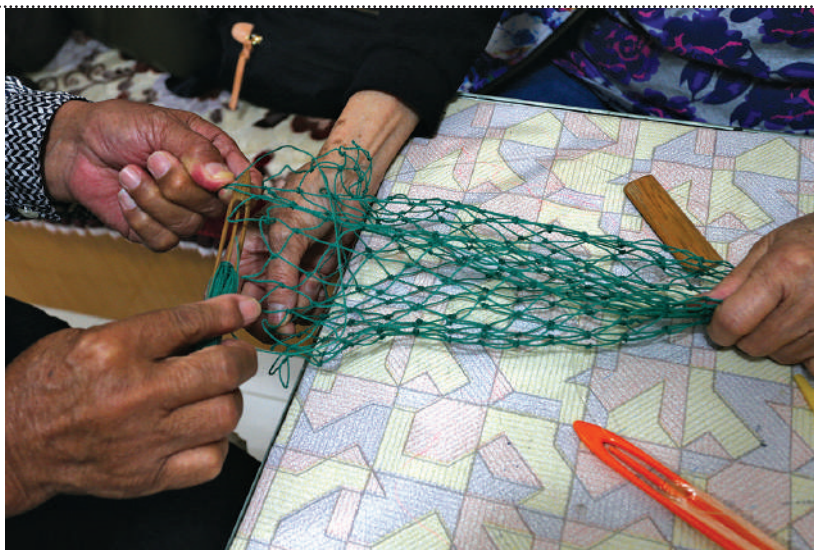
- “A pesca é melhor em Hong Kong, porque o mar é mais profundo do que em Macau, mas nos últimos anos um regulamento proibiu que pescássemos aí”, refere Chan Fui.

- “Andamos à deriva”, acrescenta o marido, Kuan Peng. Quais são as alternativas, pergunto. Kuan Peng volta à conversa:

- “A trabalhar como vendedor de peixe vamos ganhar entre 7000 ou 8000 patacas por mês, a limpar barcos ou a recolher lixo do mar são 200 ou 300 patacas diárias.”

Fora de perigo

Chao Tin Fok e Ng Chou Mui não tocavam na rede de pesca há pelo menos oito anos. Verde, de nylon, retirada agora de uma caixa guardada debaixo do sofá. Atrás vêm chapéus de



palha, também linha, uma régua e o que é necessário para fazer uma rede de pesca. Pousam tudo em cima da mesa.

Numa das paredes, fotografias dos pais de Chao Tin Fok, o patriarca da família. A preto e branco, pose séria, também pescadores. E ao lado, uma imagem de um barco, onde o casal viveu até 1988. A embarcação, com três metros de largura e 18 de comprimento, foi vendida nesse mesmo ano à então administração portuguesa. Chao e Ng lembram-se do mês exacto, foi Fevereiro. Tinham comprado por 125 mil patacas, fizeram negócio por 195 mil.

Nesse barco viviam dez pessoas: as crianças eram cinco e faziam os trabalhos mais fáceis, como a limpeza, e os adultos tratavam da pesca. Durante o período lectivo, os mais novos mudavam-se para uma casa de madeira na Taipa. “Entretanto, os dois irmãos do meu marido tinham arranjado emprego, foram para terra e não tínhamos quem trabalhasse connosco”, diz Ng Chou Mui.

A falta de mão-de-obra fez com que o casal se mudasse definitivamente para terra. Para trás ficaram cinco décadas de mar, uma vida dedicada à pesca, casamentos a bordo, quedas ao mar.

Em terra, foram contratados pelo Museu Marítimo de Macau, que tinha aberto as portas há apenas um ano, para fazer viagens turísticas de barco. “No início não nos habituámos a viver aqui, porque o ar e a comida do mar eram mais frescos, mas, por outro lado, achávamos que viver no barco era muito mais perigoso”, refere Ng, que considera que os tufões e as tempestades constituíam o maior perigo de uma vida no mar. “Os nossos amigos que viviam em barcos ficaram com muita inveja, porque finalmente já não nos tínhamos que preocupar com o tempo.”

O casal vive hoje no Beco do Sal, a poucos minutos dos cais. Chao e Ng admitem que, pela manhã, enquanto passavam, vão ao encontro do mar. ■

Uma nova casa para os livros

T CATÁRINA DOMINGUES
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Os sete edifícios que deram lugar à Biblioteca do Patane, no Porto Interior, foram em tempos casas-loja, estruturas que combinavam a actividade comercial e habitacional. Hoje preservam ainda uma parte importante dessa história.



澳門鏡湖醫療中心
24h
小時
Tel: 28951126

24h
小時

婦產科
內科
外科
兒科
皮膚科
中醫

全科、婦產科、
皮膚科、性病科
Tel: 28951126

MR
82-33

DIA DE folga para Chiu Cheng Keong. O taxista de 64 anos está sentado numa das mesas da Biblioteca do Patane a ler o jornal. Até este espaço abrir, em Dezembro de 2016, Chiu frequentava a Biblioteca do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, no centro da cidade. “Esta localização é muito prática para toda a comunidade”, diz agora à MACAU. “Vivo aqui perto, a biblioteca é bonita, espaçosa, confortável”, acrescenta.

Passam poucos minutos das quatro da tarde, a Sala dos Jornais e Revistas, uma das 11 áreas da nova Biblioteca do Patane, está praticamente cheia. Homens, sobretudo, sentam-se alinhados nas mesas a folhear os jornais do dia. Ao fundo, numa das paredes laterais, estão penduradas antigas portas de madeira e outras peças que aqui foram encontradas antes das obras de renovação, como janelas, pilares, canalizações. A sala tem um pé direito alto, equivalente a dois andares, e os cortinados brancos, tipo rolo, estão ligeiramente

A BIBLIOTECA DO PATANE FOI INAUGURADA EM DEZEMBRO DE 2016. É COMPOSTA POR UM CONJUNTO DE SETE EDIFÍCIOS ANTIGOS COM MAIS DE 80 ANOS DE HISTÓRIA, QUE FORAM CONSTRUÍDOS NOS ANOS 30 DO SÉCULO XX EM ESTILO ‘ARCADA’, UM ESTILO ARQUITECTÓNICO TÍPICO DOS ANTIGOS EDIFÍCIOS COSTEIROS DO PORTO INTERIOR DE MACAU

corridos. Das janelas, que vão até ao chão, chega a luz de um dia de chuva, a vida do Porto Interior.

Nesta sala estão disponíveis cerca de 80 jornais e 600 revistas. “Não venho aqui para ler apenas um jornal, mas vários”, continua Chiu Cheng Keong. E quando nos formos embora, cerca de uma hora depois, Chiu ainda aí estará, sentado na mesma cadeira, costas direitas enquanto lê.

Do comércio à literatura

Os sete edifícios localizados entre os números 69 e 81 da Rua da Ribeira do

Patane, transformados agora em biblioteca, foram construídos nos anos 1930 do século passado e combinam elementos arquitectónicos europeus e do Sudeste Asiático. Eram casas-louja (do inglês *shop-house*), uma tipologia tradicional da região que apareceu em Macau no século XIX e primórdios do século XX e que combinava a actividade comercial e habitacional – o piso de baixo era utilizado para o negócio e os pisos superiores serviam como residência.

Encontramo-nos neste momento no mezanino. Neste andar interméd-





Arquiteto Lam Kai Wun aponta os problemas estruturais como principal entrave na remodelação

dio encontra-se uma sala com computadores. Uma criança e uma mulher estão de auscultadores, não dão pela nossa presença.

O projecto de renovação levou quase seis anos a estar concluído. “Quando aqui chegámos, a situação não era boa, porque estes espaços

não eram utilizados há muitos anos e havia problemas estruturais, intervenções ilegais e muito lixo”, relembra Lam Kai Wun, arquitecto do Instituto Cultural, que nos acompanha numa visita guiada.

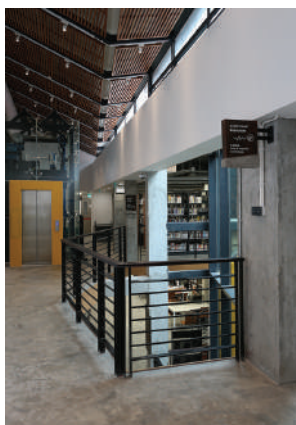
Foram necessários cerca de dois anos para retirar o lixo e as estruturas

ilegais do local. Depois disso, o Instituto Cultural deu início aos trabalhos de restauração. Ao reconverter o espaço em biblioteca, este departamento do governo da RAEM tinha como objectivo transformar as sete casas-loja num pólo de transmissão de cultura e conhecimento. Também dar a conhecer às novas gerações um pouco da história da cidade.

Relembrar a história

“A história é o mais importante”, sublinha Lam Kai Wun. O arquitecto explica que o Instituto Cultural tentou conservar ao máximo a identidade deste grupo de edifícios. “Preservámos a fachada e demolimos o interior de quatro dos sete edifícios porque estavam em más condições”, nota o responsável. Já os outros três edifícios permitem-nos agora reviver décadas de história. Ainda lá estão canalizações e pilares com cerca de 80 anos de vida.

Neste último andar, foi aproveitada e modificada uma janela da estrutura original com vista para as





O INSTITUTO CULTURAL REABILITOU ESTES EDIFÍCIOS E CONVERTEU-OS NA BIBLIOTECA DO PATANE. O OBJECTIVO NÃO É APENAS DISPONIBILIZAR MAIS ESPAÇO DE LEITURA PARA OS RESIDENTES DE MACAU MAS TAMBÉM PRESERVAR E PROTEGER OS EDIFÍCIOS DE ESPECIAL VALOR E SIGNIFICADO DENTRO DO DESENVOLVIMENTO URBANO

águas e embarcações do Porto Interior. É nestes três primeiros edifícios que circula o menor número de pessoas. As estantes com os livros foram também levadas para as áreas recuperadas de raiz. “Os livros são muito pesados e precisávamos de novas estruturas para aguentarem o peso”, explica Lam Kai Wun.

Lá em baixo, no pátio de entrada, o chão é feito de azulejos, que em tempos pertenceram a outras construções de Macau que foram demolidas.

Já o espaço reservado às crianças foi decorado com um antigo guindaste encontrado no local. “Existiam estaleiros navais aqui perto e, por isso, encontrámos algumas partes de barcos e outros equipamentos. Mantivemos este guindaste propositadamente, assim temos algumas histórias para contar aos leitores”, conclui o arquitecto.

Para toda a comunidade

Ainda no que diz respeito aos mais novos, falamos agora com Lam Kin Seng, chefe funcional das bibliotecas públicas da parte Oeste de Macau: “Os pais vêm geralmente com as crianças ao fim-de-semana. Temos livros coloridos e livros a três dimensões, que

são os mais populares.” Na sala dos pequenos, as estantes são baixas para facilitar a consulta de livros.

Mas Lam Kin Seng diz à MACAU que o novo espaço pretende chegar



Lam Kin Seng, chefe funcional

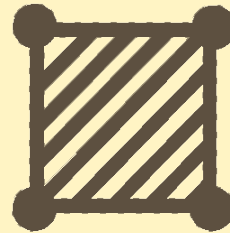
a todas as faixas etárias. Antigamente, a população residente na área do Patane frequentava bibliotecas localizadas noutras zonas da cidade, como a Ilha Verde ou o Jardim de Camões. Hoje não precisam de ir tão longe. Os mais velhos passam por aqui logo de manhã para ler o jornal, refere o responsável. “Lêem porque se preocupam com os assuntos da actualidade, mas também requisitam livros. Também organizamos uma série de actividades para diferentes grupos etários, como palestras ou sessões de leitura para os mais velhos”, acrescenta Lam Kin Seng, referindo que, além de serviços de leitura de jornais e revistas, existe ainda uma pequena sala de exposições e uma zona de multimédia, onde são projectados filmes e organizadas outras actividades.

De acordo com Lam, os adolescentes são aqueles que mais frequentam o local. “São sobretudo estudantes que por volta das quatro ou cinco da tarde, depois da escola, vêm fazer os trabalhos de casa. Aqui também podem requisitar livros para os trabalhos”, vincia o responsável. Já para as mães que querem trazer os bebés até ao mundo dos livros, está disponível uma sala de amamentação e um fraldário. ■

BIBLIOTECA DO PATANE



6 ANOS
para concluir o projecto



1130 METROS QUADRADOS
área total da biblioteca



169
lugares de leitura



15.000
livros nas estantes



700 PESSOAS
média de visitantes diários

80
jornais



600
revistas disponíveis ao público

MUSEU DA ROTA MARÍTIMA DA SEDA

Viagem aos tempos áureos do comércio pelos mares

T JOSÉ SIMÕES MORAIS

O Nanhai n.º 1 é o expoente máximo da dimensão e importância da Rota Marítima da Seda. Os seus destroços foram descobertos na parte ocidental da foz do Rio das Pérolas, considerado um ponto de partida do percurso marítimo que outrora lançou as bases do comércio global. No seu interior ainda constavam entre 60 mil a 80 mil peças de cerâmica chinesa que seguiam para vários portos na Índia e no Golfo Pérsico. Este imponente junco chinês pode ser hoje visitado na Ilha de Hailing, na Província de Guangdong, onde está localizado o Museu da Rota Marítima da Seda, que a MACAU foi visitar





F

NO SÉCULO XII, durante a Dinastia Song do Sul, um mercador proveniente da Ásia Central deslocou-se à China para comprar porcelanas para serem revendidas na Índia e nos países árabes – um negócio muito famoso pelo alto retorno lucrativo na altura. Como a carga era muita, o mercador decidiu investir no arrendamento de um junco chinês de três mastros em Quanzhou, na Província de Fujian, o então principal porto da Rota Marítima da Seda.

Nessa altura os barcos partiam em Novembro e com ventos de feição atingiam Sumatra, onde esperavam até à Primavera para, de novo ajudados pelos ventos, atingir o Golfo Pérsico. Usando a bússola marítima, inventada no século XI, navegavam 5000 milhas náuticas em dois meses sem costa à vista e regressavam à China entre Maio e Junho. Segundo a obra *Song Shi* ('História da Dinastia Song'), os principais itens de exportações eram a seda, a porcelana, o chá, o chumbo e o estanho.

Com capacidade para 80 toneladas de carga, o junco de 30 metros partiu de Quanzhou com a porcelana e aportou em Yangjiang, em Cantão, onde o

mercador voltou a carregar mercadoria (sertãs e pregos). Com o excesso de carga, o junco não chegou a bom porto. Na verdade, naufragou não muito longe do ponto de partida, no Mar do Sul da China, na foz do Rio das Pérolas.

Depois de mais de 800 anos esquecido no fundo do mar, o junco foi encontrado em 1987, quando uma equipa britânica andava à procura de um barco da Companhia das Índias Orientais, naufragado no século XVIII com uma carga de seis caixas de prata e centenas de toneladas de estanho. A descoberta do junco da Dinastia Song foi uma agradável surpresa e este foi então baptizado de Nanhai n.º 1.

Com as coordenadas conhecidas, as pesquisas começaram a 10 de Junho de 1987 ao largo da ilha de Nanpeng (pertencente a Yangjiang) e a Companhia UK Ocean Survey tinha um mês para o encontrar. Nessa altura, desenterravam-se por toda a costa da China inúmeros tesouros que confirmavam o esplendor da Rota Marítima da Seda e que lançaram as bases para à arqueologia marítima por parte de investigadores chineses.

O radar acústico percorreu vastas áreas de fundo de mar sem sucesso algum. A equipa de investigadores estava já prestes a abandonar o local quando, finalmente, a 5 de Agosto de 1987, o sonar detectou algo a 20 milhas marítimas da costa. Os mergulhadores desceram a uma profundidade de 24 metros, para um local de muito pouca visibilidade e com a ajuda da luz de lanternas encontraram um pedaço de madeira de dois metros, que parecia ser os resquícios de um mastro.

O contrato de investigação estava prestes a terminar e, para minimizar custos, os britânicos optaram por fazer dragagens. Com um braço de uma tonelada, os especialistas retiraram do fundo do mar 247 relíquias, entre elas moedas de bronze, sertãs de ferro, um cinto de placas de ouro com 575 gramas e 1,7 metros de comprimento e muita porcelana, quase toda partida.

Os achados foram transferidos para a Administração Estatal do Património Cultural da China e os arqueólogos concluíram que o tesouro era datado da Dinastia Song do Sul. Como aquilo nada tinha a ver com o barco dos britânicos, foi ordenado o término dos trabalhos de prospecção, o que aconteceu a 12 de Agosto.

Reviravolta na arqueologia

Com o intuito de proteger as relíquias escondidas no fundo do mar, e devido a um maior interesse dos 'caçadores' de tesouros estrangeiros, o Governo chinês começou a investir fortemente na arqueologia subaquática. Abriam-se acções de formação com cursos de mergulho, construíram-se embarcações para dar suporte às investigações marítimas e formaram-se especialistas na área.

Depois de 15 anos de muito trabalho de preparação, as autoridades decidiram, em Outubro de 2003, que era hora de levantar o junco do fundo do mar. Em Novembro daquele mesmo ano, o Governo da Província de Guangdong iniciou a construção do Museu Marítimo na Ilha de Hailing,





lhões de yuans e tem capacidade para receber 6000 pessoas de uma só vez, mas os limites para cada dia são de 3000 visitantes. Todas as peças e placares expostos encontram-se legendados em chinês e inglês.

O museu, dividido por dois andares e oito secções, apresenta no salão de entrada um ecrã que vai passando um filme com imagens gráficas de como a operação da recuperação do barco foi efectuada. Na grande sala do rés-do-chão estão expostos objectos encontrados no distrito de Yangjiang, como um enorme tambor da Dinastia Han do Leste, com 0,82 metro de altura e 1,42 metro de diâmetro, descoberto em 2009, assim como vidros coloridos da Dinastia Tang e minerais da região.

Além de mapas antigos como o de Heródoto de 450 a.C. e de Homero, há um mapa da Dinastia Song dos países estrangeiros e referências à história da navegação fenícia. Referidos estão os Deuses do Mar, como Poseidon da Grécia, a deusa Mazu (A-Má) da costa Leste do Sul da China e Zhurong, o deus do Mar do Sul, estas duas últimas divindades chinesas representadas em estátuas.

onde deveria estar localizado o museu que exibiria o Nanhai n.º 1

A Ilha de Hailing era um local com grandes potencialidades turísticas ainda por explorar, assim como encontrava-se próximo de onde o Nanhai n.º 1 iria ser resgatado e trazido para junto a terra, pois o projecto inicial era o museu ficar sobre a água. A ideia de um museu inteiramente marítimo não avançou, e foi então projectado para as areias da praia de Shiliyintan um museu com uma arquitectura inovadora: um edifício que representa um barco ao avesso, não havendo paredes planas, só curvas representando o casco. A sensação que se tem no seu interior é a mesma que estar dentro de um barco, mas com a estrutura invertida, voltada para fora e aberta. As suas ondulantes curvas projectam o mar à sua frente.

A 8 de Abril de 2007 começaram os trabalhos para retirar o Nanhai n.º 1 da água, que ficaram concluídos a 22 de Dezembro, com a ajuda de uma enorme embarcação grua. O contentor com o junco da Dinastia Song entrou no edifício principal do museu a 28 de Dezembro. Aí, numa ampla sala, fora construído um enorme tanque cujo ambiente tinha as condições mais favoráveis para o preservar. Ao

lado, um outro edifício comprido, em forma rectangular, complementa o edifício do museu, sendo onde se encontram os serviços de apoio.

Visita guiada

Aberto ao público em 24 de Dezembro de 2009, o museu custou 220 mi-

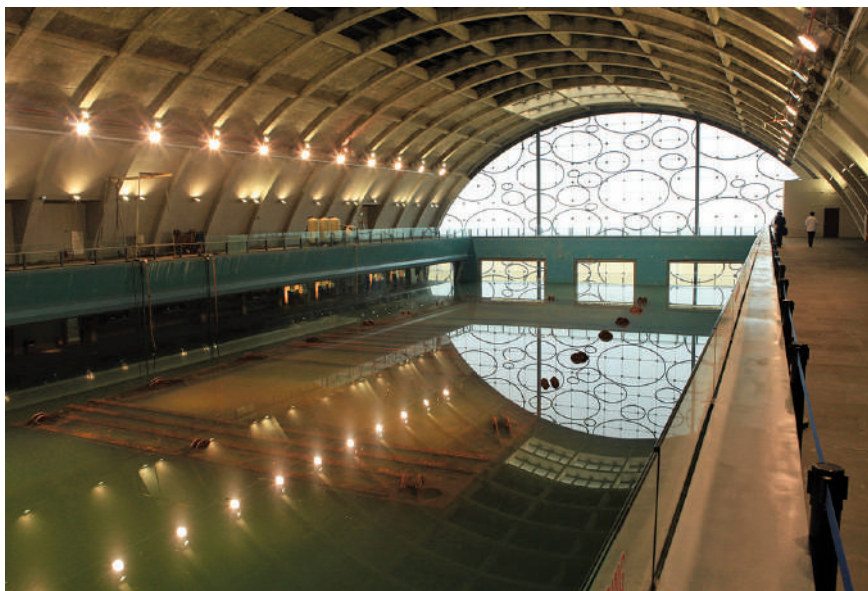


ABERTO AO PÚBLICO EM 24 DE DEZEMBRO DE 2009, O MUSEU CUSTOU 220 MILHÕES DE YUANS E TEM CAPACIDADE PARA RECEBER 6000 PESSOAS DE UMA SÓ VEZ

Ao lado do pavilhão central do edifício, fica o Palácio de Cristal, no qual se encontra uma piscina com 60 metros de comprimento, 40 de largura e uma altura de água de 12 metros, a um nível mais baixo do que a areia, já que a água para a encher vem do mar e é mudada regularmente.

Os cuidados com a temperatura da água são grandes, para não permitir que as bactérias se desenvolvam e reproduzir o ambiente do local onde o barco passou mais de 800 anos. Como o mar se encontra em frente ao museu, estão no primeiro andar as salas com as peças mais importantes para, em caso de inundação, a água a elas não chegue.

Já no primeiro andar desse pavilhão vê-se uma enorme janela virada para a praia, que serviu de porta de entrada ao contentor, onde o barco foi transportado, e repousa agora no centro da piscina. Passando de sala em sala e ainda no primeiro andar, encontra-se um fato de mergulhador vestido por um manequim dentro de um tanque fechado com água. Na restante parte da sala, o chão coberto por vidros deixa ver areia e conchas a representar o fundo marinho, e nas paredes laterais,



fotografias que contam histórias ligadas com a actividade subaquática.

Aí se explica ter a arqueologia subaquática começado no século XIX e o equipamento de mergulho (scuba) ser uma invenção da marinha francesa de 1943. Também se lê o que um arqueólogo japonês disse ao ver o que fora encontrado no Nanhai n.º 1: “Nos mu-

seus do Japão apenas existem três peças de porcelana *yingqing* azul-branco, agora vocês acharam um barco inteiro cheio delas”.

Voltando ao rés-do-chão, após descer as escadas onde a popa está representada, os mastros colocados em diferentes posições dão uma envolvente ao visitante, fazendo-o sentir



ZHAPO, UM BOM PORTO DE ABRIGO

A cidade de Yangjiang (阳江) é o ponto de passagem para a Ilha de Hailing (海陵島), onde a Sudoeste se encontra Zhapo, uma das seis mais importantes vilas piscatórias da China. Serve-nos de base para provar bom peixe e marisco, uns dias de praia e visitar o Museu da Rota Marítima da Seda de Guangdong.

Há autocarros que partem de Gongbei, na fronteira de Zhuhai com Macau, para Yangjiang, capital do distrito com o mesmo nome. A partir daí transitamos para um autocarro mais pequeno que nos leva a Zhapo (闸坡). A viagem de 300 quilómetros faz-se em cerca de três horas e meia. Encontrar alojamento não é tarefa difícil, já que Zhapo está já preparada para servir o turismo. A grande maioria dos resorts e complexos hoteleiros situam-se ao longo da baía Da Jiao (大角湾).

Todas as manhãs chegam ao porto centenas de barcos de pesca e daí partem camiões carregados de peixe e marisco vivo para todo o país. O número e a variedade de embarcações demonstram a vitalidade deste porto, onde uma grande parte da população desta vila tem o seu ganha-pão. A variedade de peixe é enorme e o número de marisco apresentado nos aquários dos restaurantes revela estarmos num sítio ideal para os provar. Para além de diferentes tipos de camarão e caranguejos, é-nos apresentado o limulus (*Tachypleus tridentatus*), um dos animais mais antigos ainda existentes, com 300 milhões de anos, cujo corpo é coberto por uma carapaça, a esconder as inúmeras patas e uma cauda.

Na China, quando há um grande respeito por alguém, ou por alguma coisa, nunca se chama pelo nome. E é assim

que a população local também trata o peixe, o seu ganha-pão diário. Nunca o designa por *yu* (peixe) referindo-o como *san sin* (fresco).

Ao peixe, que simboliza a embarcação, não se deve cortar a cauda pois é como partir-lhe a popa. Tampouco pode-se virá-lo após comer um dos seus lados, já que acredita-se que traz má sorte ao pescador pois virar o peixe é como virar o barco de quem o trouxe à terra. A sul do porto encontram-se muitos viveiros de peixe e ostras, havendo restaurantes sobre a água a servir de ancoradouro aos barcos de pescadores, que aqui embarcam turistas para experimentar uma hora de faina.

Com o sol a raiar 300 dias por ano (referido num cartaz turístico), entre Abril e Novembro a temperatura média da água do mar é de 22 graus. A baía Da Jiao (大角湾) tem a maior parte das praias da vila, mas está vedada na parte central aos que sem pagar pretendem atravessar a pé pela areia e Ma Wei Dao (马尾岛), onde se encontra um pequeno templo a Beidi. Situada ao lado do porto e de frente a uma ilha verdejante com um farolim, na maré baixa fica transformada em península, com acesso por uma língua de areia. Pequena enseada de águas tranquilas e pouco profundas, qual piscina natural, é o melhor local para assistir ao pôr-do-sol.

Mas a grande praia, com 5,7 quilómetros de comprimento de areia prateada é Shiliyintan (十里银滩), distante quatro quilómetros de Zhapo. Para se chegar ao Museu Marítimo da Rota da Seda, a passagem por Shiliyintan é quase obrigatória.





no interior de um barco. No que parece ser o convés principal, expositores mostram objectos, como um espelho em bronze, alguns pregos e peças de cerâmica.

De seguida, uma entrada ao estilo árabe leva-nos a mapas e quadros temáticos, como “A Idade das Descobertas”, “Comércio Marítimo” e imagens de estrangeiros que à China chegaram como São Francisco Xavier, Mateus Ricci, Ibn Batutta e Bodhidharma, o monge indiano que introduziu o Budismo Chan na China. Viajantes chineses também aí estão representados como o monge budista Yi Jing (635-713), que fez uma peregrinação ao Oeste embarcando em Cantão num barco persa, e o mapa da viagem de Zhou Daguan, que em 1296 partiu de Wenzhou e ficou durante um ano no Camboja, tendo escrito um livro sobre Angkor, então capital. Mais à frente, um mapa onde luzes indicam as sete viagens realizadas por Zheng He, encontrando-se ao lado o seu busto.

Num recanto, fotografias antigas de Cantão ladeadas por placas de cobre gravadas em relevo mostrando diferentes embarcações estrangeiras que aí chegavam e, ao lado, placares explicativos fazem referência ao Guangzhou Shisanhang (os 13 hongts em Cantão), apresentado em imagem.

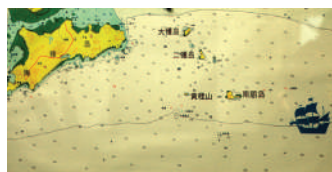
Relíquias

Umhas escadas levam à proa do barco e ao subi-las entramos na sala mais importante do museu, onde estão expostas algumas das peças mais bem conservadas achadas durante o resgate do barco. Há exemplares de cada um dos diferentes tipos de porcelana encontrada e outras peças como parte de um objecto lacado, anéis e pulseiras em ouro. Já o cinto banhado a ouro foi para o Instituto Provincial de Relíquias Culturais e Arqueológicas de Guangdong. Estima-se haver entre 60 a 80 mil peças no interior do junco e dos objectos já retirados, cerca de 4000 foram transferidos, em 2004, para o Museu Nacional em Pequim.

Muitos dos pratos não tinham as formas usadas na China, o que indi-

ca que foram feitos por encomenda e são provenientes de diferentes localidades, dado que se comprova devido ao uso de variados fornos: há peças de Hutian em Jingdezhen, na Província de Jiangxi; de Longquan na Província de Zhejiang, e de Fujian, dos fornos de Dehua, de Cizao situado a Sudoeste de Quanzhou e de Yi, do forno dragão em Mingqing.

Descendo ao rés-do-chão, numa sala ampla a representar um barco,



cujo leme está ligado a um simulador, um grande ecrã ocupa toda a parede e vai mostrando imagens da costa e percursos de navegação. Os visitantes podem agarrar no leme e pilotar o ‘barco’, podendo guia-lo pela costa a partir de Cantão até alcançar outros portos.

No regresso a pé a Zhapo, podemos avistar ao longo do caminho gravuras gravadas em pedra que representam os diferentes tipos de embarcações que existiram na China. ■

No regresso a pé a Zhapo, podemos avistar ao longo do caminho gravuras gravadas em pedra que representam os diferentes tipos de embarcações que existiram na China. ■

No regresso a pé a Zhapo, podemos avistar ao longo do caminho gravuras gravadas em pedra que representam os diferentes tipos de embarcações que existiram na China. ■



FESTA DAS
RAPARIGAS SOLTEIRAS
OU DAS SETE IRMÃS
(七夕節)



T FERNANDO SALES LOPES
F TATIANA LAGES

O CLÁSSICO dia dos namorados chinês, o duplo sete como também é designado por ocorrer no sétimo dia da sétima Lua, calha neste ano no dia 28 de Agosto do calendário gregoriano. O Festival Qixi (七夕), ou Qiqiao (乞巧) em mandarim, nasceu da lendária história de amor entre Niu Lang e Zhinu, conhecida pela história do “pastor de vacas e a menina tecedeira” (牛郎织女, 牛郎織女) filha do Imperador de Jade

*Historiador, Mestre em Relações Interculturais

Como sucede com todas as lendas, também esta não está fixada em nenhuma versão única, sendo todas as existentes, contudo, unânimes quanto ao facto central, isto é a aventura amorosa entre uma princesa celestial e um pobre terreno pastor de vacas, personagens principais a que se juntam o Imperador de Jade e a Rainha-mãe. A datação do início da comemoração da festividade na China é atribuída ao tempo da Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.).

Os protagonistas da história são Niu Lang (Ngâu-Lóng em cantonês), um pobre pastor de vacas, e Zhi Nu (Tchêk Nui em cantonês), uma das filhas do Imperador de Jade, que irão viver um amor profundo mas proibido, quer pelo mundo quer pelos deuses.

Niu Lang, órfão de pais, jovem solteiro, vivia com o irmão mais velho e a cunhada. Era um rapaz simpático e trabalhador que passava os dias pastoreando os animais e colhendo ervas para seu sustento, arranjando também tudo o que fosse necessário para o bom governo das suas propriedades. Mas nem tudo era perfeito nesta suposta harmonia familiar. A cunhada não gostava dele e tentava constantemente convencer o marido a mandar embora o irmão, com o intuito de se apossar de todo o gado e terras deixados em herança pelo sogro. Porém o marido, que conhecia bem o irmão, não se deixava contaminar pelas histórias da mulher, até ao dia em que ela o atingiu com seta certa, ao inventar que o irmão, na sua ausência, a tinha tentado seduzir.



NA FESTA DA LUA OLHA-SE PARA O CÉU PARA VER A LUA CHEIA, TENTANDO ENCONTRAR SEONG NGÓ E O COELHINHO FABRICANDO AS PÍLULAS DA IMORTALIDADE. JÁ NA FESTA DAS RAPARIGAS SOLTEIRAS CONTEMPLA-SE A VIA LÁCTEA E PROCURA-SE VEGA E ALTAIR, AS ESTRELAS QUE PERSONIFICAM OS AMANTES SEPARADOS PASSANDO SOBRE A PONTE CRIADA PELAS PEGAS

Expulso de casa pelo irmão mais velho, o castigado pastor apenas levou consigo um velho búfalo que pertencera a seu pai. O que Niu Lang não sabia era que o búfalo tinha poderes, e que tinha sido com a sua ajuda que o pai conseguira deixar aos filhos um bom pecúlio, de que ele agora tinha sido afastado. Para seu espanto, o animal, falando com voz humana, deu-lhe os conselhos necessários para a escolha dos melhores campos para as sementeiras de arroz e para a criação de gado, conselhos que o jovem seguiu e que, na prática, resultaram produtivos na fertilidade das sementeiras e na qualidade dos animais. Para que a vida corresse bem só lhe faltava uma companheira.

UM SONHO E UM AMOR IMPOSSÍVEL

Uma noite, Niu Lang visionou em sonhos uma bela donzela a seu lado, num lar harmonioso onde não faltavam crianças correndo pela casa. Acordou num sobressalto como se a visão fosse uma realidade. Saiu pela madrugada para um passeio à beira rio com o búfalo, a quem contou o sonho, o qual de imediato lhe deu a notícia de que em breve teria uma companheira. Ora acontece que, nesse mesmo tempo, uma das filhas do Imperador de Jade, Zhinu, a mais prendada de todas e a tecedeira dos mais belos trajes da corte celestial, cansada do contínuo, rotineiro e infundável trabalho, desafiou as irmãs para descerem até à terra para se divertirem e usufruírem de tudo o que a terra lhes podia dar, gozando um descanso merecido.

Passando pela floresta frondosa por onde serpenteava o rio, o pastor apercebeu-se de um restolhar como se alguém se escondesse, e olhando para o local de onde vinha o som, viu que no rio se banhavam, brincando e gargalhando, sete raparigas. Niu Lang ao ver de longe Zinu ficou preso à sua beleza, condição que não passou despercebida ao búfalo, que aconselhou o pastor a esconder a roupa da bela tecedeira.

As irmãs, ao verem o que acontecia, voaram para os céus deixando a irmã na terra. Zinu, triste e desiludida, chora desesperada gritando e implorando pelas suas roupas e o pastor respondeu ao apelo indo buscá-las mas fica estarecido a olhar para a linda princesa. Dizia o costume que, como a tinha visto nua, seria obrigado a casar-se com ela. Contudo, não foi preciso lembrá-lo porque logo ali ele a pediu em casamento e caíram de imediato nos braços um do outro.

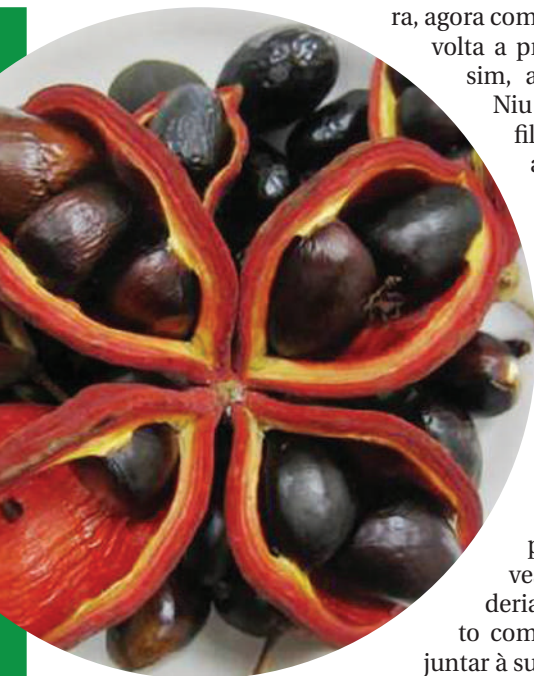
Conta-se que pouco tempo depois nasciam dois gémeos, formando assim uma família feliz e plena de amor. Porém, a felicidade não seria eterna já que o Imperador de Jade e a Rainha-mãe, começaram a ficar preocupados com a longa ausência da filha na terra, pois, para além do mais, as divindades começavam a queixar-se da falta de roupagens novas tecidas por quem tão bem as criava.

O Imperador e a Rainha mandaram emissários à terra que voltam com a má nova de que Zhinu tinha casado com um mortal, que tinha filhos desse casamento e vivia bem feliz. O Imperador de Jade prepara então uma manobra para recuperar a sua filha, mandando os enviados de regresso à ter-

A ESSÊNCIA FEMININA

A Festa das Raparigas Solteiras e a Festa da Lua são festas essencialmente femininas, com algumas semelhanças nas suas práticas, e até nas mitológicas lendas que as consubstanciam, com amantes separados e amores frustrados pelos deuses (pais) com a clemência ou perdão que permite um reencontro, físico ou não, dos amantes através de pontes para as estrelas ou planetas, assim como a simbologia da água.





ra, agora com a missão de levarem de volta a princesa tecedeira. E assim, acontece. Na terra fica Niu Lang com os seus dois filhos, choroso por perder a sua amada e por nada poder fazer, pois aos mortais está vedada a possibilidade de voar até aos céus. É então que o velho búfalo revela a sua amizade e compaixão pelo amigo pastor, dando-lhe conta de que em breve morreria e que, logo que tal acontecesse, deveria o pastor tirar-lhe a pele e vesti-la pois, com ela, poderia voar até ao firmamento com os seus filhos para se juntar à sua amada no céu.

E assim aconteceu. Niu Lang vestiu a pele do búfalo, colocou cada um dos filhos em seu cesto que carregou numa pinga e voou até ao céu para que a família se reunisse e a felicidade fosse eterna, mas a aventura ainda não terminara. No momento em que os dois se estão a aproximar, a Rainha-mãe, tirando um gancho dos seus cabelos, riscou o céu separando os amantes, criando assim a via láctea que os apartaria para sempre. O choro lancinante da princesa levou a rainha a convencer o Imperador de Jade a permitir que, uma vez por ano, no duplo sete, o casal se possa reencontrar por uma noite. E é nesta



noite — a do sétimo dia da sétima Lua — que todas as pegadas da Terra, aves da felicidade na cultura chinesa, formam uma ponte sobre a Via Láctea, conhecida pelos chineses como “rio de prata”, por onde os amantes passam para se juntarem. Uma noite de alegria para a família que se reúne, uma aurora de tristeza na hora da separação, por isso a lenda assinala que, pela ma-

EM VIAS DE EXTINÇÃO — COM RARAS EXCEPÇÕES NAS ZONAS RURAIS DO INTERIOR DO PAÍS — ESTA FESTA TRADICIONAL ENCONTRA-SE COMPLETAMENTE DESCARACTERIZADA EM TODAS AS SUAS VERTENTES NAS GRANDES CIDADES, SEJA NA EVOCAÇÃO DO AMOR, SEJA NA IMPORTÂNCIA DOS LAVORES NA EDUCAÇÃO DAS RAPARIGAS

drugada neste dia, cai sempre uma chuvinha leve que são as lágrimas de Zhinu na hora da despedida.

AS IRMÃS DO SETE-ESTRELO

As sete irmãs da lenda chinesa, que muitos afirmam ter tido origem no Japão, mais não são do que as Plêides, constelação mitológica em quase todas as culturas e civilizações, que deram origem a variadas lendas. As sete estrelas mais brilhantes do conjunto estelar, são na designação mitológica grega Asterope, Mérope, Electra, Celeno, Taígete, Maia e Dríope. Desde sempre o homem teve grande atracção por estas estrelas bem visíveis da Terra a olho nu, atribuindo-lhe grande importância como indicadores das fases agrícolas, assim como guias na navegação.

Apenas por curiosidade, e porque o mundo é pequeno, refira-se que Mérope, na mitologia grega, foi também condenada pelos deuses do Olimpo por se ter casado com um mortal (todas as suas irmãs se uniram a divindades). Por essa razão ter-se-á escondido por vergonha, e é por isso que Mérope é uma estrela que não se consegue ver.

AS COMEMORAÇÕES EM MACAU

Socorro-me de Luís Gonzaga Gomes e Leonel Barros para descrever como se comemorava em Macau a Festa das Raparigas. Escreve Leonel Barros que o ritual começaria com as raparigas solteiras, acompanhadas das criadas, a deslocarem-se a um poço à meia-noite do sexto para o sétimo dia da sétima lua. Dele tiravam água com a qual enchiam recipientes ao mesmo tempo que pediam a bênção das sete irmãs. A água, que se cria estar abençoada por elas, seria guardada em garrafas para ser utilizada quando a saúde fraquejava, de modo a curar as maleitas.

Eram também as jovens solteiras que se dedicavam à decoração do altar das suas casas, que seria exposto ao exterior, e que “iria prender a atenção das visitas e dos transeuntes, merecendo os mais rasgados elogios”. Os sinais simbólicos da lenda também estavam a cargo das raparigas que colocavam folhas de toranja flutuando em vasos de água, simbolizando o banho das sete irmãs, e faziam crescer



APESAR DE ESQUECIDA, OU TRANSFORMADA, A FESTA DAS RAPARIGAS SOLTEIRAS, PELA SUA IMPORTÂNCIA CULTURAL E PATRIMONIAL, FOI CLASSIFICADA PELO CONSELHO DE ESTADO, EM 2006, COMO PATRIMÓNIO INTANGÍVEL DA CHINA JUNTAMENTE COM O FESTIVAL DA PRIMAVERA E O FESTIVAL DO BARCO DRAGÃO



em pequenos pratos searas de arroz, como símbolo da prosperidade do pastor.

Gonzaga Gomes denomina a efeméride como “A festividade da Deusa dos Lavores”, colocando assim a tónica na importância da destreza feminina. Escreve que, na passagem do sexto para o sétimo dia, as donzelas “que aspiravam ser exímias na arte de costura e de lavores não conseguiam dormir tranquilas tal era a sua preocupação, pelo que pela madrugada se levantavam correndo para os pátios e quintais das casas, a interpretar o significado da ténue sombra, projectada pela enigmática agulha lançada anteriormente em alguidar repleto de cristalina água (...) Mas, aí daquelas que a agulha caprichara em formar filiforme sombra de palito! Teriam de se esconder envergonhadas sob a inexorável chacota das suas companheiras que as perseguiriam implacável e cruelmente, por a sorte as não ter destinado para os delicados trabalhos de agulha”. ■

arteperiférica

GALERIA

Telas que questionam a realidade virtual

T HÉLDER BEJA **F** PAULO CORDEIRO
Em Portugal

O artista plástico Sylviye Lei, mais recente vencedor do Prémio Fundação Oriente/Artes Plásticas, inaugurou em Junho a exposição “Sequência Dimensional”, na galeria Arte Periférica, em Lisboa. A MACAU esteve à conversa com o artista que decidiu reflectir sobre o espaço virtual que atravessa o nosso quotidiano



FALTAM POUCAS horas para a abertura da exposição “Sequência Dimensional” na galeria Arte Periférica, à entrada do Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa, e Sylviye Lei parece descontraído antes de apresentar aquela que é a sua primeira mostra individual na Europa. Vencedor do Prémio Fundação Oriente/Artes Plásticas 2016, o artista nascido em Macau há 31 anos mereceu a distinção antes entregue a jovens criadores como Lai Sio Kit, Eric Fok, Lai Sut Weng e Karen Yung, com um trabalho que aborda a realidade virtual na sociedade contemporânea – acima de tudo o contacto quase permanente com ecrãs de que é feita a vida quotidiana nas cidades desenvolvidas.

Faz calor em Lisboa nesta tarde de Junho. Turistas fotografam-se com câmaras digitais e telemóveis junto ao CCB e ao Mosteiro dos Jerónimos. Na cafetaria deste centro cultural, há quem trabalhe ao computador e quem leia no iPad ou no Kindle. A luz, essa, tem a força habitual que o sol imprime sobre a capital portuguesa, mas essa luz natural não é a única aqui presente, como aponta Sylviye Lei. “O que quero expressar é que na nossa vida do dia-a-dia estamos sempre em contacto com a luz artificial dos ecrãs dos computadores e telemóveis. Dependemos destas luzes e destas cores, que vêm desses ecrãs, para fazermos a nossa vida e para entrarmos nesse espaço virtual da nossa existência”, diz o artista.

Sylviye Lei passa a maior parte do tempo em centros urbanos. Nascido numa Macau diferente da de hoje mas já a desenvolver-se, frequentou a Escola Secundária Hou Kong e, quando chegou a hora de pensar no ensino superior, decidiu-se pela Academia de Belas-Artes de Cantão, onde completou licenciatura e mestrado. “A minha família tem uma relação com a pintura e a arte. Na minha casa convivi muito facilmente com as cores e as tintas quando era criança. O meu pai é pintor e, durante a escola secundária, nos meus tempos livres, sempre pintei”, conta.

Em Cantão, veio a formação clássica. “Soube que havia essa universidade que me permitiria continuar a pintar,

NASCIDO NUMA MACAU DIFERENTE DA DE HOJE MAS JÁ A DESENVOLVER-SE, FREQUENTOU A ESCOLA SECUNDÁRIA HOU KONG E, QUANDO CHEGOU A HORA DE PENSAR NO ENSINO SUPERIOR, DECIDIU-SE PELA ACADEMIA DE BELAS-ARTES DE CANTÃO

então decidi inscrever-me.” Em 2008 regressou a Macau, onde continuou a criar ao mesmo tempo que dava aulas de pintura. Mas depressa resolveu regressar à Província de Guangdong, para fazer o mestrado. “Posso dizer que, durante os sete anos de estudo em Cantão, aprendi exclusivamente pintura clássica. Então, porque é que evolui para esta forma mais abstracta e conceptual? Porque percebi que, mesmo na pintura clássica, os pintores estão sempre a trabalhar com o espaço e a luz. Usei estes dois conceitos, espaço e luz, como pontos de partida. A luz é um elemento muito importante no impressionismo, mas a luz nos nossos dias não é a mesma que existia no período dos impressionistas. Hoje em dia a luz vem também desse espaço virtual. Por isso tive de usar essa luz moderna, a luz desse espaço virtual, para poder criar. Gosto de extrair este tipo de elementos básicos para criar o meu universo e desenvolver os meus trabalhos.”

Jogo de contrastes

É possível olhar à distância as pinturas de Sylviye Lei que preenchem as paredes da Arte Periférica e não perceber que se trata de uma série de trabalhos a óleo sobre tela. As cores esbatidas e as formas geométricas remetem, de facto, para um ambiente virtual que não associamos com facilidade a uma das mais tradicionais formas de pintura. Poderia pensar-se que se trata de impressões digitais de alta qualidade, a partir de imagens criadas e processadas em computador.

É neste jogo – ainda que inconsciente – entre tradição e modernidade que reside o interesse do trabalho de Sylviye Lei, pintor que assume a admiração por Mark Rothko, um dos mestres do abstraccionismo expressionista. “Uso óleo

porque é o material com o que mais estou familiarizado. Quero usar materiais simples, que julgo poder controlar bem, para expressar as minhas ideias, e esta é a melhor forma de expressá-las.”

Afinal, que ideias e que artista se escondem por trás destes trabalhos? Há aqui uma crítica ao modo cada vez mais



virtualizado da existência humana, ou apenas uma vontade de questionar este estado de coisas? “O que faço é questionar essa realidade. Só posso deixar o público ter diferentes sensações questionando o que me rodeia”, prossegue o artista, que admite ser também ele “uma pessoa que usa muito os ecrãs”. “Vivo numa cidade moderna, portanto tenho de usar sempre um telemóvel.”

Na China como em Portugal, tarefas que vão da mais elementar leitura de notícias e da consulta do estado do tempo, ao pagamento e compra de diferentes bens e serviços, muito do que antes requeria visitas a diferentes lojas e departamentos se faz agora *online*. “Nós, as pessoas que vivemos em

Macau, estamos a fazer tudo – pagar o cartão de crédito, fazer compras, enviar encomendas – estamos a fazer todas estas actividades nesse espaço virtual. Essa foi a motivação para fazer esta série de trabalhos”, refere Lei.

Ao debruçar-se sobre o tema, foram surgindo outras descobertas, como as formas que começou a encontrar ao apreciar os diferentes ecrãs com que coabita. “Descobri que este espaço virtual é composto de formas e imagens geométricas que estão nos ecrãs. Se ampliarmos um ecrã, encontramos uma série de imagens geométricas. Então, tentei recriar na pintura este espaço virtual, através de formas geométricas.” O pintor fala de “camadas que

são como as costelas do espaço virtual e que servem para deixar a audiência penetrar e viver esse espaço”, sendo que o mais importante para Lei é “que o público pense sobre este espaço virtual, se é algo bom ou mau para nós”.

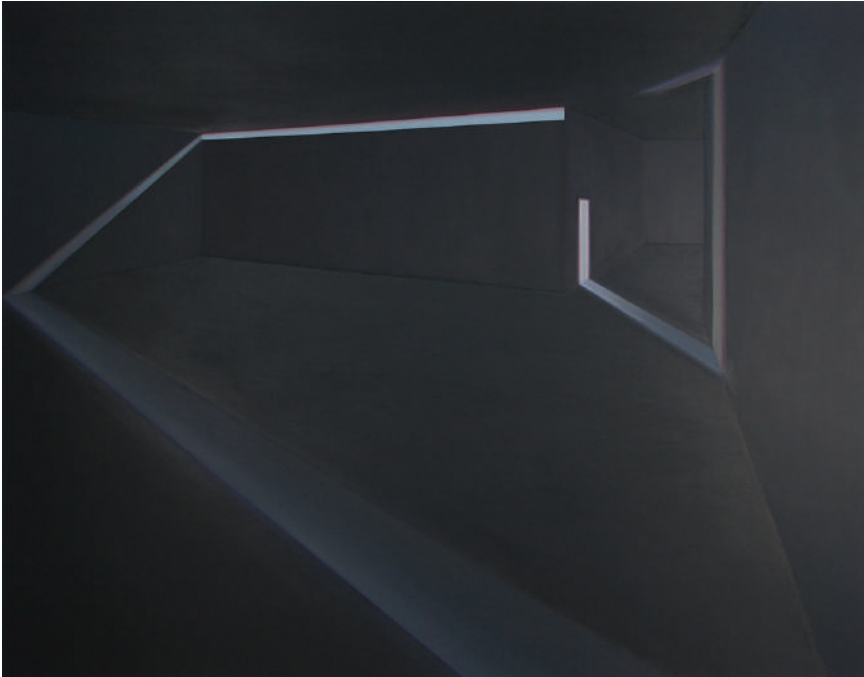
Apesar de evitar fazer juízos de valor, o universo virtual parece-lhe sempre um lugar desprovido de emoções e sentimentos. Nas suas pinturas, as cores servem para acrescentar essa nota emotiva. “Não darei uma definição para cada cor e cada emoção, porque as cores têm significados diversos para diferentes pessoas. Há quadros que são obviamente felizes, o cor-de-rosa que está bastante presente, depois a transposição da cor para lilás e para azul... há qualquer coisa muito sensual ali e, quando uso o azul, sinto essa sensualidade e excitação, mas essa é a minha definição, a definição do público pode ser diferente. Para mim, quando entro neste espaço sinto que é um espaço muito sensual, que me transmite felicidade.”

Arte que viaja

A primeira exposição individual de Sylviye Lei aconteceu em 2011, em Taiwan, com o título “Steal Into”. Seguiram-se “Emptiness” (2011), “Echo”



À PRIMEIRA EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL DE SYLVIYE LEI ACONTECEU EM 2011, EM TAIWAN, COM O TÍTULO “STEAL INTO”. SEGUIRAM-SE “EMPTINESS” (2011), “ECHO” (2013) E “LIGHT” (2014), TODAS NA SUA CIDADE NATAL. NOS ÚLTIMOS ANOS, O AUTOR PARTICIPOU EM VÁRIAS MOSTRAS COLECTIVAS COM OUTROS JOVENS ARTISTAS PLÁSTICOS DE MACAU



(2013) e “LIGHT” (2014), todas na sua cidade natal. Nos últimos anos, o autor participou em várias mostras colectivas com outros jovens artistas plásticos de Macau, como o pintor Lai Sio Kit e a escultora Ann Hoi. O prémio que lhe foi atribuído pela Fundação Oriente, e que contempla um valor pecuniário de 50 mil patacas e uma residência de um mês em Portugal, é a mais importante distinção já conseguida por Lei.

“Nunca antes tinha entrado nesta competição, foi apenas depois de alguns amigos terem participado e dado um bom feedback que decidi submeter o meu trabalho. O mais importante, para mim, é ter esta possibilidade de vir à Europa e deixar que as pessoas daqui vejam os meus trabalhos. Estou muito contente com esta exposição, sinto que esta série é muito mais madura que as anteriores”, nota. Agora, a ideia passa por “perceber e experimentar se os trabalhos são aceites aqui, ver qual é a reacção das pessoas a este espaço virtual”.

Em Lisboa, Sylviye Lei diz não sentir “as tensões da cidade”. “Não sinto que esteja numa cidade, como acontece em Macau. A vida aqui permite-

-me pensar profundamente, porque tenho o espaço e a atmosfera para poder pensar sobre alguma coisa a um nível muito profundo.” Do trabalho de preparação da mostra “Sequência Dimensional”, destaca o apoio recebido. “Em Macau, se quero apresentar uma exposição, tenho de ser eu a preparar tudo. Aqui, tenho mais pessoas para ajudar e mais tempo para preparar. O que é realmente bom é as pessoas da galeria terem dado as suas opiniões, muito profissionais, sobre como apresentar os meus trabalhos.”

Ainda antes da inauguração da mostra, algumas das pinturas de Lei estão já reservadas por compradores. O artista, porém, prefere não valorizar esse facto

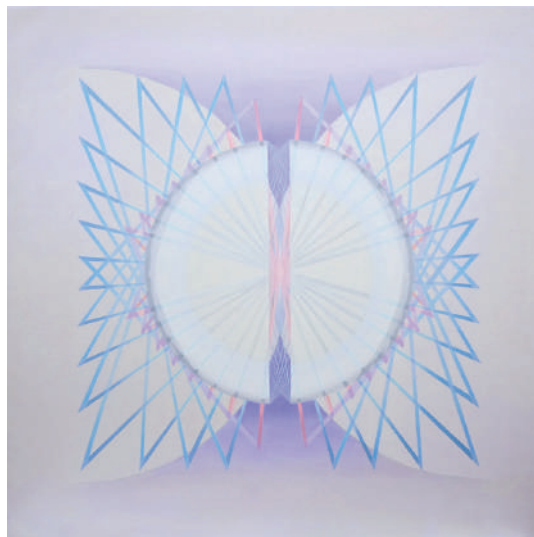
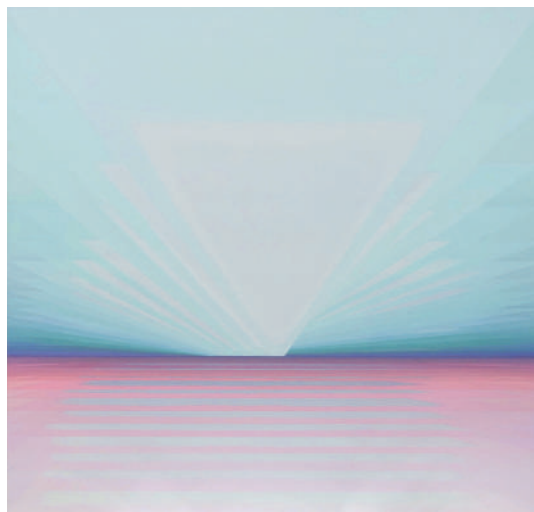
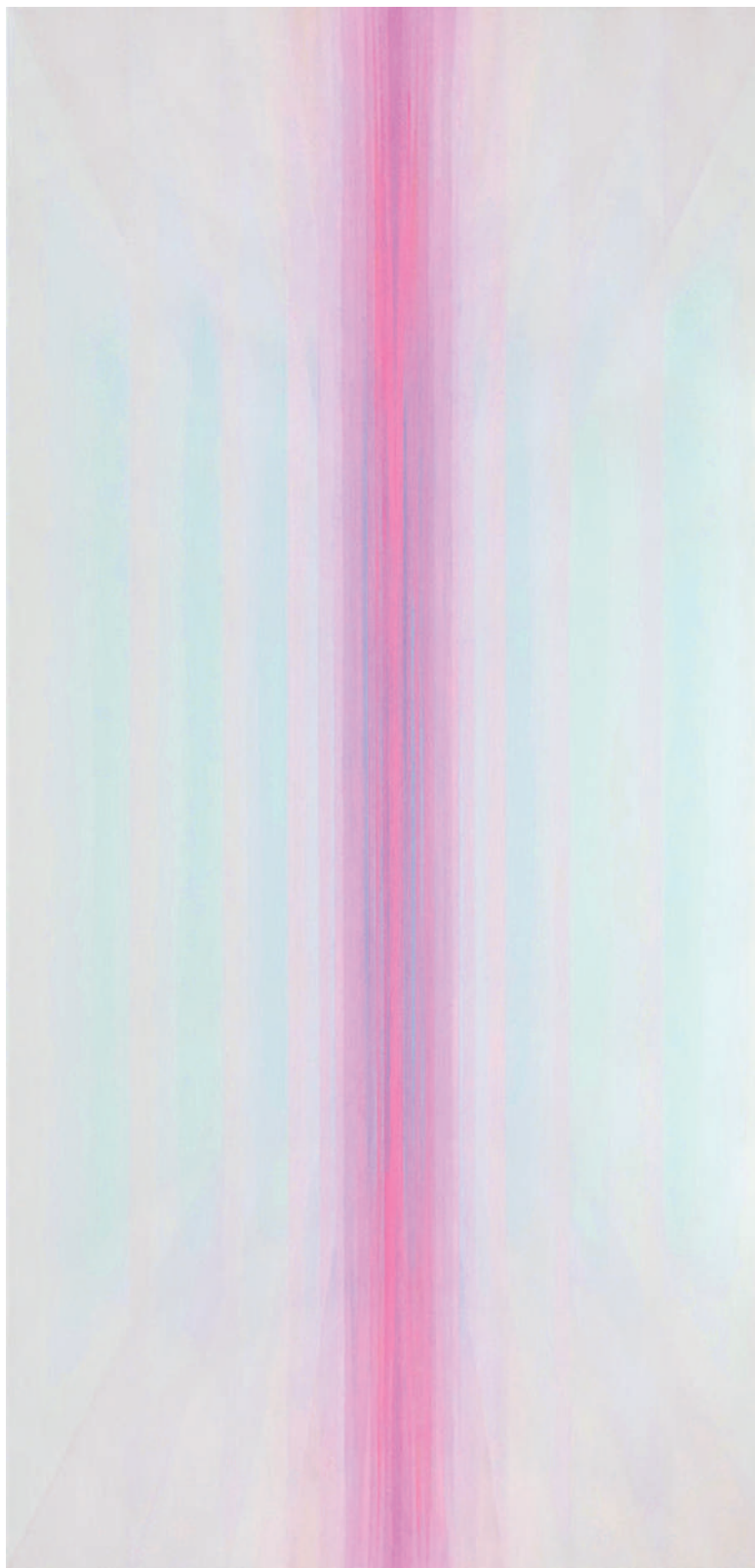
LEI ACREDITA QUE TANTO OS MALES COMO AS VANTAGENS DO TEMPO EM QUE VIVEMOS SÃO TRANSVERSAIS A GRANDE PARTE DO MUNDO

em demasia. “Não me atrevo a pensar que o meu trabalho possa vender muito bem aqui, ainda que algumas pessoas já tenham reservado parte das minhas pinturas. Em Macau, normalmente, as pessoas não têm qualquer reacção face às minhas pinturas, e, portanto, isto deixa-me satisfeito, mas o que quero mesmo é ouvir o feedback do público, porque é a minha primeira vez com uma exposição na Europa”, diz.

Lei acredita que tanto os males como as vantagens do tempo em que vivemos são transversais a grande parte do mundo. O fascínio com a realidade virtual, por exemplo, explica-o assim: “Superficialmente a nossa vida tem imensas repetições e pode parecer invariável, mas quando as pessoas entram no espaço virtual já não é assim. Quando entramos nesse espaço, é como se voltássemos a ter o controlo de alguma coisa que não controlamos na vida real.”

Sylviye Lei faz parte de uma geração de artistas de Macau que é provavelmente a primeira a tentar profissionalizar-se, mostrar o seu trabalho noutros países e regiões, e dedicar mais tempo à criação artística. “Na minha opinião, os artistas desta geração, como Lai Sio Kit, eu e outros ainda mais jovens, têm colocado imensos esforços no desenvolvimento da cena artística [do território]. Acho que todos os artistas em Macau, os mais jovens, deveriam focar-se em pensar nos principais elementos do trabalho artístico, porque os nossos trabalhos ainda são um pouco superficiais. Na verdade, isto não acontece apenas em Macau. Noutras cidades, por todo o mundo, as pessoas estão sempre em contacto com imagens, todos os dias. Recebemos demasiadas imagens e ficamos cansados desse mundo visual. Consequentemente, se um trabalho artístico é mais simples e mais directo, é mais fácil para as pessoas aceitá-lo.”

É exactamente essa tentação simplista que Lei considera ser preciso contrariar: “Ainda que também seja interessante expressar algo directamente, eu sou o tipo de pessoa que quer pensar sobre alguma coisa mais profundamente, não apenas à superfície.” ■



ARTE INSPIRA VERÃO

A InspirArte apresenta este ano cerca de 350 eventos e aposta na organização de *workshops* para estimular a criatividade dos mais jovens e, quem sabe, descobrir talentos

A InspirARTE teve início em Junho deste ano, mas estende-se até ao final de Agosto. Com mais de 350 eventos, a edição de 2017 apostou em *workshops* orientados por artistas e profissionais de todo o mundo direccionados para todas as idades, desde crianças a adultos. A ideia é estimular a criatividade e, quem sabe, descobrir talentos. Do cinema de animação e marionetas, à arte dos palhaços, maquilhagem e canto a capella, estes “*workshops* técnicos trazem uma dimensão mais profissional às artes performativas, incluindo sessões de fotografia teatral, construção de adereços complementados por *design* musical e representação”, escreve em comunicado o Instituto Cultural da RAEM.

Entre 3 e 6 de Agosto, o público de Macau poderá ver “Puzzle”, uma “peça de dança colorida” da Lituânia, que vai “despertar a imaginação” dos mais novos. A companhia Dança Teatro Dansema explora “um mundo delicioso e familiar, das formas geométricas aos frutos, dos vegetais às flores”, salienta ainda a organização. Nomeado pelo Ministério da Cultura da Lituânia como o melhor espectáculo infantil, “Puzzle” é também a primeira peça de dança contemporânea daquele país a ser criada exclusivamente para crianças entre um e quatro anos. A Dansema

começou por promover esta forma de arte para os mais novos em 2007 e, desde então, tem conquistado públicos internacionais, da Croácia à Suécia, passando pela China e Estados Unidos. Este ano destaque ainda para a sétima arte. Entre 4 e 28 de Agosto, vai ser projectada no pequeno auditório do Centro Cultural de Macau uma série de oito filmes internacionais para o público infanto-juvenil. A mostra de cinema inclui um pouco



de tudo: animação, documentários e longas-metragens. “Cada filme retrata uma diversidade de vivências e retratos sociais, captando diferentes culturas em registos cinematográficos diversos”, diz a organização. A *Caixinha do Papá* de Taiwan é um dos filmes que chega ao grande ecrã. Do realizador Tsai Yinchuan, esta película é uma “abordagem suave aos sentimentos de perda, luto e lenta recuperação” e conta a história de Lan, um rapaz de nove anos que perde o pai. Um dia, Lan recebe uma misteriosa encomenda postal enviada pelo pai antes de morrer. Trata-se de um relógio antigo que deixou de trabalhar e é então que o jovem decide arranjar o objecto, na esperança que o restauro dos velhos ponteiros lhe dê respostas a uma série de questões que guarda no coração. Outros momentos do InspirARTE. Entre 10 e 13 de Agosto, “Ecos da Nossa Infância” (Macau), vai levar o público para o palco, num espectáculo que pretende estimular a interacção dos mais novos com os actores. Da coreógrafa Chan Chi Cheng e do músico taiwanês Chi Po Hao, “Ecos da Nossa Infância” mistura dança, representação e esculturas sonoras. De Inglaterra chega “A Menina dos Fósforos” (11 a 13 de Agosto), o clássico de Hans Christian Andersen, adaptado à dança-teatro pelo coreógrafo Arthur Pita. “Numa gélida véspera de Natal, uma menina percorre as ruas desertas, tentando desesperadamente vender caixas de fósforos. Esfomeada e com frio, é à luz do último fósforo que uma visão da sua avó a leva céu escuro acima, para longe dos problemas, rumo à luminosa lua”, desvenda o Centro Cultural de Macau na sua página oficial. Este Verão dedicado às artes encerra com “InspirARTE à Solta”, uma celebração que vai juntar milhares de crianças e pais no Átrio do Centro Cultural de Macau. Um dia para as famílias, que através de *workshops* criativos e espectáculos ao vivo, deverão dar asas à criatividade.

MAIS NO CINEMA INSPIRARTE EM FESTA

**Bailarina**

Félicie é uma jovem órfã da Bretanha que tem uma única paixão: a dança. Com o melhor amigo Victor, que quer ser um grande inventor, preparam um plano para fugirem do orfanato e rumar a Paris. Dos realizadores Eric Summer e Eric Warin, esta é uma co-produção franco-canadiana.

4 e 26 de Agosto de 2017

**Molly a Monstrinha**

Molly será brevemente a irmã mais velha e enquanto prepara um presente para a mais nova, os pais têm de ir para longe chocar o ovo. É a primeira vez que a Molly se separa da família e, depois de partirem, descobre que lhe deixaram um pequeno presente. A aventura de Molly, de Ted Sieger, Michael Ekblad, Matthias Bruhn, é uma colaboração entre a Alemanha, Suécia e Suíça.

5 e 27 de Agosto de 2017

**Mundo Nosso**

Depois de vencer o Urso de Cristal em 2014 com a curta-metragem *Sprout*, o sul-coreano Yoon Ga-eun estreou-se nas longas-metragens com um conto sobre amizade e decepção entre duas meninas. No Verão, Sun, de origens humildes, conhece Jia, recém-chegada à cidade, de quem se torna amiga. Mas no regresso à escola, as diferenças sociais entre as duas tornam-se evidentes.

5 e 27 de Agosto de 2017

**Aterro Filarmónico**

O filme segue a Orquestra Reciclada de Cateura, um grupo musical paraguaio que toca instrumentos feitos a partir de lixo. Quando a sua história se torna conhecida, a orquestra inicia um percurso que a leva a concertos esgotados em grandes salas. No entanto, a comunidade é atingida por um desastre natural e o director Favio Chávez tem de encontrar forma de manter o grupo unido e a esperança na cidade.

6 e 26 de Agosto de 2017

Ver programação completa em:
www.ccm.gov.mo



UM BÁRBARO E UM COIOTE NA CHINA

Para o projecto “Constelação”, o francês Nicolas Delaroche fotografou 30 colecções de arte privadas em cinco cidades chinesas. Agora, o público está convidado a explorar estas imagens através de sete telescópios e a recriar todo o processo de trabalho do artista. Depois vem o Coiote

T CATARINA DOMINGUES

Na série “Primeira Vista”, em exposição no salão principal da Galeria do Tap Seac, temos acesso a 80 fotografias de colecções de arte privadas na China. Imagens que, inicialmente, podem causar estranheza a quem entra neste espaço – pela dimensão (média) e disposição (aleatória?) com que foram expostas nas paredes brancas da galeria. Cabe ao visitante agora tentar entender

a relação que têm com o espaço. A experiência completa-se no centro deste salão, onde foi colocada uma plataforma circular com sete telescópios apontados para as duas paredes laterais e para os grupos de fotografias. É-nos dada a possibilidade de fazer *zoom*, observar estas constelações fotográficas de perto.

“Primeira Vista”, a primeira das três séries expostas pelo artista francês Nicolas Delaroche nesta galeria, intitula-se também “Um Bárbaro na China”, sendo que o artista utiliza o termo “bárbaro” para caracterizar um estrangeiro que observa os contrastes de uma outra cultura, estudando e absorvendo um mundo que vê pela primeira vez. A série integra a mostra “Constelação”, resultado de uma residência artística de Delaroche em 2016 na Academia Chinesa de Artes, em Hangzhou. Ao longo de quatro meses, o francês passou ainda por Xangai, Pequim, Qingdao e Hong Kong, onde fotografou um total de 30 colecções de arte privadas.

“A China é o principal mercado de arte mundial. O que me leva a pensar: o que significa esse dado, em termos de colecções de arte? Que variáveis e invariáveis produzem a mudança de ambiente e as referências culturais sobre

uma colecção de arte? Que *feedback* e colisões apareceriam no tecido das percepções? Que linguagem produz o colecionador de arte privada? Como são as casas desses colecionadores? Como são as casas desses colecionadores?”, pode ler-se numa introdução do autor à obra. São questões que serviram de ponto de partida a Delaroche, que transformou as obras fotografadas na sua própria criação artística e que espera agora que o público percorra o seu próprio caminho: a recriação do processo de trabalho do artista, o pensar sobre o significado de expor ou coleccionar obras de arte a partir de um novo ponto de vista.

“Nicolas questiona, de forma inovadora e intrigante: será que a própria arte se aproximaria da vida quotidiana, se



o público pudesse interagir de forma mais íntima com os objectos artísticos? As criações artísticas ganharão uma outra definição se vistas à distância? Com a sua forma única de expressão, ele convida-nos para uma interessante viagem de pensamento filosófico e apreciação artística”, escreve Leung Hio Ming, presidente do Instituto Cultural, sobre o trabalho exposto.

Na passagem para a segunda sala encontramos “O Rochedo”, instalação que pretende recriar a paisagem desértica do filme de animação *The Road Runner* (história de um coioote que atormenta o ‘bip-bip’). Através de um tecido branco, nasce uma escultura insuflada gigante. “A colocação deste trabalho no centro da Galeria do Tap Seac gera uma conexão entre o público e as obras de arte; na realidade, a exposição utiliza de forma hábil as características espaciais da galeria e permite ao público apreciar a arte através de experiências espaciais e corporais”, lê-se ainda numa nota do Instituto Cultural.

A última série do artista francês, intitulada “As Aventuras do Coioote na China”, está ligada à instalação anterior. São pinturas a preto e branco, baseadas em imagens do filme *The Road Runner*. “Modifiquei com elementos da minha pesquisa sobre colecionadores e com impressões da minha estadia na China”, revela o artista.

Nicolas Delaroche nasceu em 1985 em Laon, França, e reside actualmente na Suíça. Mestre em arte contemporânea, é licenciado em fotografia e já expôs em vários países, incluindo França, Itália e Estados Unidos. A investigação levada a cabo pelo autor centra-se na ligação entre as obras de arte e o contexto em que são expostas. Nos trabalhos sobre colecções de arte que tem desenvolvido, Delaroche não tem como objectivo primordial identificar estas obras, antes destacar as conexões, conceptuais e formais, entre os objectos e as circunstâncias em que são expostas.

ATÉ 8 DE OUTUBRO
GALERIA DO TAP SEAC
ENTRADA LIVRE

www.revistamacau.com



Destroços

“Destroços – Obras de Alexandre Farto aka Vhils” integra o programa da 28.ª edição do Festival de Artes de Macau e apresenta mais de 20 trabalhos, incluindo quatro novos murais em três espaços de Macau (Escola Portuguesa de Macau, Rua dos Clérigos e Rua Direita Carlos Eugénio, n.º 1). Além de novas peças em painel, feitas a partir de cartazes das ruas de Macau, são apresentadas na mostra esculturas e vídeo em câmara lenta, capturado nas ruas da cidade.

ATÉ 5 DE NOVEMBRO DE 2017
VÁRIOS LOCAIS E OFICINAS
NAVAIS N.º1 – CENTRO DE ARTE
CONTEMPORÂNEA

Entrada livre

Cem Espécies

Utilizando o cianótipo, um antigo processo de impressão fotográfica baseado no tempo de exposição à luz, Peggy Chan explora a relação entre os indivíduos, a cidade e a natureza. Através de colagens e o registo de fenómenos ecológicos do dia-a-dia, a artista de Macau tenta descobrir se as regras que governam a relação entre as espécies e o ambiente vão sofrer ou não estranhas mudanças.

ATÉ 13 DE AGOSTO DE 2017
MUSEU DE ARTE DE MACAU

Entrada livre

História do Fabrico do Canhão

O processo de experimentar vários jogos na mostra “História do Fabrico do Canhão – Exposição sobre Experiência Infantil” pretende estimular os mais novos a aprenderem sobre a história de Macau. Estão disponíveis seis áreas de jogos educacionais, com decorações coloridas, e que têm como objectivo criar um ambiente de aprendizagem para crianças dos três aos oito anos.

MUSEU DE MACAU
ATÉ 20 DE AGOSTO

Entrada livre para residentes

MAK, O DRAGÃO TRILINGUE



Mak, O Dragão Amigo da Cidade é uma série de 13 livros infantis da autoria de Bernadette Terra. As aventuras do dragão verde e de um grupo de amigos estão disponíveis em português, chinês e inglês e revelam várias facetas de Macau, que vão além dos casinos e do jogo. “Há inspiração em toda a cidade, nas suas gentes, património e cultura”, revela a autora à MACAU

T CATARINA DOMINGUES

Das mãos de Bernadette Terra nasceu o Senhor Panda, um condutor de autocarro, a vaca Mowie, amiga de confiança, e o cão Luke, inspirado no animal de estimação da própria autora. São personagens que fazem parte do mundo animado de Mak, um dragão verde e amarelo que veste uma t-shirt branca – as três cores da bandeira da RAEM. Assim que Bernadette Terra começou a pensar neste grupo de amigos, não

parou mais de escrever. Nascia assim *Mak, O Dragão Amigo da Cidade*, uma série de 13 livros infantis com versões em três línguas – chinês, português e inglês. Na obra, o simpático dragão vai introduzindo Macau aos amigos. Juntos visitam pontos turísticos da cidade, passam por restaurantes, provam iguarias tradicionais.

Oriunda das Filipinas, Bernadette Terra está há vários anos em Macau. Este projecto, sublinha, é também uma homenagem à cidade que a acolheu. “Macau fez de mim esta pessoa que sou hoje, nunca pensei que escreveria algo”, refere a autora, admitindo a paixão que sempre teve pela literatura infantil e pela escrita criativa.

A trabalhar na Escola Internacional de Macau (TIS) como assistente de educação, foi o contacto com os mais novos que inspirou as aventuras de Mak e dos amigos. Depois foi só “criar algo que fizesse sentido”, refere a escritora, admitindo que quis revelar as várias facetas da região. “Em Macau, há inspiração em toda a cidade, nas suas gentes, património e cultura. Está tudo aqui”, diz.

A equipa que deu vida às histórias é composta por um grupo de amigos, incluindo Natsumi Agrada Kurisaki (ilustração), Isabel Silva Goitia (edição e tradução para português), Adele Vickers (edição inglesa), Viviana Chan (edição chinesa), Peggy Chan e Winny

PARA LER



Uma Bibliografia da Literatura de Macau 1600-2014

Wong Kwok Keung
Instituto Cultural

Segundo volume da *Colectânea do Museu de Literatura de Macau – Série História*. De acordo com o Instituto Cultural, o autor seleccionou “uma bibliografia com mais de 6000 volumes relacionados com a literatura de Macau”, procurando “apresentar o estado de desenvolvimento da literatura em língua chinesa, portuguesa e inglesa no âmbito da literatura de Macau”.



Carlos D'Assumpção - Um Homem de Valor

Celina Veiga de Oliveira
Albergue Santa Casa da Misericórdia, 2017

A obra trilingue (chinês, português e inglês) sobre Carlos D'Assumpção, antigo presidente da Assembleia Legislativa de Macau, inclui um conjunto de fotografias e

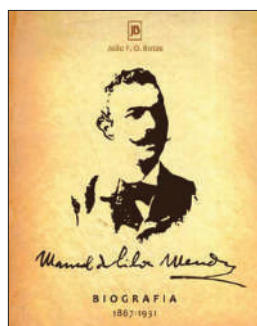
documentação que até agora não tinham sido reveladas ao público. Trata-se do segundo volume da *Colecção MacauFotoBios*, um projecto que reúne fotobiografias de personalidades da comunidade macaense.

volumes. “Quando tivermos dinheiro, porque é financiado por mim, é uma edição de autor.” A distribuição tem sido o “maior problema”, aponta ainda a jovem. “Estou em contacto com vários lugares, na maioria livrarias, mas é muito difícil penetrar o mercado.”

Os livros destinam-se a crianças entre os três e dez anos e dez por cento dos lucros das vendas revertem a favor da Associação do Desenvolvimento Infantil e outros dez por cento para a Associação para os Cães de Rua e o Bem-Estar Animal em Macau.



Cheang (tradução chinesa), Alice Wong (coordenação do projecto), Exzha Beah Ubogan (paginação) e Jenifer Imperial (autora do *design* gráfico para promoção dos livros). Para já foram publicados dois números – *Mak e Amigos* e *Visitantes de Mak* – mas a ideia é ir lançando a cada seis meses os restantes 11



Biografia de Manuel da Silva Mendes 1867-1931
João Botas
Instituto Cultural, 2017

No ano em que se celebram os 150 anos do nascimento de Manuel da Silva Mendes, João Botas lança a biografia do autor, que além de professor e reitor do Liceu de Macau, foi também advogado e sinólogo. A obra tem 184 páginas e mais de 200 imagens, incluindo fotografias e documentos

inéditos. As ilustrações são da autoria de Adalberto Tenreiro, António Conceição Júnior, Charles Chauderlot, Eric Fok e Miguel Chinopa.



Macau Histórico e Cultural
António Aresta

Livros do Oriente, 2016

Ao longo de mais de 350 páginas, o docente e escritor António Aresta reúne vários textos sobre o pensamento de figuras importantes na história e cultura de Macau, como Charles Boxer, Luiz Gonzaga Gomes, Joaquim Guerra ou Arquimínio

Rodrigues da Costa. Aborda também vários aspectos da história da cidade ao longo dos tempos.



TEMPLO DE KUN IAM 1940



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

O **TEMPLO** de Kun Iam, também conhecido como Pou Chai, é um dos maiores templos da cidade. Situado na Avenida do Coronel Mesquita, foi fundado no final da Dinastia Ming, em 1627, e restaurado várias vezes ao longo dos tempos. Esta fotografia, cedida pelo Arquivo Histórico de Macau, data da década de 40 do século passado.

Reza a história que, entre 1621 e 1627, chegou ao local um monge em fase de formação monástica, que pendurou numa árvore uma imagem da deusa da Misericórdia, Kun Iam, e começou a pedir esmolas. O número de devotos e o volume de donativos foi aumentando, a ponto de possibili-

tar o financiamento da construção de um pequeno pavilhão budista, que serviu para angariar mais apoios para a construção do templo.

No interior do espaço existem três salões, dispostos de forma contígua e paralela, ligados por pátios, e uma coleção de obras de conceituados pintores e calígrafos. São várias as histórias de Macau ligadas a este espaço religioso. Foi neste local, por exemplo, que foi assinado, em 1844, o Primeiro Tratado Sino-Americano de Mong-Há. Conta-se ainda que dois amantes, impedidos de casar pela família, se suicidaram no local. No sítio onde morreram abraçados, acabariam por nascer duas árvores com os troncos entrelaçados.



SENTIR **MACAU**
Ao Seu Estilo



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macaotourism.gov.mo

第 **29** 屆
th

澳門 MACAO

國際煙花比賽匯演

International Fireworks Display Contest



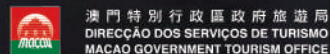
29.º Concurso Internacional de Fogo de Artifício de Macau

2, 9, 16, 23/9, 1/10/2017

21:00 & 21:40

旅遊塔對出海面 / Baía frente à Torre de Macau / Sea Area in front of the Macau Tower

主辦單位 | Organizador | Organizer



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE



國際煙花比賽匯演
Concurso Internacional de Fogo de Artifício
International Fireworks Display Contest

媒體合作夥伴 | Parceiro de comunicação social | Media Partner



澳門廣播電視股份有限公司
TDM - TELEDIFUSÃO DE MACAU, S. A.

